

MARIA DE LOURDES BODNAR

**REGIONALISMOS EM COMUNIDADE GAÚCHA:
O CASO DE DOURADOS (MS)**

Três Lagoas - MS

2006

MARIA DE LOURDES BODNAR

**REGIONALISMOS EM COMUNIDADE GAÚCHA:
O CASO DE DOURADOS (MS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Lingüísticos).

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

Três Lagoas - MS

2006

AGRADECIMENTOS

Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do tudo quanto pedimos ou pensamos. Por que me socorres com amor, hoje e sempre. Obrigada DEUS!

A meus queridos pais Iracema Bodnar, pelo apoio espiritual e José Bodnar (*in memoriam*)

Dr^o Dercir Pedro de Oliveira, pela competência, por ter me orientado, pela infinita paciência e compreensão.

Msc. Glória de Oliveira que, direta ou indiretamente me apoiou nessa jornada de trabalho.

Dr^a Maria Emilia Borges Daniel minha contraponto, pela amizade, pela sensibilidade, pela preocupação, e a quem recorri, pelas sugestões valiosas, pelo apoio pela incrível disponibilidade que sempre demonstrou em ajudar-me para que concluísse meu estudo.

Eva Mercedes Martins Gomes, pela amizade, pela acolhida carinhosa, pela disponibilidade que sempre demonstrou em ajudar-me.

Querida amiga Msc. Iromar Maria Vilela, que me incentivou desde o início dando-me força, os seus conselhos, seu carinho, porque sempre soube me entender e sabia o quanto eu me dedicava ao mestrado, sem seu apoio eu nunca teria chegado ao fim do mestrado.

Msc. Daniel Derrel Santee e Msc. Carolina Santee, pela amizade e crença na solução de problemas do meu computador.

Msc. Horácio dos Santos Braga, pela amizade, e principalmente pela ajuda.

MSc. Regina Célia Vieira, pela amizade, pela torcida e contribuição importante.

Msc. Sandra Hahn, pela amizade, pela torcida.

Dr^a Rosana Cristina Zanelatto Santos, pela amizade, pelo auxílio nos momentos difíceis.

Dr^a Maria Adélia Menegazzo, pela amizade, pela torcida.

Dr^a Rosângela Sigrist, querida amiga, pelo apoio inestimável, pelos conselhos sem os quais este trabalho não existiria e, principalmente, porque sempre soube me entender e sabia quanto eu me dedicava ao mestrado.

Daniela Gomes Loureiro que formatou a Dissertação.

Dr^a Cristina Brandt Nunes, Dr. Rogério Carlos Sanfelice Nunes e meu querido afilhado Eduardinho, pela acolhida carinhosa, pelo encorajamento, pela preocupação, apoio inestimável, pelas importantes contribuições sem as quais este trabalho não existiria.

A Jane, Msc.Eduardo André e crianças, amigos especiais, pela paciência que tiveram comigo, pelas importantes contribuições e, principalmente, ao Adinho pela idéia que contribuiu para este estudo, pelas suas broncas ocultas, seu carinho e cuidados comigo.

A sra. Íria e sr. Arnaldo Drews,queridos amigos, pela acolhida sempre carinhosa, pela amizade valiosa, pelo apoio, pela preocupação sem medida, pelos conselhos, pelos pensamentos positivos, pelas caronas sem as quais este trabalho não existiria.

Dr^a Irene e Eng^o Ralf e crianças, queridos amigos de muito tempo pelo apoio, presença amiga e confortadora nos momentos em que precisei, pela acolhida, pelas orações, parte de minha mudança.

Prof^a Marguit e Eng^o Genhold Schratner e meu afilhado Romam, queridos amigos, pela presença confortadora, pelas orações, pelo carinho que sempre demonstraram por mim.

A Jordana, Mário e crianças queridos amigos, pelas orações, obrigado por guardarem parte de minha mudança ajuda inestimável.

A sra. Isaura, querida amiga, pela acolhidas, pelo carinho, preocupação e por guardar parte de minha mudança.

A Ana Cristina de Barros Toledo Giurizatto, Marcelo Giurizatto e crianças, queridos amigos embora morando fora do Brasil, sempre estiveram comigo nas horas difíceis.

Ao Rogério e Daniela, meus sobrinhos que com “ganas” souberam “segurar as pontas” assumindo minha mãe, a Gládis, a Bianca e o Lucas.

A prof^a Sueli e Sr. Alziro de Barros Toledo, queridos amigos, pela amizade que sempre demonstraram por mim, pelo carinho, pela preocupação, pelo apoio, pelos conselhos, pela acolhida de sempre.

A prof^a Solange de Albuquerque, querida amiga, pela amizade, preocupação, apoio, empréstimo do apartamento, ajuda inestimável sem a qual nunca teria chegado ao fim do mestrado.

Dr^a Marlene Durigan, pela preocupação, e pela sensibilidade demonstrada.

Lúcia Helena Tavares de Freitas, secretária do Departamento de Letras UFMS Grande, pela amizade, pelo apoio.

Dr^a. Lori Gressler, querida amiga, que me auxiliou intermediando contatos, doando seus livros e mostrando-se solícita para qualquer informação que necessitei.

A PROPP, pelo auxílio da meia bolsa que recebi ,por 4 meses, que me ajudou nas muitas viagens a Três Lagoas.

*Ao senhor Alfredo Brandt e senhora Mônica Brandt.
Tudo que sou devo a vocês.
(sem comentários)*

Dize pois, chibolete, quando dizia sibolete, não podendo exprimir bem a palavra, então, pegavam dele e o matavam nos vaus do Jordão. Juizes 12:6. BIBLIA de Estudo de Genebra

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise do vocabulário de 9 informantes pertencentes a um grupo de pessoas naturais do Estado Rio Grande do Sul, vivendo atualmente em Dourados (MS), freqüentadores de um Centro de Tradições Gaúchas-CTG. O estudo partiu da hipótese de que a influência da variação lexical na fala dos gaúchos é mais preservadas nos adultos.

Os jovens, devido à escola e a comunidade, perderam, de certo modo, as marcas do vocabulário de sua origem, apesar de já levarem carga considerável de influência de outras variedades lingüísticas, por estarem vivendo fora do Rio Grande do Sul. O objetivo da pesquisa foi averiguar e levantar as variantes nos aspectos lexicais e fonéticos da língua dessa comunidade. A metodologia, para obtenção dos dados, foi elaborado um questionário lexical que serviu de roteiro das entrevistas que foram gravadas em fitas cassetes e transcritos os dados, organizados em campos lexicais. Para a realização deste estudo, consideramos variáveis lingüísticas e, também, extralingüísticas, fundamentando-nos para a análise dos resultados, em Teorias da Variação lingüística (Labov, 1996). Posteriormente, procedeu-se à análise quantitativa das variantes, correlacionando-as com sua ocorrência entre os grupos considerados. Os resultados obtidos com a análise variacionista da comunidade investigada revelaram que dentre as variáveis extralingüísticas, o contexto “faixa etária” dos falantes -com idade acima de 56 anos - mostraram-se mais preservadores do vocabulário de sua origem, enquanto que os falantes mais jovens - com idade de 18 a 35 anos – tendem mais as inovações lingüísticas.

Palavras chave: Sociolingüística, variação e regionalismo.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the vocabulary used by 9 informers belonging to a group of people born and raised in the State Rio Grande do Sul, at present residing the town of Dourados, State of Mato Grosso do Sul, who are regulars at a Center of "Gaúcho" Traditions - CTG. The study is based on the hypothesis that the influence of the lexical variation in the speech of the gaúchos is most preserved by adults. Youngsters, due to school and community, have lost, as so to speak, the marks of the vocabulary of their origin, in spite of having received a considerable load of influence from other linguistic varieties, due to their livelihood away from the state of Rio Grande do Sul. The objective of the research was to verify and pinpointing the variants in the lexical and phonetic aspects of the language of that community. The methodology used for obtaining data was the elaboration of a lexical questionnaire that served guideline for the interviews that were recorded on cassette tapes and the data were transcribed and organized by lexical fields. For the accomplishment of this study, we considered linguistic and non linguistic variables, based on Theories of the linguistic Variation (Labov, 1996) for the analysis of the results. Later, a quantitative analysis of the variants was made, correlating them with their occurrence among the considered groups. The results obtained from the variation analysis of the community investigated revealed that among the non-linguistic variables, the context "age group" of the speakers - aged above 56 - were those who preserved their original vocabulary the most, while the younger speakers - aged from 18 to 35 – are more open to linguistic innovations.

Keywords: Sociolinguistics, variation and regionalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE GAÚCHA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS (MS).....	20
1.1 Fisionomia da Região.....	20
1.2 Os Migrantes Gaúchos em Dourados (MS).....	22
CAPITULO II - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	27
2.1 A língua.....	27
2.2 Língua, fala e cultura.....	29
2.3 Variação lingüística: língua e falante.....	33
2.4 O espaço de enunciação e o problema da língua.....	35
CAPITULO III - APORTE METODOLÓGICO.....	37
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	37
3.2 Delimitação do Problema.....	38
3.3 Amostra.....	39
3.4 Levantamento de dados e organização de técnicas de coleta de dados.....	40
3.5 Procedimento para tratamento dos dados e codificação.....	41
CAPÍTULO IV - DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS LEXICAIS.....	44
4.1 Aspectos lexicais.....	44
4.2 Análise e discussão dos resultados da variação lexical.....	78
4.3 Discussão dos resultados da variação lexical.....	94
CAPÍTULO V – DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS FONÉTICOS.....	97
5.1 Aspectos fonéticos.....	97
5.2 Definição das variáveis.....	98
5.3. Corpus.....	99
5.4 Resultados.....	100
5.5 Discussão dos resultados absolutos e percentuais totais.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
ANEXO I – MAPAS.....	136
ANEXO II – FICHA DOS DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE.....	139
ANEXO III – FICHA DOS DADOS DO MUNICÍPIO DE DOURADOS (MS).....	140
ANEXO IV – QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO.....	141

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Distribuição fator sexo	39
TABELA 2- Distribuição fator faixa etária.....	39
TABELA 3 - Distribuição fator Escolaridade	40
TABELA 4 - Distribuição fator Classe Social	40
TABELA 5 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Acidentes Geográficos uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função de faixa etária	81
TABELA 6 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária	83
TABELA 7 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Flora uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária.....	85
TABELA 8 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Fauna a uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária.....	87
TABELA 9 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Características Físicas a uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária	89
TABELA 10 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Cultura e Convívio uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária	91
TABELA 11 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Trabalho e Atividade Agropastoril uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária	93
TABELA 12 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função do apagamento do /r/ final do infinitivo	102

TABELA 13 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo sexo.	102
TABELA 14 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo uma amostra em função do grupo faixa etária.....	103
TABELA 15 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo escolaridade	104
TABELA 16 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo classe social.....	104
TABELA 17 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo informantes	105
TABELA 18 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da monotongação de /ej/ em /e. 108	
TABELA 19 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo sexo.	108
TABELA 20 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis monotongação de /ej/ em /e/ da uma amostra em função do grupo faixa etária.....	109
TABELA 21 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo escolaridade.	109
TABELA 22 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da monotongação de /ej/ em /e uma amostra em função do grupo classe social.....	110
TABELA 23 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável da monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo informantes	110
TABELA 24 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z).....	112

TABELA 25 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo sexo.	112
TABELA 26 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo faixa etária.....	113
TABELA 27 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo escolaridade.....	113
TABELA 28 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo classe social.....	114
TABELA 29 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo informantes.....	115
TABELA 30 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da elevação de /o/ átona final a /u/	117
TABELA 31 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo sexo.....	117
TABELA 32 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo faixa etária.....	118
TABELA 33 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo escolaridade.....	118
TABELA 34 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo classe social.....	119
TABELA 35 - Distribuição do fator lingüístico, de acordo com o cruzamento entre a variante e o grupo informante. Tabela 23 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores	

lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u uma amostra em função do grupo informante..... 119

TABELA 36 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o**, uma amostra em função da realização da variável dependente 120

TABELA 37 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo sexo, uma amostra em função da realização da variável dependente. 121

TABELA 38 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo faixa etária, uma amostra em função da realização da variável dependente 122

TABELA 39 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo escolaridade, uma amostra em função da realização da variável dependente 123

TABELA 40 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) do entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo classe social, uma amostra em função da variável dependente 125

TABELA 41 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) cruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo informante, uma amostra em função da variável dependente 127

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - Resultado do léxico regional no contexto de sete tabelas (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11) e três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos, 56 anos em diante) 95
- FIGURA 2 – Distribuição de percentual de fatores lingüísticos **r, e, d, o** de acordo com a variável dependente em uma amostra de 5 indivíduos masculinos e 4 femininos 121
- FIGURA 3 - Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo sexualidade, considerando a variável dependente.... 122
- FIGURA 4 -- Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo faixa etária, considerando a variável dependente..... 123
- FIGURA 5: Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo escolaridade, considerando a variável dependente..... 124
- FIGURA 6 - Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo classe social, considerando a variável dependente..... 125
- FIGURA 7 - Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo informante, considerando a variável dependente 127

INTRODUÇÃO

O título desta dissertação, *Regionalismos em Comunidade Gaúcha: o caso de Dourados(MS)*, marca os limites de um terreno em que nos vamos mover, um terreno complexo, porém de grande interesse, tanto teórico como prático.

Nossa intenção vem a ser muito simples: reflexionar sobre a natureza da linguagem humana que é o meio pelo qual o homem se vale para expressar suas idéias, seus pensamentos e o modo de pensar da comunidade a que pertence. Assim, cada falante é usuário e autor modificador de sua modalidade de fala¹, e nela inscreve marcas geradas pelas novas situações com que se depara, sabendo que essas marcas estão condicionadas por traços dos contextos lingüísticos, classificados de fatores condicionadores da chamada variável lingüística.

Partimos de um princípio geral: a língua é variável e se manifesta de modo variável. A variação é definida como *as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade* (TARALLO, 1986:8). Este princípio supõe que os falantes recorram a elementos lingüísticos distintos a fim de expressar conteúdos distintos, uma vez que se podem usar elementos lingüísticos diferentes para dizer a mesma coisa.

O uso alternativo de formas diferentes de se dizer o mesmo é encontrado praticamente em todos os níveis da língua, desde o mais concreto (fonético, fonológico) ao mais amplo (discurso, por exemplo), passando pela gramática e pelo léxico. Com o propósito de explicar o funcionamento destes usos, se pode prestar atenção, separada ou conjuntamente, à forma como exercem sua influência os fatores lingüísticos e à forma como atuam os fatores extralingüísticos, isto é, os fatores históricos, geográficos, contextuais e sociais. Entre esses fatores sociais está, naturalmente, a profissão, a ocupação dos falantes.

Tratando-se, porém, de variedades lingüísticas, encontramos, dentre as várias ciências que tratam desse tema, a Sociolingüística, que estuda a língua em uso no seio de comunidades de fala, objeto de estudo deste trabalho, e sua atenção principal está voltada para um tipo de

¹ Dubois define falar como ... um sistema de signos que define um quadro geográfico estreito e é, também, uma forma de língua usada por um determinado grupo social. DUBOIS, Jean. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978: 266.

investigação que correlaciona aspectos dos sistemas lingüísticos e aspectos dos sistemas sociais.

Antes do advento da Sociolingüística, estudiosos Lingüistas comparatistas visaram reconstruir a língua primitiva do indo-europeu. Para tanto, estabeleceram comparações de famílias e subfamílias de línguas, do que resultou o interesse pelos dialetos. O estudo das variações, no âmbito da Sociolingüística, iniciou-se no século XX, com investigações *in loco*, desenvolveu-se e continua expandindo até os dias de hoje.

As teorias das variações lingüísticas destacaram-se, principalmente, na Europa e América do Norte e tem como um dos pioneiros Willian Bright que tentou definir o objeto da Sociolingüística, contribuindo com o progresso dos estudos lingüísticos e com a expansão das pesquisas dialetais.

Bright W, em suas investigações, entende que a diversidade lingüística deve considerar a ordem interacional: fala-em-interação social, formada por três fatores: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e o contexto. Desse modo, o estudo da diversidade envolve análises que emerge nos usos lingüísticos concretos e pode ser encontrada não só nos fatores internos à língua como em fatores externos ao sistema lingüístico, tais como: gênero, idade, escolaridade, estrato social e ambiente de comunicação. E para controlar um tipo específico de condicionamento, esses fatores se cruzam.

Mais tarde, quem aprofunda os estudos sobre a variação lingüística é o lingüista William Labov, que reluta contra o termo Sociolingüística, por achá-lo muito redundante, introduzindo nessa ciência a perspectiva de uma lingüística social. Dessas influências surgiram os primeiros estudos da Sociolingüística, no Brasil.

A variação lexical e fonética não é a única forma de variação existente na língua, mas foi o interesse em conhecê-la que nos fez enveredar por este assunto e, também, na tentativa de delimitar áreas dialetais, levando em conta especificamente que Mato Grosso do Sul, situado na região Centro-Oeste do Brasil, se caracteriza por ser uma região rica em dissertações, teses e trabalhos acadêmicos abordando o tema da variação lingüística, ocorrida em caracteres fonético e lexical. Além disso, pouquíssimos são os estudos sobre o linguajar gaúcho, principalmente, na comunidade gaúcha do município de Dourados (MS).

Outra razão que despertou nosso interesse em realizar este estudo sobre a comunidade gaúcha deve-se ao fato de que há, no município de Dourados, um Centro de Tradições Gaúchas-CTG², cujos freqüentadores e mentores, em sua maioria, são gaúchos, pessoas

² O CTG Querência do Sul foi fundado em 14 de janeiro de 1978. Edificado sobre andaimes da tradição gaúcha, está implantado numa área de 10(dez) hectares, adquiridas do produtor rural Wilson carneiro, em 1976, no km 9

naturais do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse clube, a tradição e cultura rio-grandense é vivida intensamente, isto é, todos os dias, eles se reúnem neste lugar a fim de conversar, jogar cartas, torneios de bocha, festas, rodeios. Dentre as várias festividades realizadas no CTG, destacam-se: concurso para eleger a primeira prenda, comemorações da Semana Farroupilha, no dia 20 de setembro; celebração da tradicional missa crioula; apresentações de danças folclóricas; canto coral, desfiles pelas ruas de Dourados. Em dias festivos, os rio-grandenses usam seus trajes típicos, comem o saboroso churrasco, não podendo faltar, também, o chimarrão. São lembranças do pago, transmitidas de geração a geração, fazendo parte de sua herança cultural e da socialização de seu grupo. A Prefeitura Municipal de Dourados é um dos órgãos públicos incentivadores da tradição cultural gaúcha no município de Dourados (BOLETIM CTG: 1976).

Além disso, no município de Dourados chama a nossa atenção a quantidade de nomes de ruas, edifícios e logradouros públicos, somando mais de 150 homenagens, em memória aos migrantes gaúchos que ali exerceram papel relevante, seja na fundação de cidades, seja na luta pela divisão do Estado de Mato Grosso do Sul e desenvolvimento econômico do município de Dourados.

Em nossa busca pelos cartórios da cidade encontramos o primeiro registro de casamento, nascimento e óbito de migrantes gaúchos no município de Dourados, datados desde 1915.

Partindo do princípio de que a realidade social e cultural de uma comunidade de fala é representada por meio do léxico³. Desse modo, o presente trabalho tem por principais objetivos averiguar e levantar as variações lingüísticas nos aspectos lexicais e fonéticos no contexto de fala, de migrantes gaúchos; analisar o uso dessas variantes, a interação entre os membros da mesma comunidade que, influenciados por fatores estruturais e sociais, marca tendências que variam de uma localidade a outra.

As hipóteses iniciais que nortearam a elaboração do trabalho buscam saber se a fala dos gaúchos seria mais preservada nos adultos, pois se supõe que os jovens, devido à escola e à comunidade, tenham perdido, de certo modo, as marcas do vocabulário⁴ e/ou a forma de

(nove), da rodovia que liga Dourados ao distrito de Itaum. Além do galpão de fogo, possui museu, amplo salão de baile e festas, restaurante, churrasqueiras, pavilhões de bocha e bolão, lanchonetes, piscinas, campo de futebol, e vôlei de areia, áreas de camping, pista de laço e estrutura campeira, biblioteca, departamento artístico (mirim/juvenil/adulto).

³ Léxico é o vocabulário da língua.

⁴ Vocabulário: (...) parte organizada do léxico, suscetível de inventário e de descrição.

expressar do Rio Grande do Sul. Assim, surgem os questionamentos: a mudança seria implementada lexicalmente, ou há motivação de cunho estrutural e social na implementação? Quem conserva mais o vocabulário, homens, mulheres, jovens, velhos, falantes escolarizados ou não escolarizados, falantes pertencentes a qual faixa social?

A proposta do trabalho que desenvolvemos buscou descrever a variação lexical e fonética do português falado na comunidade gaúcha do município de Dourados(MS), região Centro-Oeste do Brasil. Este estudo limitou-se a fazer uma análise sincrônica das palavras em variação. Tentar traçar o percurso histórico sobre o significado que estas palavras tiveram no passado foge à abrangência deste estudo. Porém, algumas ocorrências apresentam-se como formas arcaicas relacionadas a variável etária, o que confirma que a linguagem dos falantes mais idosos é a que menos sofreu transformações ao longo do tempo. Este trabalho está fundamentado nas Teorias da Sociolinguística Quantitativa. Os dados analisados são da oralidade. Foram analisados dados de um questionário lingüístico, a partir de entrevistas com 9 informantes, pessoas naturais do Rio Grande do Sul, vivendo há mais de 18 anos no município de Dourados. Os 9 falantes responderam a 212 perguntas, cada um, referentes aos contextos dos sete campos semânticos. O diálogo das gravações realizamos de forma direta, ou seja, informante e inquiridora. Após a gravação das entrevistas demos início as transcrições dos dados colhidos, que resultou um total de 1908 respostas. Desse total selecionamos 239 respostas que correspondem a 73 perguntas para compor o *cópus* que respeitam os aspectos lexicais do estudo. Esse dados foram codificados em função de variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas e, submetidos à análise quantitativa feita por meio de frequência e percentuais dos dados analisados qualitativamente e, após a análise, apresentados em tabelas e figuras, que deverão comprovar através da estatística os resultados.

Assim, o estudo foi organizado em cinco capítulos: inicialmente, fazemos uma breve introdução, definindo os objetivos, o problema/hipótese; no capítulo I, descreve-se a fisionomia do município de Dourados (aspectos geográficos, índices demográficos, economia) e a contextualização sócio-histórica dos gaúchos nesse território; o capítulo II contém o suporte teórico-metodológico e, também, uma revisão bibliográfica do tema. No capítulo III, definimos os procedimentos metodológicos que serviram de base para o estudo. No capítulo IV contém a descrição, interpretação e resultados dos dados do léxico. No capítulo V contém

a descrição, interpretação e resultados dos dados dos aspectos fonéticos. E, por último, seguem-se as considerações finais, a bibliografia e os anexos correspondentes ao trabalho.

Depois da análise dos resultados obtidos, foi feita uma comparação com resultados de outros estudos que buscam sistematizar os diversos aspectos que formam a língua portuguesa e outros verificando as formações dos falares regionais.

Como se trata exclusivamente do falar da comunidade gaúcha, pode-se, desde já, apresentar um exemplo de contribuição deste tipo, isto é, que o mesmo falar poderá prestar ao estudo histórico da língua portuguesa, já que os resultados são semelhantes aos de trabalhos com dados de variação lingüística do Português do Brasil e dos falares das regiões.

A seguir apresentamos o capítulo I, seguindo as orientações que foram estabelecidas pelo sociolinguísta William Labov (1976), quando argumenta que no estudo em áreas urbanas devemos, inicialmente, fazer o levantamento do contingente populacional da área que se pretende estudar e após esse procedimento, pode-se realizar a seleção do grupo que representa a comunidade a pesquisar. Assim, levantamos os aspectos geográficos, econômicos, educacionais e culturais mais relevantes que compõem o município de Dourados – local da pesquisa, contextualizando com a história da vinda dos migrantes gaúchos.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE GAÚCHA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS (MS)

1.1 Fisionomia da região

Segundo Gressler (1996: 25), a formação do primeiro núcleo populacional, que hoje constitui o município de Dourados⁵, deu-se na primeira metade do século XIX, recebendo a denominação de São João Batista de Dourados. Em 1910, o fazendeiro Marcelino Pires, proprietário da fazenda Alvorada, doou parte de suas terras ao então povoado que, com a construção da primeira casa de madeira pelo pioneiro Januário de Araújo, passou a chamar-se

⁵ À guisa de ilustração, achamos pertinente registrar a fala do informante sobre as questões políticas de emancipação do município que circulavam na época em ... *Dourados... porque Dourados...mesmo teve o primeiro nome era Vila das Treis Padroeras , porque foram encontrada aqui na nossa Vila treis cruzero, obra monumental, aquele aquele cruzero foi feito por um artista e eram treis bem iguais, ninguém nunca comento a orige, mais alguém comentava possivelmente marcava uma passage de jesuitas por aqui... porque a verdadeira história ninguém sabia então Dourados ganhô o nomi de vila das Treis Padroeras, porque tinha os treis cruzeros e no cruzero onde é a igreja São José foi rezado um terço no pé daquele cruzero no ano de 1912, dia de Nossa senhora da Conceição. Etão o irmão de Marcelino Pires ... ele disse... “genti vamo consagrâ esta Vila para Nossa Senhora da Conceiçã, poque hoje é o dia 8 de dezembro é o dia consagrado a ela”. Desde essa data é considerado um dia sagrado pra Dourados, poque em 1915 faleceu Marcelino Pires, mais nesse meio de tempo aquela luta daqueles pioneros pedindo a criação do Patrimônio da Vila das Treis Padroeras, quando era feito em Nioaqui o documento de posse e que hoje Marcelino Pires, Texera Alves já tinham feito o requerimento de duas mil, treis mil hequitare de terra de uma fazenda. Nunca ninguém pagou nada pró Estado e recebia um documento de posse que era o cartório de Nioaqui que fornecia. A pessoa fazia lá em Nioaqui o requerimento e se ia a cavalo para Cuiabá lá o governado então despachava ai Marcelino Pires tinha onde hoje é o Indaiá, era a sede de uma fazenda A pessoa fazia lá em Nioaqui o requerimento e se ia a cavalo para Cuiabá lá o governador então despachava e ai Marcelino Pires tinha onde hoje é o Indaiá era sede de uma fazenda dele já tinha requerido e já tinha despachado tinha tomado posse e Teixeira Alves outra ...onde hoje é o Guaçú e como os dois tinham uma propriedade os dois fizeram um requerimento lá em Nioaqui pedindo a posse dessa área onde estava a Vila das Treis Padroera, quando foi prá Cuiabá lá em Cuiabá o governador organizou e viu que os dois já tinham duas áreas bem grande então mandou chamar e disse “vamos fazer”. Chegaram em Cuiabá então o governador disse faz o seguinte: ‘não posso despachar porque vocês já são proprietário, mais faiz o seguinte lá naquela Vila eu vô criá um Patrimônio e um de voceis vão trabalhá pela criação de um Patrimônio que eu despacho’. Teixeira Alves desistiu e Marcelino Pires chegô e convocou a população e essa gente foi trabalhando ... trabalhando quando faziam abaixo assinado, como eles falavam na época ... faziam abaixo assinado aquele trabalho todo foi pra Nioaqui e Nioaqui encaminhô que o governadô chamô Marcelino Pires que ficô como doador das terra para o município ele doou as terra...mas as terra eram do Estado e ai então o governo do Estado criô o Patrimônio e ai falô “ vai chamar Dourados, porque tem o riu e o riu tem o peixe dourado... mais pelo riu que ganhô o nome de Dourados e perdeu o nome de Vila das Treis Padroeras passô a chamá Patrimônio de Dourados nessa época, por isso já tem douradenses os seus filhos por decreto não me lembro o número do decreto eu tenho anotado mais não sei de cor (inf. (05MEMCMB).*

Patrimônio de Dourados. Houve outras denominações, como *São João Batista de Dourados* e, depois, *Vila Três Padroeiras*.

O município de Dourados situa-se na zona do Planalto Mato-grossense, na bacia do Paraná. Conta com uma área de 5.911 quilômetros quadrados que representam 0,42% da área total do Estado, distante da capital, Campo Grande, 224 quilômetros. São seus municípios limítrofes: ao sul, Caarapó, Fátima do Sul e Glória de Dourados; ao Norte limita-se com Rio Brillhante, Itaporã e Maracaju; ao Leste, localizam-se Nova Andradina e Ivinhema; ao Oeste, encontra-se Ponta Porã. A altitude média da sede é de 464 metros e suas coordenadas geográficas são: latitude: 22° 13' 16'' ao Sul; longitude: 54° 48' 20'' W.

A superfície do município é de 4.082,20 Km²; a extensão é de 72,50 km²; com uma população de 164.716 e densidade demográfica de 40,21 (hab/km). Nos limites do município existe a Bacia Hidrográfica formada por: Rio Paraná Sub-Bacia–Ivinhema Rios Dourados, Brillhante, Santa Maria e Peroba. A temperatura é de 28°C e a região se enquadra no clima seco, no inverno, e tropical úmido no verão. Campos limpos, cerrados e florestas são os tipos de vegetação da região.

O distrito de Dourados foi criado em 1911, pertencendo ao município de Ponta Porã, até 1935. Entretanto, em 20 de dezembro, desse mesmo ano, elevou-se à categoria de Município e, hoje, conta com 11 distritos: Dourados (sede), Itahum, Panambi, São Pedro, Indápolis, Guaçu, Vila Formosa, Vila Vargas, Picadinha, Girassu, Douradina e Bocajá (IBGE, 1970).

Na economia de Dourados, a pecuária e a cultura agrícola desempenham o papel mais importante, seguido da silvicultura, cultura de abóboras, alfafa, amendoim, alho, banana, cana-de-açúcar, cebola, mandioca e diversas indústrias caseiras.

Na área da educação, o município dispõe de cinco Universidades: uma Federal, uma Estadual e três particulares; diversas escolas: estadual, municipal, particular; e cursos profissionalizantes (SENAI, SENAC, SESC).

1.2 Os migrantes gaúchos em Dourados (MS)

Mato Grosso do Sul é um dos estados da federação brasileira com características sócio-geográficas peculiares, que se conjugam e se conflitam. A coexistência de culturas distintas ilustra essa configuração, a fronteira com dois países latino-americanos, Bolívia e Paraguai. Há, também, que se considerar o fato de ser um Estado recente que, ao ser criado, em 1977, fomentou fluxos migratórios⁶ de gaúchos, mineiros, paulistas; além de outras etnias que vieram a Dourados, porém em menor número.

A intensificação da ocupação da região, por não índios, teve seu primeiro momento em 1870, ao final da Guerra do Paraguai. Os remanescentes, ex-combatentes da guerra deixaram-se ficar na região, juntando-se aos migrantes, gaúchos provenientes da região Sul, que se deslocaram rumo ao norte, fugindo da revolução federalista, ocorrida no Rio Grande do Sul. Muitos desses fugitivos refugiaram-se em fazendas por muito tempo.

Durante esse período, a região ainda vivia sob a sombra da Companhia Matte Laranjeira, empresa que detinha o monopólio da exploração dos ervais em toda região sul de Mato Grosso, entre os anos de 1882 e 1924. Dourados era, assim, um *porto de coleta de erva-mate* que, mais tarde, transformou-se em município (BIANCHINI, 2000: 94).

A partir de então, surgem os pioneiros: a trilha, a esperança, o começo, o mito, o trajeto feito em carroças. Os migrantes gaúchos saíram de sua região carregando os seus pertences em trouxas feitas de cobertas, vieram com suas famílias, como a do mineiro José Serrano, que se fixou em “Guaçu”. A ele seguiram-se as dos irmãos Azambuja, que se instalaram no lugar denominado “Capão Rico”; a dos Mattos, na região de “Picadinha” e “Guaçu”; e a de Marcelino Pires, entre tantos outros, fixando-se nas terras onde se localiza, hoje, parte do núcleo urbano de Dourados (CARMELO, 1973: 37).

Esses viajantes da ilusão construíram sonhos, no andar sereno do rosilho ou do tostado, ou no ranger das carroças puxadas por numerosas juntas de bois, pelo passeio

⁶ Migração/Migrar aquele que muda periodicamente, ou passa de uma região para outra, de um país para outro.

altaneiro rumo à nova querência, cruzando o solo argentino e paraguaio. A viagem era longa, e podia durar meses, às vezes, anos. Nessa jornada, acampavam no caminho plantavam e esperando a colheita para, então, seguirem viagem até a terra sonhada: os campos de Antônio João e os Ervais de Dourados.

Difícil foi o começo, pois, chegados ao destino após penosa viagem, ficaram literalmente jogados no mato. Mas, não obstante as circunstâncias adversas e as dificuldades iniciais, fixaram-se em terras douradenses, formando uma sociedade rural baseada na agricultura e pequenas casas de negócios ligadas a ela.

Esse período foi caracterizado pela intensa derrubada das matas, sobretudo, pela Companhia Matte Laranjeira, pois à medida que a mata ia sendo removida, o solo arenoso perdia a fertilidade, esgotando-se.

Assim, o colono⁷ que não dispunha de assistência técnica nem de equipamentos sofisticados praticava a agricultura rudimentar por intermédio da roçada e derrubada da mata, usando a foice e o machado, seguindo-se a queimada, e tudo isso provocando a transformação da paisagem, atraindo, dessa maneira, a decadência para a lavoura.

Outra fase que marcou a vinda de muitos gaúchos a Dourados, segundo Foweraker (1982: 132), foi de 1937-1945, período denominado Estado Novo, durante o governo de Getúlio Vargas. Nessa época foi lançada a campanha Marcha para o Oeste, que consistia na política de incentivo ao povoamento da parte oeste brasileira. Nessa mesma época, a propaganda sobre as terras foi intensa no sentido de passar a idéia de prosperidade e sucesso, fazendo-se um convite quase irrecusável ao colono, pois as terras eram baratas.

Sabe-se, que os migrantes foram, em grande parte, motivados pelos incentivos financeiros advindos da estratégia empreendida pelo governo federal de financiar o desenvolvimento regional, por meio da economia básica do Estado, ou seja, a agropecuária (OLIVEIRA & JUSTINO, 1997: 10).

⁷ Segundo Gressler (1996), esse termo é usado, também, para designar o agricultor que cultiva terra alheia com permissão do dono. Não sendo pertinente usá-lo em relação à invasores de terra.

A partir de então, vieram levas sucessivas de produtores gaúchos, vindos de várias partes do Rio Grande do Sul, atraídos pela fama da terra de boa qualidade e, também, pela grande diferença de preço comparada as de seu estado de origem. Esses empreendedores intensificaram-se no atual Estado brasileiro, mais precisamente em 1960.

Porém a vinda dos gaúchos para a *nova terra* tem lances de heroísmo e de tristezas, típico dos desbravadores de fronteiras agrícolas. Muitos vieram a fim de ganhar a vida. Trabalharam como “bois de carga”, na limpeza da terra. Mas a intensa derrubada das matas, o esgotamento dos solos e as pragas da lavoura, aliadas às condições climáticas desfavoráveis, obrigaram a grande parte dos colonos a venderem suas propriedades à comerciantes ou a um vizinho mais estável.

Na verdade, os colonos gaúchos, encontravam-se num beco sem saída. E desanimados, à procura de novas terras ou novas formas de vida, muitos não querendo voltar aos pagos gaúchos, deixavam-se à ficar, transformando-se em peões de latifundiários.

Convém lembrar que por intermédio da história, o colonizador longe do centro urbano de Cuiabá, capital de Mato Grosso, vivera uma forma de isolamento, que tornaram-se ainda mais intenso com o descaso, a desassistência e o não cumprimento das promessas do governo fez com que muitos gaúchos retornassem ao Rio Grande do Sul.

Assim, tudo havia mudado e o projeto governamental já não existia. Fora cancelado, pois, o seu maior objetivo, oculto, era o lucro. Contudo tudo isso provocou a livre iniciativa. Os colonos que ficaram na região do município de Dourados, com a ajuda de outros buscavam por suas próprias forças, todos os meios necessários ao desenvolvimento do município.

Em 1969 surge a terceira leva de granjeiros gaúchos, para comprar grandes extensões de terra. E novamente acentuava-se a penetração de granjeiros gaúchos nas terras de Mato Grosso. Estes, agora, acostumados a viverem num sistema econômico caracterizado pelo incentivos das cooperativas agrícolas trouxeram consigo o preparo e os incentivos para progredir na região. Os granjeiros dessa época viviam situação diferente daquela vivida pelos

primeiros colonos que não possuíam preparo nem a habilidades proporcionada por técnicas diversificadas. O sucesso do empreendimento foi de tal monta que a área plantada com soja em Dourados, no decênio 1970/1980, de 3.500 hectares para 134.000 hectares em um raio de 100 km, tomando como centro do círculo a cidade de Dourados, passa, então, de 11.400 a 450.700 hectares.

Em 1970, com a soja em alta, o município triplicou a população urbana de 25.977 para 78.838, em 1980. A todo o momento chegavam migrantes, uns a fim de trabalharem como peões, uma parte dessas migrações, deve-se a necessidade que as pessoas têm de arranjar empregos, inexistentes na sua região, outros vieram, principalmente os granjeiros gaúchos, motivados pela aquisição de terras que ainda era barata. Também crescia a rede de relações terciárias ligadas ao comércio de cereais, a venda de máquinas agrícolas, assistência técnica especializada, várias agências bancárias, faculdades, hotéis, empresas de planejamento rural, escritórios, lojas entre outros. Conforme Carmelo (1973: 37), Dourados evoluiu, passando de cidade pacata para ocupar o posto de segunda cidade de Mato Grosso do Sul com maior desenvolvimento econômico.

Assim, a presença forte da cultura rio-grandense influenciaram de maneira marcante o comportamento dos moradores de Dourados. Os bairros da cidade misturaram casas com traços da herança européia dos sulistas. Adotaram novos sistemas de trabalho e de cultivo. Surgiram muitas churrascarias e o costume de tomarem chimarrão nas calçadas.

Os agricultores gaúchos, seguidos pelos mineiros, foram os que mais se destacaram na colonização de Dourados. E, de acordo com fontes cartorárias, considera-se o ano de 1915 o início dos trabalhos do primeiro cartório de Dourados com os registros de casamentos, nascimentos, óbitos e, nessa documentação os migrantes gaúchos foram os primeiros a documentarem sua procedência.

Conquistadores e colonizadores da nova terra, não somente pela coragem, tenacidade e força do braço, mas, também, lingüisticamente, visto que na nova região os costumes eram diferentes daqueles de sua terra de origem, como: o ambiente físico, clima, flora, fauna e

métodos de trabalho, os rio-grandenses sentiam, cada vez mais, que o léxico de seus falares apresentava diferenças.

Assim, a comunidade gaúcha é o cenário desta dissertação, buscando resgatar a história⁸ dos migrantes gaúchos que vivem no município de Dourados. Nela, a saga de famílias que deixaram o sul do país movido pelo sonho de ganhar seu sustento com a agricultura, em particular com a cultura da soja, obtêm-se explicações estruturais e conjunturais, que contribuem na compreensão do peculiar processo histórico do município de Dourados (WAGNER, 1995).

Entre esses processos históricos culturais do município de Dourados está a linguagem que em conexão com outros falares fica subordinável à processos, às vezes, antagônicos aos de sua origem, convivendo lado a lado com outras culturas, assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, outras variantes lingüísticas.

A variação lingüística é uma propriedade inerente a qualquer falar e pode observar-se quer contemporaneamente, manifestando-se como diversidade dialetal ou sociolingüística, quer historicamente, revestindo então a feição de mudança lingüística. Por isso, é possível que o português dos falantes gaúchos residentes no município de Dourados teve modificações devido ao contato com outras variações.

Assim, partimos para o próximo capítulo, no qual apresentamos os fundamentos teóricos que se pode compreender da revisão bibliográfica, nas quais nos apoiamos para realizar o presente estudo.

⁸ A história da colonização gaúcha no município de Dourados (MS) é muito escassa de registros. Ela sobrevive apenas na memória de pessoas como a dos informantes deste estudo.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A língua

De um modo geral, pode-se dizer que a Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade. Elia (1987:21) acrescenta também que *no nível mais abstrato, a Sociolinguística deveria estudar os fatores sociais que condicionam a competência linguística de uma comunidade.*

A partir disso, conclui-se que a Sociolinguística considera o falar natural do falante; e analisa as formas linguísticas por eles usadas em seu meio social. O informante é visto como um falante real e tudo o que diz interessa ao estudo do questionário de base semântico-lexical. Os elementos da fala do informante registram marcas próprias do seu dizer, da localidade onde reside e do grupo social ao qual pertence.

E, sobre isso, Nogueira (1989: 9) refere que

...cada língua se constitui num conjunto de hábitos e comportamentos orais por meios dos quais os indivíduos criam e mantêm vínculos sociais, bem como dão a conhecer seu modo de vida e suas experiências comuns. Por isso mesmo se constitui num conjunto de signos que têm a propriedade de representar as diferentes realidades socioculturais, regionais e individuais, efetivadas nos atos de fala, transforma-se numa das atividades culturais de maior relevância para o homem, visto que serve de instrumento de identificação e de interação sociais.

A língua, no sentido mais corrente, tem, não apenas uma função comunicativa, mas também de distinção social. Esta última pode ser útil ao falante, pois, como Saussure (1995:22) afirma, ela se constitui na *parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.*

O contato social, entretanto, nem sempre se reveste das mesmas características: varia da simplicidade à solenidade, da familiaridade à cerimônia, da liberdade ao formalismo. É dito, então, que a língua há de se adaptar às circunstâncias do contexto social.

É importante lembrar, porém, que no interior de uma língua podemos encontrar variações do ponto de vista diacrônico e sincrônico. Essa última ganhou corpo a partir da pesquisa lingüística com os estudos *de* William Labov, sociolingüista que descobriu, por exemplo, que, às vezes, os dialetos ⁹ evoluem muito rapidamente sob influência de fatores sociais. Numa ilha da costa leste dos Estados Unidos, Martha's Vineyard, os habitantes desenvolveram um dialeto especial quando quiseram diferenciar-se dos milionários que começaram a vir e comprar casas de veraneio. Assim, o léxico, como já mencionamos anteriormente, é útil para sinalizar que se pertence ou não a um determinado grupo.

Dessa forma, afirma-se que na língua se projeta a tradição de um povo, a compreensão da sua cultura ¹⁰, abrangendo o seu sentido mais amplo.

Segundo Câmara Jr. (1977a: 16):

[...] a língua é antes de tudo, no seu esquema, a representação do universo cultural em que o homem se encontra e como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural.

Câmara Jr. (1977a) caracteriza a língua como aquisição cultural, situando-a entre as instituições culturais humanas e ressalta que, na medida em que a língua integra a cultura de um povo, desta se destaca nitidamente ao cumprir sua função de instrumento de comunicação social.

Sabe-se, ainda, que as línguas variam no espaço, no tempo, nos grupos sociais, dependendo dos interlocutores a quem nos dirigimos, dependendo da nossa disposição, enfim, as línguas são sistemas ¹¹ e, como tais, possuem uma dinâmica que lhes é própria. A esse respeito, observa-se, também, que a diferença dialetal de cada pessoa, como em qualquer outra língua, varia em todos os seus componentes.

⁹ Na definição de Dubois (1978:184) dialeto é *uma forma de língua, usada num local restrito, que possui um sistema léxico, sintático e fonético próprio.*

¹⁰ A palavra cultura, neste contexto, refere-se, conforme, Ferreira (1996:409) *complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais, transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade, civilização.*

¹¹ O sistema, conforme, Coseriu (1979: 56-78) *reúne os elementos que têm função distintiva. No âmbito do sistema, a troca de uma forma lingüística por outra só é relevante se tiver como consequência uma mudança significando, uma oposição lingüística.*

Por exemplo, em Dourados (MS), prefere-se a palavra *pão francês*, enquanto no Rio Grande do Sul costuma-se empregar *pão cacetinho*¹². Citando Labov (1976: 188), evidencia-se que a *heterogeneidade lingüística, no Brasil, ou em qualquer parte, é um fato natural, [...] é comum a uma língua ter muitas formas alternativas de dizer a mesma coisa.*

Segundo Ferreira (1996: 12):

A pronúncia e o vocabulário são os dois componentes da linguagem em que se manifesta com mais evidência o fenômeno da variação, isto é a língua dispõe de duas ou mais formas variantes que podem ser usadas pelo falante sem grandes alterações na mensagem transmitida. O uso de uma dada variante lingüística confere uma identidade ao falante, porque o inclui num grupo social bem específico.

Por essas razões, optamos, neste estudo, pela visão da Sociolingüística quantitativa de William Labov (1976), que desenvolveu um modelo que viria a ser chamado de teoria da variação. Esse modelo trabalha com a língua falada e a reconhece como heterogênea e diversificada, a proposta do autor consiste no estudo da língua no contexto social, isto é, na relação entre língua e sociedade, e numa sistematização da variação existente. De acordo com esse autor, cada falante apresenta características próprias e gerais no falar, que são reflexos da comunidade em que está inserido.

2.2 Língua, fala e cultura

Os termos língua, fala e cultura estão em sintonia e, assim, indissociavelmente unidos, visto que a atividade lingüística tem um significado de cultura, bem como a atividade cultural se exterioriza por intermédio da língua, despontando na fala característica do falante de cada região.

A história nos mostra, em alguns conhecimentos, que a língua é muito mais que uma combinação de sinais que fixa um conteúdo desvinculado das condições em que se dá uma enunciação. É evidente que o seu funcionamento está afetado pela história, pelo social e pelo político. Portanto, o poder que a língua exerce sobre os falantes é facilmente notado, mesmo na ausência de problemas significativos. Percebe-se que é a homogeneização da língua que

¹² Ferreira (1996: 245) registra como sendo *biscoito que tem mais ou menos o tamanho e feitio de um dedo.*

garante o bom funcionamento da sociedade, isto é, a língua da nação significa o falante desta como cidadão, como membro integrante de uma sociedade nacional.

Segundo Callou (1987:19), aqueles que não conseguem falar e, por isso, não se colocam dentro dessa homogeneidade, se definem como excluídos da sociedade, ratificando, então, a importância da língua na organização social.

Bagno (2000: 173-174) entende que é preciso também as pessoas se conscientizem de que a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo.

Dessa forma, no estudo dos vocabulários que tenham forte influência regional, verificam-se as particularidades culturais da comunidade. Então, necessita-se da análise de teorias lingüísticas e filosóficas voltadas para a relação entre língua e cultura, conhecimento e linguagem, língua e nação. Schaff (1968) conceitua a etnolingüística como a ciência que se consagra ao estudo da linguagem e do pensamento dos povos, esclarecendo que ela se consagra pela preocupação com a língua (cultura da lingüística) e com a cultura (Etno).

Pode-se definir a cultura, então, como o que¹³ a sociedade faz e pensa, e que a língua, como os demais sistemas semióticos, atua como veículo da cultura, havendo duas maneiras de examiná-la com relação à cultura, pois a língua atua como produto cultural do fazer humano e veicula os dados culturais, impondo neles a sua marca, atrelando-se aos componentes culturais e produzindo cultura.

Dessa maneira, as formas de interferência da língua e da fala em contato são firmadas de forma que, mesmo em interferências específicas, possam ser identificadas por métodos lingüísticos. Por exemplo, se os sistemas fônicos ou gramaticais fossem comparados e as diferenças delineadas, haveria, então, uma lista das supostas formas de interferências, conclui Schaff (1968). A interferência se explicaria, então, por fatores extralingüísticos que são aqueles que se definem além da estrutura. Esses fatores não estruturais são derivados do contato do sistema com o mundo e algumas familiaridades individuais com o sistema e o valor simbólico que este como um todo é capaz de adquirir.

Weinreich (1968) faz uma distinção desses fatores extralingüísticos que operam no indivíduo e na comunidade. Os que são inerentes ao falante são: 1) empréstimo lexical que é justificado pela inadequação cultural no meio que o contato se dá; 2) competência relativa em cada língua e a habilidade de manter separados os dois sistemas lingüísticos determinada pelo tópico e pelos interlocutores que se configuram pelo uso específico de cada língua; 3) o modo

¹³ Grifo nosso.

como a língua foi adquirida e as atitudes em relação às línguas. Esses fatores podem ser definidos como inerentes ao falante.

Na outra categoria de fatores extralingüísticos estão os que operam na comunidade, tais como o número de falantes, a homogeneidade ou heterogeneidade socioeconômica e o predomínio de falantes com um comportamento específico; atitudes estereotipadas quanto à língua, quanto à cultura de cada comunidade de fala e a (in) tolerância frente ao bilingüismo.

Para identificar a interferência em nível gramatical/lexical é preciso que as línguas envolvidas no contato com pessoas (e língua) de outras regiões sejam descritas nos mesmos termos, pois os limites entre morfologia e sintaxe, e gramática e léxico são tênues. Além disso, deve-se tentar estipular os limites do que seria palavra ou não, sintaxe ou morfologia, então, compará-los e definir se essas categorias existem no sistema de comunicação daquele falante.

Sabe-se que as transferências morfológicas mais comuns são aquelas que preenchem o vazio da ausência do morfema, isto é, a língua que não tem determinado morfema para uma função gramatical específica recebe com mais facilidade esses morfemas com o intuito de corrigir inadequações lexicais. Weinreich (1968) explica o fenômeno pela necessidade do falante bilíngüe de inserir algumas categorias em um sistema considerado mais fraco a fim de reforçá-lo.

Além da transferência morfológica, as interferências ocorrem nas relações gramaticais e são estas as mais constantes. Esse tipo de interferência é comum devido à falta de segmentação dela na fala dos sujeitos, passando despercebido para eles, uma vez que o sentido é aprendido por implicação:

A questão da interferência lexical se relaciona com a questão da fala dos falantes, se comparada com a fonética, ou mesmo com a questão gramatical. As causas do empréstimo de palavras afetam a todos. A necessidade de nomear coisas novas ou diferentes implica em uma inovação lexical. Para saber o que das criações é transferência, o lingüista precisa definir o que uma comunidade lingüística aprendeu da outra.

Apesar de algumas novas designações serem inadequadas e, por isso, o empréstimo lexical se aplica a razões estruturais para essas inserções. O uso pouco freqüente de algumas palavras as torna instáveis e sujeitas, portanto, a substituições. As homonímias também abrem espaço para novas palavras; a fim de resolver o problema, palavras são emprestadas de outras línguas, visando sanar a confusão causada.

Evidencia-se, então, que a língua é um sistema que representa as relações sociais e de poder que constituem uma sociedade. Assim, o sujeito está à parte dessas relações e “faz uso”

da língua a fim de se inserir e se identificar em determinada classe social. Isto é, há um sujeito psicológico que está fora da língua e a utiliza com o intuito de se inserir nas relações sociais e significar na sociedade.

A relevância das funções sociais da fala concerne à variedade do *modus vivendi*, cria regras de comportamento lingüístico, além de uma determinação social que opera a resistência ou a obediência à mudança. Essa especialização social da língua privilegia uns e exclui outros, uma vez que o prestígio social de uma fala determina qual língua "aceita" ou não a nova forma de comunicação.

Tarallo & Alkmin (1997:12) levantam o problema da mistura de línguas não só por questões lingüísticas, mas, também, por questões sócio-culturais. As mudanças lingüísticas devem ser, portanto, analisadas de acordo com a função das línguas na situação de contato do falante. No caso das situações de imigração, a aquisição de uma nova língua, do país ou região hospedeira, se faz necessária para as relações comerciais e institucionais, enquanto que a fala (língua) materna fica reservada a assuntos familiares ou comunitários.

É na comunidade, ou entre elas, que se concretiza o contato que produz fenômenos de convivência, ou de misturas, mecanismo "ativado" pelos indivíduos que integram tais comunidades. O cruzamento das línguas possibilita a formação de novas terminologias, visto que, em muitos casos, as influências que a língua sofre distancia as pessoas de uma mesma comunidade lingüística.

Ao verificar as misturas, Tarallo & Alkmin (1997: 33) dividiram-nas em dois tipos:

i. Intracomunidade: aponta para uma heterogeneidade sistemática da comunidade de fala. O uso das variáveis disponíveis aos falantes não é aleatório, fatores lingüísticos e não-lingüísticos condicionam o uso das variedades;

i.i. Intercomunidade: define-se pela coexistência de dois sistemas lingüísticos distintos em uma mesma comunidade de fala, tais como o bilingüismo. As causas destas mesclas são históricas e sociais.

Segundo esses autores, nas comunidades de falantes (migrantes), que utilizam duas línguas, a convivência destas se dá de duas formas: a primeira é a morte de um dos sistemas lingüísticos e a segunda seria a manutenção de sistemas, constituindo, então, de fato, uma comunidade com uma fala peculiar. Esta convivência entre a fala engraçada ou diferente e a língua oficial, contudo, não implica em um equilíbrio delas.

O que ocorre, em casos assim, é a diglossia, isto é, a compartimentalização de cada um dos sistemas com vistas às suas funções sociais, em que os dois sistemas se mesclam no nível da sentença, segundo a perspectiva teórica de Weinreich (1968). É nesse cruzamento em nível estrutural que se configura a formação das novas terminologias para o falante descendente de migrantes de outros países e, portanto, falante de duas línguas.

Segundo Tarallo e Alkmin (1997:11), em uma situação de contato entre dois grupos étnicos e lingüísticos radicalmente opostos, a urgência de um meio de comunicação acarreta a formação dos regionalismos, que têm como características básicas o caráter auxiliar e secundário para os grupos envolvidos. Estes, porém, mantêm suas respectivas falas; e o preenchimento das funções sociais limitadas, sobretudo, às relações sociais, constituindo-se basicamente de um sistema rudimentar resultante de processos de simplificação e redução da língua dominante no contato.

A língua falada torna-se, assim, o veículo lingüístico da comunicação usado em situações naturais, pois é na fala da comunidade que se encontram as regularidades das variáveis. Sobre isso, Labov (1976) afirma que é do exame daquilo que a fala oferece que se pode definir e isolar uma variada gama de estilos que fazem emergir padrões regulares, no qual, antes, era o caos do indivíduo.

Outro ponto importante, levantado por Labov (1976), está em conceber o falante como a voz da comunidade lingüística, pois é aí que a comunidade fala. A enunciação fica relegada à segunda instância. Não se dá a enunciação completa nas entrevistas labovianas, mas enunciados que se correlacionam, no máximo, com o movimento da enunciação. Por essa razão, esse autor ressalta, que o pesquisador, ao colher os dados, não deve interferir na naturalidade da situação de comunicação.

2.3 Variação lingüística: língua e falantes

Sabe-se que a variação lingüística não é condicionada apenas pelo contexto lingüístico, ela é, também, condicionada pela estrutura social da comunidade em que a língua é usada. Na correlação da variável lingüística estudada com as variáveis da estrutura social, podemos fazer um diagnóstico de como o processo de variação está se difundindo na comunidade de fala; se a variação tende a produzir uma mudança na estrutura da língua, ou se ela está estabilizada (CAMACHO, 2001).

Percebe-se, ainda, que determinadas pela localização geográfica e pelo contexto sociocultural de seus falantes, diferentes variedades lingüísticas são apresentadas numa mesma língua. E é nesse processo de comunicação, ainda citando Camacho (2001), que os indivíduos aprendem sua função social e adquirem sua identidade cultural, pois, ao nascer, ele é inserido num contexto sócio-econômico cultural pré-existente e, à medida que vai crescendo, participa de um processo de socialização que o transforma num falante de uma determinada variedade da língua, sob influência do meio social em que vive.

Assim, os indivíduos, na aprendizagem de sua função social, adquirem sua identidade cultural intermediados pelo processo de comunicação. Então, esse processo seleciona os diversos comportamentos do indivíduo, como: o que fala, onde, em que momento e como se diz, pois, ao falar, sua estrutura social é reforçada, formando a identidade cultural peculiar do indivíduo, visto que seu modo de falar é identificado com a maneira de viver do grupo social e da localidade em que mora.

É justamente no meio social em que estão inseridos que os grupos sociais diferentes possuem modos próprios de falar, traduzem variadas maneiras de viver e, por extensão, aparecem daí as variedades lingüísticas, que tanto podem ser de natureza geográfica (dialetos regionais), como sócio-cultural (dialetos sociais) (CALLOU, 1987; CAMACHO, 2001; BRAGA, 2003).

As variedades geográficas, segundo esses autores, se referem aos regionalismos, os quais, caracterizam, entre outros, a maneira de falar dos falantes de cada região de um país, assim como distingue o falar urbano do falar rural, havendo alterações dessas variedades no que se refere aos limites de uma determinada variedade geográfica, levando-se em consideração diversos fatores, como: a idade, a posição social, grau de escolaridade, profissão. Entende-se que tais fatores contribuem para a formação de variedades lingüísticas empregadas pelo falante, como, por exemplo, as variedades urbanas, que se manifestam em diferentes variantes sócio-culturais.

Dessa maneira, as variedades lingüísticas se explicam nas diferentes formas de falar, seja no léxico empregado, na morfossintaxe e/ou na fonologia. Este trabalho, entretanto, se concentra nos aspectos fonéticos e lexicais.

2.4 O espaço de enunciação e o problema da língua

O estudo da enunciação visa, segundo Guimarães (2002), entender o sentido da linguagem construído enquanto se fala de alguma coisa, configurando-se na forma e no funcionamento do enunciado enquanto comunicação e em uma relação contínua.

Então, na relação entre língua e falante, a enunciação é um acontecimento de linguagem que se faz pelo próprio funcionamento da linguagem e, nesse aspecto fundamental, torna-se evidente que só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas, constituindo-se, não uma relação empírica, mas uma relação regulada e de disputa de línguas e palavras, fala e falantes, no espaço social.

Nesse sentido, Callou (1987:21) destaca que os falantes são sujeitos de língua enquanto constituídos pelos espaços de línguas e falantes definidos como espaços de enunciação. Os falantes são, portanto, categorias enunciativas e figuras sociais constituídas por estes espaços. Entende-se, então, que no Brasil, apesar de este ser monolíngüe, se falam muitas línguas, tais como: as indígenas, as línguas trazidas pelos migrantes e as variantes do Português e essa identificação dos falantes na normatização do espaço enunciativo determina o direito de dizer, de uma forma e não de outra, em certos lugares de locutor e a determinados interlocutores.

Entretanto, desenvolver um estudo dessa pluralidade lingüística é o caminho de contato com a história do Brasil e de seu povo, mas é a partir do Português, enquanto língua oficial do País, que o espaço enunciativo se configura e se regula, por ser o elemento de identificação de sujeitos enquanto cidadãos. Nessa divisão normativa há uma hierarquização do direito de utilizar determinadas variedades de fala, numa correlação entre língua e sociedade de modo a permitir uma variante de língua para cada categoria social ou étnica, constituindo a identidade do falante.

Foi partindo da conceituação de variável lingüística que Labov (1972) pôde caracterizar o sistema lingüístico como heterogêneo por um lado e, por outro, propiciar a interseção deste com a estrutura social da comunidade que dele faz uso, permitindo, assim, estudar o fenômeno da mudança (variação) lingüística. As variantes, afirma o autor, são definidas a partir de seu valor com a própria língua e, quando colocadas em funcionamento, submetem-se a fatores de ordens diferentes, isto é, a lingüística social, que caracteriza o interior e o exterior da língua.

Pode-se entender essa definição, citando Pagotto (2001:18), como *uma tentativa de superar o corte saussuriano ao trazer para o funcionamento da língua o seu exterior, que a*

transformou num reflexo da estrutura social, isto é, o signo lingüístico é acrescido o valor social que pode ser estável ou passível de mudança. E é nesta correlação de língua com a sociedade que Labov tenta reunir o que Saussure distanciou em sua dicotomia língua/fala. Em vista disso, a compreensão do mundo exterior e interior pode ser resumida numa construção e representação da visão de mundo da comunidade dentro do próprio espírito dessa comunidade, por meio de um trabalho mental que depende essencialmente da linguagem.

Mas, voltando à reflexão sobre a relação entre língua e cultura, pode-se afirmar que a língua e os demais sistemas semióticos atuam como transmissor e estrato de cultura. Assim, a língua se apresenta, inicialmente, como produto cultural do fazer humano e, depois, ela veicula os dados culturais, impondo-lhes a sua marca, daí o papel e a razão da sua existência. Diante disso, entende-se que a face da língua que demonstra com maior clareza sua relação com a cultura é a lexical, pois por intermédio do vocabulário, percebem-se as marcas culturais de forma mais acentuada.

É importante salientar a relevância do nível lexical como elemento assimilador do contato entre língua e cultura. Por meio do vocabulário, visto como parte de unidades lexicais próprias de uma atividade e constituinte do léxico, consegue-se adentrar os valores de um grupo social o que conduz à compreensão da sua cultura.

No capítulo a seguir, apresentamos a descrição do modelo metodológico adotado que serviram de base à presente investigação. Descreve-se o subsídio quantitativo, instrumento para a análise estatística, bem como relata a atividade de campo realizada no levantamento e no tratamento dos fatos lingüísticos.

CAPÍTULO III

APORTE METODOLÓGICO

3.1 Caracterização da pesquisa

Para verificar as variantes lingüísticas da modalidade de fala da comunidade gaúcha de Dourados, adotamos o modelo teórico metodológico da Sociolingüística variacionista. Este modelo de análise surge na década de 60, recebendo denominações de Sociolingüística quantitativa/ laboviana e tem como seu precursor Labov (1976) e Trudgill (1974), entre outros. A opção metodológica, seguida neste estudo, tem caráter empírico, ou seja, fez-se um diagnóstico da vivência real da fala de migrantes gaúchos situados em Dourados (MS).¹

A sociolingüística, segundo Tarallo (1986), sociolingüista brasileiro, criou um novo modelo teórico-metodológico, que pudesse responder a uma regra variável que se aplicasse ou não à estrutura lingüística, visando aos aspectos sociais da comunicação. Assim, o modelo sociolingüístico, com base nos seus diversos estudos, toma como seu objeto de investigação a própria variação e/ou mudança lingüística, propondo o estudo da língua no contexto social, ou seja, na relação *entre língua e sociedade e, na possibilidade virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada*. (TARALLO, 1986:7).

Tarallo (1986: 18) define a teoria do modelo teórico-metodológico como:

O modelo-teórico-metodológico da sociolingüística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, dentro do modelo de análise proposto neste volume, o objeto o fato lingüístico é o ponto de partida e, uma vez mais, um ponto ao qual o modelo espera que retomemos.

De acordo com Oliveira (1998: 128), a metodologia coopera:

(...) para a realização da seleção de informantes, chama atenção para o paradoxo, do observador, orienta para um método de entrevista mais dinâmico, o que vai favorecer uma melhor coleta de dados para o estudo do aspecto morfossintático e apresenta fatores extralingüísticos para a estratificação da amostra.

Considera-se que a organização de um roteiro de estudo e melhor orientação e atitudes como as descritas, ainda mais se tratando de um aprendiz pesquisador de lingüística, serão um exercício contínuo de superação dos próprios preconceitos, bem como o desnudamento por inteiro das velhas e arraigadas opiniões, dos pré-julgamentos sobre o outro e das apressadas generalizações sem critérios. A esse respeito Labov (1976: 292) aconselha adotar *uma postura teórica que pode vir a ser um estilo de vida, além de refinar a estrutura complicada de suas próprias idéias, se perguntar como se falaria num mundo imaginário onde seu próprio dialeto fosse a única realidade.*

Sabe-se, ainda, que cada pessoa traz em si uma série de características que se traduzem no seu modo de expressar, como: a região onde nasceu, o meio social no qual foi criada e/ou em que vive, a profissão que exerce, a sua faixa etária, o seu nível de escolaridade. Isso tudo caracteriza os diferentes tipos de variações lingüísticas existentes nas várias regiões.

Dada a importância de todas as considerações propostas, elaboramos passos que serão explicados separadamente e servirão como instrumental metodológico para obtermos dados do tema da variação do Português na fala de gaúchos moradores no município de Dourados vindos do sul do Brasil.

- a) Delimitação do problema;
- b) Seleção dos informantes;
- c) Levantamento de dados;
- d) Organização de técnicas de coleta dos dados;
- e) Definição das variáveis.

3.2 Delimitação do problema

Selecionamos os dados que formarão a matéria-prima imprescindível a qualquer estudo variacionista e, a partir disso, tentar-se-á determinar em que contextos os fatos lingüísticos ocorrem. Partiremos das falas gravadas na entrevista, e para a transcrição destas falas, assinalaremos os fenômenos, considerando os aspectos lexicais e fonéticos, sem perder de vista as limitações a que está sujeito este estudo, tanto àquelas impostas pela sua própria natureza, bem com outras que poderiam ter ocorrido e, por algum motivo, não o foram.

3.3 Amostra

A) Seleção dos informantes

O *cópus* lingüístico utilizado neste estudo contou com 9 (nove) informantes¹⁴ gaúchos, representantes no tipo de falar do português gaúcho, e residentes no município de Dourados (MS). Assim, colocam-se os seguintes critérios:

- a) terem nascido no Rio Grande do Sul, ser filho de gaúchos e estarem morando no município de Dourados, há mais de 18 anos;
- b) não terem se ausentado de Dourados, por mais de dois meses e que tivessem viajado pouco para fora do Estado;
- c) não apresentar problemas de dentição ou de fonação;
- d) todos serem adultos e, portanto, de fala já estabilizada;
- e) serem pessoas com domínio de suas faculdades mentais.

Assim se define a estratificação da amostra: I) Sexo: M – masculino e F – feminino.

TABELA 1- Distribuição fator sexo

Sexo	Informantes	Sub total
Masculino	5	5
Feminino	4	4
TOTAL	9	9

II) Faixa etária os informantes foram selecionados de acordo com as idades: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

TABELA 2 - Distribuição fator faixa etária

Faixa etária	Número de Informantes		Subtotal
	M	F	
18-35anos	1	2	3
36-55anos	2	1	3
56 anos em diante	2	1	3
TOTAL	5	4	9

¹⁴ Informante é o nome dado ao falante que faz parte da amostra, o sujeito da análise (TARALLO, 1986).

III) Escolarização: os dados foram dispostos observando o grau de escolaridade, saber: Ensino Fundamental incompleto, Ensino Médio completo e Ensino Superior.

TABELA 3 - Distribuição fator Escolaridade

Escolaridade	Número de Informantes		Subtotal
	M	F	
Ens.Fund.Incompleto	1	2	3
Ens.Médio completo	2	1	3
Superior	2	1	3
TOTAL	5	4	9

IV) Classe social: esse grupo foi codificado de acordo com classe social renda baixa e renda média. Segundo Silva (1992: 108), (...) *haverá dificuldade de se estabelecer a classe social (lembramos que é sempre bom contar com a ajuda de um sociólogo)*. Considerando a complexidade entre grupos econômicos, estabelecemos para o indivíduo com renda baixa, quando este é assalariado, recebendo um salário de até mil reais/mês; mora em casa alugada, sendo este o único responsável pelo sustento da família. E para o indivíduo com renda média, aquele que recebe uma renda estável superior a mil reais/mês, tenha casa própria; não seja o único provedor da família; possua bens materiais, tais como: carro e seja dono de outros imóveis.

TABELA 4 - Distribuição fator Classe Social

Classe Social	Número de Informantes		Subtotal
	M	F	
Renda Baixa	1	2	3
Renda Média	4	1	5
TOTAL	5	3	9

V) Os 9 (nove) informantes estarão representados pelos números: 1,2,3,4,5,6,7,8,9.

3.4 Levantamento de dados e organização de técnicas de coleta de dados

Bärnert-Füerst (1989: 219) ressalta que *os dados lingüísticos colhidos através de entrevistas constituem o *córpus* para a análise quantitativa.*

Assim, aplicamos uma ficha social com a finalidade de obtermos os dados pessoais de cada informante. O cadastro servira como fio condutor para iniciar a investigação e, também, minimizar o constrangimento da presença do gravador. Nesse primeiro contato com o informante não foram efetuadas gravações, dada a preocupação com a aceitação do informante de ter a sua fala gravada, já que os objetivos básicos da entrevista eram gravar a fala de maneira mais natural e espontânea possível, sem comprometer o material de trabalho a fim de compor o *córpus* do estudo.

A coleta dos dados foi realizada a partir de entrevistas do tipo pergunta/resposta, sendo necessário, muitas vezes, o uso de diálogos com o propósito de a finalidade de melhor esclarecer a pergunta entre informante/documentador. Adotamos esse procedimento por entendermos ser o tipo de entrevista que favorece o discurso contínuo dos falantes.

As perguntas usadas no questionário lingüístico deste trabalho totalizaram 212 questões para cada informante e foram retiradas do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. Assim obtemos um total de 1908 respostas.

A gravação de cada entrevista teve, em média, a duração de 1 hora e 15 minutos e os equipamentos utilizados foram: gravador e fita cassete de 60 minutos. A fim de sistematizar, os dados lingüísticos recolhidos com a entrevista gravada, logo procedeu-se à escuta e transcrição dos dados obtidos da entrevista, iniciando-se em seguida a triagem das ocorrências com o propósito que o estudo se propunha.

3.5 Procedimentos para tratamento dos dados e codificação

Do *córpus* das 1908 ocorrências geradas a partir das entrevistas com os nove informantes, selecionamos 73 perguntas e 239 respostas para compor o *córpus* da análise de análise do estudo, de modo a considerar a(s) variante(s) lingüística(s) com maior probabilidade de uso e de representatividade, na comunidade pesquisada.

Para fins de organização e melhor apresentação do *córpus*, os dados foram codificados sob os aspectos lexicais no capítulo IV, da seguinte forma:

1) As perguntas e respostas do questionário lingüístico foram distribuída nos limites de sete campos semânticos, a saber: 1)Acidentes geográficos, respostas (001 a 030); 2); Fenômenos Atmosféricos, respostas (031 a 053); 3); Flora, respostas (054 a 079); 4); Fauna,

respostas (080 a 118); 5); Características Físicas, respostas (119 a 138); 6); Cultura e Convívio, respostas (139 a 194); Trabalho e Atividade Agropastoris, respostas (195 a 239).

2) Quanto a discussão das respostas dadas ao questionário lingüístico foram consultados sistematicamente três dicionários de língua portuguesa e um dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. Caso os dicionários da língua portuguesa não tragam o registro o vocábulo citado pelo informante, como regionalismo, significa que este não está dicionarizado. Então, será necessária a consulta ao dicionário de regionalismos para obter essa informação, caso, essa informação também não estiver registrada no dicionário específico de regionalismos, manteremos a designação do registro do dicionário da língua portuguesa. O que importa para nós é a identificação dos conceitos lexicais compartilhados com o significado dado pelos falantes, já que sob o ponto de vista de Sapir (1969:11), podemos considerar que:

[...] no sentido de que o vocabulário de uma língua mais ou menos fielmente, reflete a cultura a que ela tem por propósito servir, é perfeitamente justo dizer que a história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas.

E Sapir (1969:12) complementa dizendo que *o lingüista não deve jamais cometer o erro de identificar uma língua com o dicionário que dela se extrai.*

3) Para a análise dos resultados foram consideradas as 212 respostas do inquérito que constituem o *cópus* deste estudo tomados globalmente tomando por base as orientações de Tarallo (1986) que considera significativos o índice de 20% para todos os resultados. A análise quantitativa desses dados foi realizada através de frequência e percentuais do número de ocorrências e, para isso verificamos os pesos relativos utilizados na média aritmética regular da regra de três com aproximação de uma casa decimal, como produto final que deverão comprovar estatisticamente a ocorrência dos fenômenos lingüísticos. Essa mesma estatística será usada para a análise e resultados dos aspectos lexicais e fonéticos.

b) Capítulo V, descrição, interpretação e análise dos resultados dos Aspectos Fonéticos:

1) O inventário dos aspectos fonéticos foram retirados do questionário lexical levando em consideração as variante lingüísticas estigmatizadas pela norma culta, porém bastante comuns na fala da comunidade gaúcha pesquisada. Assim, levantamos os seguintes casos: a) ausência de r final do infinitivo, 69 casos; b) monotongação do ditongo /ej/ em /e/ medial, 182 casos; c) ditongação de vogais /a/,/o/,/u/ e /e/ seguidos de sibilante (s ou z), 26 casos; d) da

elevação de /o/ átona final a /u/, 615 casos. A soma dos fenômenos levantados resultaram em 892 ocorrências estigmatizadas. Embora, os fenômenos citados, não sejam particulares de um espaço específico, constituem-se numa realização que parece expandir-se por todo o Brasil.

2) Para a quantificação dos dados este estudo limitou-se somente aos desvios da norma culta como um todo, representando a competência lingüística dos informantes em relação à habilidade testada. Embora a análise detalhada de cada variante, em relação as variáveis extralingüísticas sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, demandaria muito mais espaço do que o que se pode ter a disposição num estudo desta natureza.

3) A fim de verificar o grau de competência lingüística dos informantes consideramos a seguinte estratificação: sexo (masculino/feminino); idade (faixa I: de 18 a 35 anos, faixa II: de 36 a 55 anos, faixa III: 56 anos em diante).

4) As distribuições dos vocábulos e expressões lingüísticas são apresentadas em números absolutos. Uma vez que os números absolutos não permitem uma análise clara e criteriosa, as tabelas apresentadas tratam das ocorrências em termos de percentual e números absolutos.

A seguir, apresentamos o capítulo IV, o qual trata da descrição e interpretação do questionário lexical distribuídos em sete campos semânticos, as tabelas seguidas dos resultados e discussão das variantes lingüísticas.

CAPÍTULO IV

DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS LEXICAIS

4.1 Aspectos lexicais

O léxico é o componente da língua que mais facilmente retrata as mudanças e variações lingüísticas. Os falantes estão sempre incorporando novos itens lexicais, visto que é por meio do léxico que nomeiam e designam os objetos que os cercam. E é no sistema lexical que se inserem os elementos que designam os costumes, a configuração de leitura de mundo e também as possíveis atualizações no que se refere à linguagem.

Diante da concepção de léxico podemos afirmar que as diferenças que se observam no léxico de uma língua não são somente características do ambiente onde vive o falante e de sua profissão, mas também é o acúmulo de experiências vivenciadas pelo falante no decorrer das gerações. O falante aprende a falar no seu ambiente social, na sua classe, marcada por costumes, hábitos e convenções culturais próprios e cada grupo social possui o seu léxico particular, parcela do léxico que se realiza entre membros de um grupo, que pode ampliar-se de acordo com os contatos com outros grupos sociais ou profissionais diferentes. Desse amálgama é que se forma o léxico usado nas trocas lingüísticas do cotidiano.

Como podemos observar, ao falar as pessoas utilizam-se da língua, um meio de natureza social, que proporciona aos membros de determinada comunidade lingüística a oportunidade de comunicarem-se entre si, não somente aplicando regras lingüísticas, mas também regras de usos que estão sujeitas a variações, razão porque a língua não se realiza do mesmo modo, variando de acordo com o falante.

Dadas essas considerações, é possível verificar que alguns objetos falados pela comunidade gaúcha apresentam traços comuns, caracterizados pelas variações espaciais ou diatópicas; socioculturais ou diastráticas, que se definem e os diferenciam de outras comunidades de fala. Isto porque as diferentes normas lingüísticas se definem e se formalizam pela semelhança de forma e expressão e têm, como causa básica, o maior ou menor intercâmbio entre falantes nos diferentes grupos, no interior de um mesmo grupo ou nas diferentes situações de atualizações. Deve-se observar, portanto, que fatores como padrão cultural, atividade profissional, facilidade com que os falantes aceitam as línguas estrangeiras, relacionamentos comerciais e culturais são grandes influenciadores de variáveis lingüísticas.

Muitas perguntas do questionário indagam pelo nome do objeto, logo, são perguntas de ordem onomasiológica¹⁵ e/ou são semasiológicas¹⁶, e outra pequena parte das perguntas indaga por nomes de espécies de seres de algumas áreas semânticas. Desse modo, a análise deste trabalho baseia-se em princípios da sociolinguística inerentes à dialetologia¹⁷, caracterizando-se, também, um trabalho de cunho dialetal.

Como ponto de partida, as diferentes respostas à mesma pergunta devem ser tomadas como sinônimos, pelo menos de acordo com o princípio da equivalência semântica. Realizamos breves comentários dos vocábulos e expressões no espaço do contexto da própria pergunta, visando detectar possíveis diferenças de sentido apoiados nas acepções fornecidas pelos três dicionários eletrônicos, a saber: FERREIRA, A. B. de H. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. Versão 5.0, 3ª edição, São Paulo: Editora Positivo, 2004; HOUISS, A. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa Versão 1.0.5, São Paulo: Editora Objetiva Ltda, Agosto, 2002; DICMAXI MICHAELIS Português –Moderno Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa e um dicionário de Regionalismo de NUNES, Z.C; NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismo do rio grande do sul*. Apres. de Hugo Ramirez. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 1996. A análise aqui empreendida restringiu-se a alguns aspectos referentes ao vocabulário da comunidade gaúcha, os quais se seguem, portanto, privilegiando determinados elementos do léxico em questão, considerados palavras-chave para se conhecer melhor o microcosmo lingüístico dessa comunidade de fala.

Com a finalidade de melhor entendimento os códigos utilizados no trabalho aparecem no final de cada resposta dos informantes e seguem a seguinte estrutura: I) sigla para o nome do **informante** (1, para Fernando; 2, para Ana; 3, para Rita; 4, para Josefa; 5, para Luis; 6; para Gaudêncio; 7, para Carmélia; 8, para João e 9, para Domingos); II) **sexo** (M, para masculino e F, para feminino); III) **faixa etária** (A, para 18 a 35 anos; B, para 36 a 55 anos; C de 56 anos em diante); IV) **escolaridade**(I, para 1º grau incompleto; E, para 2º grau completo e S, para superior); V) **classe social** (b, para renda baixa e m, para renda média). Por exemplo: (001) ...*eu cunheçu ... pampa...*(9MC1b).

¹⁵ Entende-se por onomasiologia (ou sinonímia), o estudo do significado e seus significantes.

¹⁶ Entende-se por semasiologia (ou polissemia) o estudo do significante e dos significados.

¹⁷ Dialetologia, em sentido restrito, é a disciplina que se ocupa do estudo de dialetos e falares, ou seja, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. (BRANDÃO, 1991).

1. Acidentes Geográficos

Pergunta ¹⁸001, como se chama aquele terreno bem plano?

(001) ...eu conheçu ... pampa....tamém nós diz campanha.... nas campina ... do Rio Grande....(9MC1b)¹⁹

(002) ... é chatão... uns dizem ...que é u pampa. Aqui é chatão u gaúchu chega aqui e olha pró chatão e diz que coisa mais linda.....bah! U gaúcho fica doidu ... fica loco...quando vê um terrenu planu é a planíci (2FA1b)

Para a pergunta 001, a resposta esperada era que o falante utilizasse o vocábulo – **planície** dicionarizado por Houaiss como *grande extensão de terreno plano*. Segundo Houaiss, a variante **-pampa** significa *tipo de formação campestre, com raros arbustos e pequenas árvores, e predominância de gramíneas perenes e linearifólias, característica da parte meridional da América do Sul, espanhol Argentina, Brasil e Uruguai*. No dicionário de Regionalismo –**pampa** significa *vastas planícies do Rio Grande do Sul e dos países do Prata, cobertas de excelentes pastagens, que servem para criação de gado, principalmente bovino, cavalar e lanígero*. O item lexical **-pampa** teve duas ocorrências, conforme podemos verificar as respostas (001 e 002), é possível que tal fato possa ter relação com a topografia da região onde se localiza o município de Dourados (MS) pela ausência de depressões como àquelas existentes no Estado do Rio Grande do Sul. Já na resposta (002) obtivemos a variante – **chatão**, dicionarizada por Houaiss, como *o que tem a superfície plana (ou quase) próxima da horizontal*.

Pergunta 002, nome que se dá a um terreno plano entre dois morros?

(003) :... aqui chamam de furnas...vale... fundu de vale...depende da região não conheçu pur otru nomi.(2FA1b)

(004) ... eu conheçu esse nomi canhada...é um canhadão...(9MC1b)

No que respeita a pergunta 002, resposta esperada o vocábulo –**vale**, Houaiss registra, esse vocábulo como *depressão alongada situada no sopé de um monte ou entre elevações topográficas como colinas, montanhas*. Para a pergunta 002 obtivemos como resposta (004) a variante –**canhada**. Quanto ao item lexical –**canhada** o dicionário Houaiss registra como *derivado espanhol cañada* e a variante –**canhadão**, na mesma resposta (004), Aurélio registra

¹⁸ As perguntas do questionário lingüístico foram copiadas em nosso trabalho na mesma forma como se apresentam no ALMS-Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul.

¹⁹ O informante 09 faleceu um mês após a entrevista.

como sendo *canhada funda e extensa*. O item lexical –**furnas**, resposta (003), Aurélio registra como sendo *caverna ou gruta, geralmente formada de blocos de pedra; fojo, antro, cova, lapa*.

Pergunta 003, terreno que permanece coberto de água cada vez que o rio sobe demais

(005) ... *é...uma sanga.....na campanha quase não chovi ... aí as sanga .. ajuda...* (2FAIb)

(006) ...*é um terrenu úmidu..banhadão....dá pró cultivo du... arroiz...*

(7FCEm)

(007) ...*banhadal...aí.. a gente dá um nomi de enchente... é o lugar aonde foi alagadu cobertu de água... tem lugares.... na bera das baranca.... que sai pela planice.... a planice bera riu... e aí...ela é tão longa .. que forma um lagu.... a gente chama de alagadiçu... .* (8MCSm)

Para a pergunta 003, resposta esperada o vocábulo –**alagadiço**, que o dicionário Aurélio registra como *adjetivo sujeito a alagar-se; encharcadiço; lodoso, pantanoso, paludoso, subs. masc. terreno alagadiço; alagadeiro*. O item lexical –**sanga** resposta (005), segundo Aurélio esse termo é de procedência do espanhol platino *zanja*, um brasileirismo usado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul e significa *pequeno regato, que seca facilmente*. No dicionário de regionalismo –**sanga** significa um *pequeno curso d'água menor que um regato ou arroio*. A variante –**banhadão**, resposta (006) os dicionários consultados não registram esse termo. Já a variante –**banhadal**, resposta (007), Aurélio registra como sendo um *brasileirismo, banhado muito extenso; terreno alagadiço; pântano, charco; série de banhados próximos uns dos outros* e no dicionário de Regionalismo esse mesmo termo significa *charco, pântano, brejo, terreno baixo e alagadiço coberto de vegetação; tremedal*.

Pergunta 004, lugar que está sempre cheio de água e coberto de vegetação, como aguapés, etc,

(008)....*brejo..*(6MBEm)

(009)... *é...bera de riu... charcu... riu de frontera.*(2FAIb)

(010) ...*bon ... ali nós não temos... quase lá no Riu Grande lugar coberto de vegetaçõn assim... lá tem... o que dá geralmente... isso igarapés é nas lagoas... às vezes tem assim... na bera .. a vegetaçõn a bera de um lagoa ... de um açude... de um breju... a gente chama de banhadu.... nos banhadu tem capim... essas coisa toda ... o lugar tem bastante água e tereno que afunda... e a gente até afunda ... afunda até os joelhos..*(8MCSm)

(011) ...*ah.. otru... varjão...*(3FAIb)

Quanto à pergunta 004, resposta esperada o vocábulo – **banhado/corixo** que o dicionário Aurélio registra como sendo *pântano coberto de vegetação*. Obtivemos como

respostas a variante –**brejo**, resposta (008), Aurélio registra como sendo *pântano, terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, e em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. Quanto as variantes: -rio* (de fronteira), resposta (009); –**varjão** e **terreno** (que afunda), respostas (010), –**beira** (de rio), resposta (011), essas acepções não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados.

Pergunta 005, como se chama o rio pequeno e estreito?

- (012)*corregú.... é um riozinho....(3FAIb)*
 (013) ...*é um riuzinho ou um riuzitu...(4FBSm)*
 (014)...*nois chamamu de ... sanga... arroi..(9MCIb)*
 (015)... *riachu.. tem vários nome ...sanguinha..(8MCSm)*
 (016)...*riacho...ribeiro...(6MBEm)*

Para a pergunta 005, resposta esperada o vocábulo – **córrego** que Aurélio registra como sendo *regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes*. Obtivemos como respostas as variantes: – **arroio** resposta (014), Aurélio registra como sendo *pequeno curso de água, permanente ou não*; –**riacho**, resposta (015), Houaiss registra como sendo pequeno rio; ribeiro, regato, já as variantes: –**ribeiro**, resposta (016) e –**riozinho**, resposta (012), Houaiss registra o mesmo que riacho; porém chama a nossa atenção a variante –**riozito** resposta (013), forma não encontrada nos dicionários consultados, possivelmente essa forma é de procedência hispano.

Pergunta 006, terreno situado de um lado e de outro de um rio

- (017) ...*morru...(3FAIb)*
 (018) ...*barancu ... (8MCSm)*
 (019)*é ...barranca du riu....(9MCIb)*

No que diz respeito à pergunta 006, resposta esperada o vocábulo –**margem**, que o dicionário Houaiss registra como sendo *espaço situado no contorno externo imediato de lgo; borda, limite externo, periferia*. A designação–**morro**, resposta (017) Aurélio registra como *morro; monte pouco elevado; colina, outeiro*. Quanto à variante –**barranca**, resposta (019), os dicionários consultados não registram essa significação.

Pergunta 007, extensão de água que se forma nas baixadas, tanto naturalmente como construída pelo homem?

- (020)... *é.... açude.....as represa ... (6MBEm)*
 (021) ... *é a represa elis represaw a água falaw taipa ... também ... (9MCIb)*

Quanto a pergunta 007, resposta esperada o vocábulo –**açude** que Houaiss registra como sendo *construção de terra, pedra, cimento etc. destinada a represar águas, a fim de que sejam us. na geração de força, na agricultura ou no abastecimento; acéquia, barragem, represa, Regionalismo: Brasil, lago que se forma por represamento*. A variante –**represa**, resposta (021), Aurélio registra como sendo *construção destinada a represar águas, em geral para fins de irrigação; barragem, acéquia, presúria; lago formado por represamento*. Entretanto, chama a nossa atenção a variante – **taipa**, resposta (021), Houaiss registra como *ato ou efeito de tapar; tapingão, tapadura, tapamento*.

Pergunta 008 mata fraca que se forma ao longo das barrancas dos rios?

(022) ...mata ciliar...(1MASm)

(023) ...mata ... fraquinha... é cerradu....cordilheira...(3FAIb)

(024)...nós chamamos de restinga...(4FBSm)

(025)é.... a mata baixa..... é uma faixa de mata ... mesmu.....(7FCEm)

(026)...é... mata de proteção...(6MBEm)

(027) ...bem ai ... tem vários nomes... moita ou pequena restinga.

Doc.: -E não é cordilheira?

Inf.: não...é pequena mata .. capõn , caponete,..capõzinho...(8MCSm)

(028) ...é ...matu ... da berada du riu...(9MC1b)

Quanto a pergunta 008, resposta esperada o vocábulo –**cordilheira**, que o dicionário de Regionalismo registra como sendo *extensão de mato sobre um dorso de terreno* e o dicionário Houaiss complementa como sendo *extensão de mato ao longo de barrancas de rio*. Obtivemos as variantes: –**mata** (ciliar), resposta (022), Aurélio registra como sendo *cobertura vegetal que se desenvolve ao longo de cursos de água em regiões inundáveis, e que tem altura média entre 9 e 15m*; –**restinga**, resposta (023), Aurélio registra como sendo *faixa de mato às margens de igarapé ou rio*; –**cerrado** resposta (024), Aurélio registra como sendo *tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul*; –**moita** (pequena), resposta (027); Aurélio registra como sendo *grupo espesso de plantas; touça*; –**capão**, resposta (027), Aurélio registra como sendo *um brasileirismo, porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato* e o dicionário de Regionalismo como sendo *mato isolado, de forma mais ou menos arredondada, no meio do campo*. As variantes: – **caponete**, e **capãozinho**, resposta (027) os dicionários consultados registram a mesma

significação da variante –**capão**. Já as expressões: **mata** (fraquinha), resposta (024), –**faixa** (de mata), resposta (025), –**mata** (de proteção), resposta (026), –**mata** (baixa), resposta (025), **mato** (da beirada do rio), resposta (028), não foram encontradas nos dicionários consultados).

Pergunta 009, o lugar onde a água sai da terra, como se chama?

(029)... *minas... que brota da terra é minas...*(3FAIb)

(030)...*vertente ... fonte....né?*(8MC5m)

Quanto a pergunta 009, resposta esperada o vocábulo –**nascente** que Aurélio registra como sendo *lugar onde nasce um curso de água; cabeceira*. As respostas dadas pelos informantes foram: a variante –**minas**, resposta (029), Houaiss registra como sendo *nascente (de água); olho-d'água*; a variante **vertente**, resposta (030), Aurélio registra como sendo *declive de montanha, por onde derivam as águas pluviais*, a variante –**fonte**, resposta (030), Aurélio registra como *nascente de água*.

2 - Fenômenos Atmosféricos

Pergunta 010, o vento aqui sopra normalmente de um lado e como são esses ventos?

(031) ...*não sei de que ladu elis sopram maiséumabrisa..*(1MASm)

(032) ...*ventu....minuanu, ventu friu u que traiz as frente fria.*(3FAIb)

(033):..... *u ventu sul é tempo bõntem o ventu minuanu.....*(8MC5m)

No que concerne a pergunta 010 buscou-se respostas para –**vento predominante**. Obtivemos a variante: –**minuano**, respostas (032 e 033), segundo o dicionário de Regionalismo essa variante significa *vento frio que sopra do sudoeste, no inverno. Vem dos Andes, passando pela região onde habitavam os índios minuanos, dos quais tomou o nome. O minuano purifica a atmosfera, dissipa as nuvens, enxuga as estradas, e prenuncia tempo firme e seco. Sua duração é geralmente de três dias*.

Os habitantes do Rio Grande do Sul estão acostumados com quedas extremadas e constantes de temperaturas e o vento é que traz temperaturas inferiores a ponto de congelamento.

Pergunta 011, na lua cheia, o que as pessoas dizem enxergar na lua e o que representam essas manchas?

(034) ...*também não ... não sei... ..não sei...*(IMASm)²⁰

(035)...*dizem enchergâ a nossa senhora... dizem que tem um santo lá...*(7FCEm)

(036) .: *antigamente se dizia muita coisa hoje dizem rocha* (6MBEm)

(037). ...*dizem muita coisa mãs eu não acredito...*(5MBEm)

(038) - *uns diziam é o cavalo de Sõn Jorge...outros diziam que era Adõn e Eva naquele tempu cada um dizia uma coisa... hoje já se sabe que sõn montanhas* (8MCSm)

(039)... *não ... não sei...*(9MCIb)

No que respeita a pergunta 011 que objetivou colher respostas a expressão –**manchas na lua**, observou-se que os informantes sentiram-se pouco a vontade ao nomear tal fenômeno, fazendo parecer uma intuição fatalista das coisas, seria talvez o bem e o mal misturado. Porém, obtivemos as seguintes variantes: -**santo**, resposta (035); Houaiss registra como sendo *aquele que foi canonizado e/ou a quem os fiéis rendem culto*; – **rocha**, resposta (036), Houaiss registra como sendo *agregado de um ou mais minerais e/ou restos orgânico, consolidado ou não, que forma a parte essencial da crosta terrestre; rochedo*; **montanhas**, resposta (038), Houaiss registra como sendo *elevação significativamente alta e de base extensa em um terreno*. Já as variantes -**Nossa Senhora**, resposta (035) e -**São Jorge e Adão e Eva** resposta (038) os dicionários consultados não as registram.

Pergunta 012, quando o céu está coberto de nuvens, diz-se que ele está o quê?

(040)... *nublado... tá... enuviado....*(7FCEm)

(041) ... *céu fechado.. essas coisas né?*(8MCSm)

(042)...*tempu carregadu nuviadu...*(9MCIb)

Para a pergunta 012, resposta esperada o vocábulo –**nublado** que Houaiss registra como sendo *que se nublou, cheio de nuvens, nebuloso, nuvioso*. Já as variantes: –**enuviado**, resposta (040), -**céu** (fechado), resposta (041), -**tempo** (carregado), resposta (042); –**nuviado**, (042), os dicionários consultados não registram essas significações.

Pergunta 013, listas coloridas que aparecem no céu depois da chuva e outros nomes dados a essas listas?

(043) ... *o arcu. íris.. ...* (IMASm)

(044) ... *indica paiz... e tamém indica tempo bõ..*(8MCSm)

No que diz respeito a pergunta 013, resposta esperada o vocábulo -**arco-íris**, que Aurélio registra como sendo *fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de*

²⁰ A inexistência do vocábulo, na maioria das vezes, deu-se pela ausência do objeto no mundo cultural do informante para representá-lo, por isso, alguns informantes simplesmente não respondiam a pergunta.

água suspensas na atmosfera, e que é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente como circunferências inteiras) coloridos com as cores do espectro solar; arco-celeste, arco-da-aliança, arco-da-chuva, arco-da-velha, arco-de-deus. Obtivemos a variante: –paz, resposta (044) que Aurélio registra como ausência de lutas, violências ou perturbações sociais; tranqüilidade pública; concórdia, harmonia. Já a variante -tempo (bom), resposta (044) não foi encontrada nos dicionários consultados.

Pergunta 014, quando o tempo está abafado e úmido, diz-se que faz um...

(045)...*é quando tá abafadu... e nãõ chove... nem a gente respira.. tá loco ...até se sente mal... é mormacentu...(8MCSm)*

Quanto a pergunta 014, resposta esperada o vocábulo –**mormaço** que Aurélio registra como sendo *tempo mormacento, tempo abafadiço, bochorno*. Obtivemos como respostas as variantes: -**abafado**, resposta (045), Aurélio registra como sendo *pesado, sufocante, abafante, abafadiço*; -**mormacento**, resposta (045), segundo o dicionário Aurélio *diz-se do tempo quente e úmido*.

Pergunta 015, quando a chuva termina e o sol começa a aparecer, isso se chama de...

(046) ... *um (bom) tempo...(4FBSm)*

(047) ... *a chuva (acalmô)... aqui tinha o tempo das águas que (7FCEm)*

(048) ...*o tempo(acalmô)...(6MBEm)*

(049) ...*o tempu (abriu)...(8MCSm)*

No que respeita a pergunta 015, resposta esperada o vocábulo –**estio** que Houaiss registra como *tornar-se seco ou calmo (diz-se do tempo), parar de cair; cessar, cessar de chover*. Obtivemos como respostas as variantes: -**bom** (tempo), resposta (046); -**chuva** (acalmou), resposta (047); -**tempo** (acalmou), resposta (048); -**tempo** (abriu), resposta (049), porém, nenhuma dessas acepções foram encontradas nos dicionários consultados.

Pergunta 016, e a chuva com vento forte, derramada, que alaga tudo e cai de repente?

(050)... *enchente ... e tempestade ..(4FBSm)*

(051)... *enxurrada...(5MBEm)*

No que diz respeito a pergunta 016, resposta esperada a expressão –**tromba d'agua** que Aurélio registra com o sendo *fenômeno meteorológico que ocorre no mar e consiste numa grande nuvem negra, donde vai saindo um prolongamento parecido a uma tromba de elefante, o qual, girando rápido em torno do seu eixo, desce até a superfície, onde produz forte remoinho e eleva a água, na forma de um cone com o vértice voltado para cima*.

Obtivemos como respostas as variantes: **-enchente**, resposta (050), Houaiss registra como sendo *que (se) enche, grande abundância ou fluidez no volume de águas, devido a excesso de chuvas, subida de maré*; **-tempestade**, resposta (050), Houaiss registra como sendo *agitação atmosférica violenta, muitas vezes acompanhada de chuva, granizo, vento, raios e trovões; temporal, procela*; **-enxurrada**, resposta (051), Houaiss, registra como *grande quantidade de água que corre com violência, resultante de chuvas abundantes; águas selvagens, aguça, enxurro*.

Pergunta 017, nome dado àquele frio tão intenso que cai neve e queima as plantações?

(052) ...*giada. branca .. tem a giada preta aqui não tem... geadas assim só lá no sul que a giada é comum....(5MBEm)*

(053) ...*geadona....é anunciada com dia muito friu..pode se arumá com lenha que vem friu..e gia.....giada preta a sra. já viu?. tew e geadas preta e branca...essa é mais fraca e cumum (8MCSm)*

Com relação à pergunta 017, resposta esperada o vocábulo **-geada**, que Aurélio registra como sendo *orvalho congelado que forma camada branca*. Obtivemos como respostas as variantes: **-geada branca**, resposta (052) Aurélio registra como sendo *depósito de gelo cristalino, em geral feito de escamas, agulhas, penas ou leques, e que se forma de maneira análoga ao orvalho, mas com temperaturas inferiores a 0°C*. Já as variantes: **-geada preta**, resposta (052), **-geadona**, respostas (053), não foram encontradas nos dicionários consultados.

Os habitantes do sul do Brasil, costumam distinguir dois tipos de geadas: a branca²¹, e a preta²². Esses fenômenos atmosféricos são mais naturais na região sul, onde, por ocasião de penetração no Brasil da frente polar antártica, acusa a ocorrência de geadas nos pontos mais sulinos ou mais elevados do planalto meridional (MEYER, 1975: 35)²³.

Sabe-se que somente a região sul possui a distinção aos dois tipos de geadas, o que deixa evidente que as acepções geadas branca e geadas preta possui significação cultural apenas

²¹ A geadas branca é mais comum e é prenunciada por vento muito frio durante o dia; o vento cessa ao escurecer; também, o céu estrelado e profundo, reinando uma temperatura poucos graus acima de zero, que se eleva após as primeiras horas da manhã, surgindo com o desvanecer da bruma. Isso persiste ao longo dos vales, com um sol que parece não aquecer, trazendo um dia maravilhoso de céu azul, que provoca, quase sempre, no decorrer das horas de sol, uma sensação de calor, quando não sucede ser perturbado pela volta dos ventos frios. (MEYER: 1975:35).

²² A geadas preta resulta da temperatura do ar que permanece próxima de zero no decorrer do dia, soprando um vento gélido, úmido e forte. Lugares há, nos três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), mais meridionais, em que a geadas não desaparece em poucas horas, atravessando dias e noites.(MEYER, 1975:35).

²³ O Guia de Folclore Gaúcho foi consultado devido a algumas variantes terem somente distinção de significado no conhecimento partilhado dos informantes desta comunidade pesquisada.

aos indivíduos que vivem nesta região, o que não acontece com os demais sistemas culturais do Brasil que possuem uma única forma para designar esse fenômeno atmosférico.

3 - Flora

Pergunta 018, uma árvore tem várias partes, quais são elas?

(054) raiz.....caule.....folha.....(1MASm)

(055)... tem a ramada né?... us ramo...us galhu... u tronco... as raíz...né (8MCSm)

(056)... as foiagaiu..o...o..troncu....(9MCIB)

No que diz respeito a pergunta 018 que objetivou colher respostas a **-partes da árvore**, obtemos as variantes **-raiz**, **-caule**, **-folha**, resposta (054); **-ramada**, pergunta (055), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *cobertura de ramas à frente dos ranchos, à sombra da qual descansam os campeiros nas horas de sol ardente*; **-ramo**, resposta (055), que Aurélio registra como sendo *subdivisão do caule das plantas, com a mesma constituição deste*; **galho**; **-galho** e **-tronco**, resposta (055) e **-folha**, resposta (056).

Pergunta 019, nomes de árvores mais comuns ?

(057) é o ..ipê.. cedru... ... (1MASm)

(058)cerejera ... ipê roxu ... cedru ... aqui tem pocu (2FAIb)

(059) :... é...ipê... aruera....(3FAIb)

(060)eucalipitu...cedru ...ipê aruera ... (4FBSm)

(061) aqui tinha muitas árvores árvores nativas de todo jeito tinha angico ... cedru aroera ... ipê roxu ... peroba tinha muita laranja azeda.(7FCEm)

(062) .. .cedru ... angicu.. aruera .. . peroba (6MBEm)

(063) ... aqui é a aruera ... conheçu u cedruervatera... (5MBEm)

(064) ... tem o açoita-cavalu... cambuim ... o angicu ... a cuajuvira ... cedru ... ipê o meu pai fazia exu pra de careta tinha muita aroera... (8MCSm)

(065) ... cedru ... grajuvira ... peroba ... pinheru ... aruera ... (9MCIB)

Quanto à pergunta 019, que objetivou colher respostas a nomes de **-árvores comuns**. Obtivemos como respostas as variantes: **-açouta-cavalos**, resposta (064), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *árvore da família das tiliáceas cuja madeira se presta para obras de marcenaria, de até 16 metros, nativa do Brasil*; **-angicu**, resposta (062), o dicionário de regionalismo registra como sendo *árvore de até 12 metros nativas da América tropical, a maioria do Brasil, freqüentemente exploradas ou cultivadas pela boa madeira*; **-cambuim**, resposta (064), o dicionário de Regionalismo registra essa significação, como *árvore da família das mirtáceas, flores brancas em panículas, bagas globosas comestíveis e*

madeira própria para esteios, caibros e mourões; -cedro, resposta (057), o dicionário Houaiss, regis

tra como árvore do gênero Cedrus, nativas de regiões montanhosas do Norte da África à Ásia, cultivadas como ornamentais e pelas madeiras de qualidade; -cerejeira, resposta (058) Houaiss, registra como *árvore, nativa da Ásia Menor e do Irã, com cerca de 20 m, casca lisa e cinzenta, madeira compacta, folhas fasciculadas na extremidade dos ramos, flores brancas e drupas comestíveis vermelhas ou pretas, com propriedades calmantes e laxativas; arbusto melífero da família das mirtáceas, nativo do Brasil (SP ao RS), com madeira us. para cabos de ferramentas, flores em panículas axilares e bagas comestíveis vermelho-escuras; -eucalipto*, resposta (060), Houaiss, registra como *árvore de até 70 metros, nativa da Austrália, em vários países, ainda a principal fonte de extração de madeira para lenha, celulose e produção do óleo; óleo dessas plantas, com vários usos em farmácia e medicina; -guajuvira*, resposta(065), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *árvore que produz excelente madeira de construção; -ipê*, resposta (058), Houaiss registra como *árvore de folhas com cinco a sete folíolos, flores amarelas, róseas ou brancas e madeira nobre, algumas entre as mais resistentes das Américas; o ipê é considerado um símbolo do Brasil, sua árvore nacional; -peroba*, resposta (061) Houaiss registra como *designativo comum a diversas árvores das famílias das apocináceas e bignoniáceas, que têm madeira de boa qualidade; -pinheiro*, resposta (065), o dicionário Michaelis registra como *árvore pinácea de alto porte e crescimento rápido, e que fornece grande quantidade de madeira da qual se extrai resina e celulose. O pinheiro é uma árvore muito explorada, também, como abundante fonte de alimento; -ervateira* resposta (063) Aurélio registra como *planta de cujas folhas se faz um chá saboroso e muito apreciado e saudável; mate*. A ervateira foi muito explorada, na região de Dourados, pela Companhia Erva Mate Laranjeira. As variantes *-peroba, -aroeira²⁴, -cedro, -ipê, -cedro*, são tipos de árvores de madeira de lei, de grande porte, que também, existiam muitas no município de Dourados. Sabe-se que essas matas já chegaram a representar 12% da cobertura vegetal do Estado de Mato Grosso do Sul. Sabe-se que muitas espécies de árvores desapareceram em resposta ao desmatamento, porém, atualmente, encontramos vilarejos com nomes Ipezal e Aroeira em lugares onde, certamente,

²⁴ O cerne da aroeira é um dos paus mais estimados pelos gaúchos, como esteiros ou mourões de grande durabilidade. Mas a árvore é temida por seus eflúvios, que em certas pessoas provocam graves irritações da pele. Para precaver-se do mal, deve o campeiro, antes de atacar o tronco a machado, saudar por três vezes com profundo respeito o vegetal a um tempo temido e estimado. Também no tratamento da erupção que provoca, é uso saudar um ramo da aroeira, observando, todavia, o seguinte ritual, se é de manhã, dizer: Boa tarde, dona aroeira!, e de tarde: Bom dia, dona aroeira!. (MEYER, 1975)

o ipê e a aroeira são lembranças da flora que já existiu no passado, dando lugar ao progresso e formação de pastagens e agricultura.

Pergunta 020, lugar no campo, não muito extenso, onde existem muitas árvores juntas, formando uma área mais ou menos arredondada?

(066)...capão... caponete... um lugã onde se dexa um poco de árvores e capoeira ... para o gado se abrigã.....(2FAIb)

(067) ... caponete

Doc...: -A senhora pode descrever o caponete?

inf.: - ah... é tipo uma reserva de mato fica num lugá só e o gadu vai ali descansá.. dormi... ...(3FAIb)

(068) ... us capãozitu os caponete ... de eitu em eitu tem um...(9MCIb)

Para a pergunta 020, resposta esperada o vocábulo **–capão**²⁵, o dicionário Aurélio registra como uma *porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato*. Já a forma **–capãozito**, resposta (068), não foi encontrada em nenhum dos dicionários consultados.

Pergunta 021, como é chamado aquilo que nasce no meio da plantação e precisa ser arrancado?

(069)... inço...falam macega..já ovi até dizê...terreno suju (7FCEm)

(070) ... tiririca.....capuera....(5MBEm)

(071)...capuera...percisa rancá u capim...(9MCIb)

No que respeita a pergunta 021, que objetivou colher respostas ao vocábulo **–mato**, o dicionário Aurélio registra como *terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata*. Obtivemos as variantes: **–inço**, resposta (069), Houaiss registra essa significação como regionalismo do Sul do Brasil; *ervas daninhas que brotam entre plantas cultivadas*; **–macega**, resposta (069), está registrada no dicionário de Regionalismo como sendo *arbusto rasteiro que viceja em geral os campos de má qualidade; pastagem; capim alto*; **terreno suju**, resposta (069), variante sem aceção nos dicionários consultados; **–tiririca** resposta (070), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *planta do banhado, com folhas como as do capim, porém mais largas e ásperas*; **–capoeira**, resposta (071), Aurélio registra como sendo de *origem tupi, mata que foi, terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim; onde a derrubada da mata e o uso da*

²⁵ MENDES (1977:91) registra que a variante **–capão** é característico, também, do Pantanal e significa uma porção de mato arredondado, isolado no meio do campo. Geralmente esse tipo de vegetação está em regiões mais elevadas em formações circulares, livres do perigo das inundações. Nelas se refugiam animais silvestres e o gado durante o perigo das enchentes que acontecem uma vez por ano naquela região.

técnica agrícola de rotação de terras fizeram desaparecer a mata, surge como em segundo nascimento, uma vegetação secundária, a capoeira, tipo de moita arbustiva; -capim, resposta (071), o dicionário de Regionalismo registra com nome comum às diversas espécies de gramas e ervas rasteiras.

Pergunta 022, nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão

(072) ... bergamota ... mexerica ... poucã... (1MASm)

(073) ...vergamota... aqui elis chama de mixirica..... (9MC1b)

Quanto à pergunta 022, resposta esperada o vocábulo **-mexerica** que o dicionário Dicmaxi Michaelis registra como *o mesmo que laranja tangerina e bergamota*. Obtivemos as variantes: **-bergamota**, resposta (072), que o dicionário Dicmaxi Michaelis registra como sendo *o mesmo que mexerica*. No Rio Grande do Sul essa variante é muito conhecida como bergamota ou vergamota. A forma **-poncã**, resposta (072), Aurélio registra como *tipo de tangerina originária do Japão, hoje cultivada no Brasil, sobretudo em São Paulo, por japoneses, e que se caracteriza pelas dimensões avantajadas e casca muito frouxa*.

Pergunta 023, quais as ervas medicinais que conhece, e para que servem?

(074)... erva cidreira..... puejo...(1MASm)

(075) ...a marcela.cidreira.. hortelã.. boldo.....(4FBSm)

(076) ...a .. marcela alosna.....vassorinha... raiz de tiu...existe muito remédios ... (7FCEm)

(077) ... marcela.....cidrera ... grindelia ..guaco...pega-pega...erva-mate .. cauda de sorro..orelha de gato..aipo...alecrim(6MBEm)

(078) ... tem o cardo-santo... carapicho. tem a cidrera... a carqueja.... tem a marcela.. erva de bugre.. quebra-pedra...picõn... língua de vaca....(8MCSm)

(079) tem várias ..ixê! ... erva cidrera... ...a hortelã para vermes ... a marcela...

barba de pau..sete sangria..salsa mora.....losna....., azedinha... sussua...

(9MC1b)

No que diz respeito à pergunta 023, que objetivou colher respostas a **-ervas medicinais**. Obtivemos como respostas as variantes: **-erva-cidrera**, resposta (074), Aurélio registra como *arbusto espinoso de rebentos avermelhados, folhas aromáticas e flores alvas, e que fornece madeira amarela, dura e compacta*; **-poejo**, resposta (074), Aurélio registra como *erva da família das labiadas, cultivada no Brasil como planta aromática, de delgados ramos prostrados e folhas pequenas, fortemente odoríferas quando esmagadas, e que cedem um óleo rico em mentol*. Já as variantes: **-aipo**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é usada como *depurativo usado no mate*; **-alecrim**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra essa erva como *planta rasteira dos campos usada*

nas benzeduras e simpatias; cozimento para banhos, contra febres e o cozimento das folhas era empregado na campanha contra a mordedura de cobras, mas não passa de simples adstringente; **-azedinha**, resposta (079), o Guia do Folclore Gaúcho registra que o ...cozimento de raízes e folhas... dessa erva é ... usado contra febres; **-carqueja**, resposta (078), o dicionário de Regionalismo registra como *planta medicinal da família das compostas*; **-carrapicho**, resposta (078), o Guia do Folclore Gaúcho registra que ...o cozimento das folhas e caule... dessa erva ...é empregado contra blenorragia; **erva-de-bugre**, resposta (078), o Guia do Folclore Gaúcho, Meyer: (1975: 206 a 207) registra que essa erva entra na composição de elixires depurativos, muito usadas contra afecções reumáticas; **-raiz de tiu**, resposta (076), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é usada contra mordedura de cobra; **-guaco**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é muito usada em xaropes; **-língua-de vaca**, resposta (078), o Guia do Folclore Gaúcho registra que ...o suco de raízes e folhas... dessa erva ...é muito recomendado nos casos de icterícia e para combater moléstias do estômago; **-pega-pega**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é usada em flagelação nos membros paralisados; **-orelha de gato**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é empregada em gargarejos ou lavagens nos casos de angina; **-quebra-pedra**, resposta (078), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é muito usada em infusão, geralmente no mate, para combater moléstias no fígado e expelir cálculos biliares; **-picão**, resposta (078), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é usada o cozimento de ramos e folhas em gargarejos ou lavagens para ligar feridas; **-grindélia**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é muito usada em xaropes; **-salsa-moura**, resposta (079), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva serve como depurativos muito usados nos casos de reumatismos; **-sete-sangria**, resposta (079), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva goza entre o povo, a reputação de combater o vírus sífilítico; **-cauda –de- zorro**, resposta (077), o Guia do Folclore Gaúcho registra que o cozimento das raízes dessa gramínea é muito usado para combater inflamações da bexiga e uretra; **-erva mate**, resposta (077), Aurélio registra como sendo planta da família das aquifoliáceas (*Ilex paraguariensis*), de cujas folhas se faz um chá saboroso e muito apreciado e saudável; **mate**; **-marcela**, resposta (075), o Guia do Folclore Gaúcho registra que essa erva é muito usada em travesseiros, contra insônia ou enxaqueca e o dicionário de Regionalismo complementa como *planta medicinal da família das compostas*; **-losna**, resposta (076), descrita pelo dicionário de Regionalismo como sendo *planta medicinal da família das Artemísia e Houaiss* complementa como *erva aromática, muito ramosa, nativa da Europa e cultivada em todo o mundo, especialmente, pelas raízes e folhas, usada em*

infusão como excitante estomacal, estimulante cardíaco e antelmíntico, erva-dos-vermes; -hortelã, (resposta 075), Houaiss registra, como sendo *a essência desta planta, que, por suas propriedades aromáticas e medicinais, é usada. no preparo de licores, xaropes, pastilhas, chás e infusões*; **-cardo santo**, resposta (078), o dicionário de Regionalismo registra como *planta medicinal da família das papaveráceas* e Houaiss complementa como sendo *planta anual (Argemone mexicana), da família das papaveráceas, de origem incerta, com folhas alternas, flores amarelas e cápsulas indeiscentes, contendo numerosas sementes pretas; erva-de-cardo-amarelo, papoila-de-espinho, papoila-de-méxico, papoula-de-espinho, papoula-do-méxico, papoula-espinhosa (A planta é usada na medicina caseira, e cada uma de suas partes, das raízes às sementes, tem emprego distinto)*; **-barba-de-pau**, resposta (079), Aurélio registra essa erva somente como *designação comum a líquens do gênero Usneas*; **-boldo**, resposta (075), *ramos e folhas de que se faz chá contra males digestivos*; **-sussua**, resposta (079) os dicionários consultados não registram essa significação não soube dizer para que mal serve; **-vassourinha**, resposta (076), Aurélio registra como *erva da família das escrofulariáceas (Scoparia dulcis), amplamente disseminada como ruderal, que tem pequenas flores alvas inaparentes e que, como é muito ramosa e lenhificada, pode ser congregada em feixes para compor vassouras simples e baratas; vassourinha-de-varrer, tupixaba e o Guia do Folclore Gaúcho complementa que essa erva é usada para combater inflamações.*

4 – Fauna

Pergunta 024, aquele pássaro que faz sua casinha de barro?

(080) *...joão-de-barro ... têm uma poesia que fala do bichinho... ele faz a casa dele... de esguelha para o norte por causa do frio...* (8MCSm)

(081) *... o joão de barro é o joão barrero.*(9MC1b)

Quanto à pergunta 023, a qual se objetivou colher respostas ao vocábulo **-João de Barro** que o dicionário Dicmaxi Michaelis registra como sendo *ave, que faz ninho com barro; forneiro, barreiro, oleiro, pedreiro, maria-de-barro, amassa-barro; variante: joão-barreiro*. Observamos apenas uma variação **-joão barreiro**²⁶, resposta (081), o Guia do Folclore gaúcho complementa *que essa ave, segundo os campeiros, não trabalha aos domingos e dias santo, a*

²⁶ *Em casa ou rancho com ninho de joão-de-barro, não cai o raio; destruir o ninho atrai o raio e provoca a dispersão dos membros da família. Geralmente, é respeitado até pelos guris, quando vão ninhar, e o campeiro o considera um símbolo da felicidade doméstica. O joão-de-barro é pássaro tão integrado na paisagem crioula quanto o quero-quero.* MEYER, Guia do Folclore gaúcho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1975: 147.

não ser quando, após uma chuva prolongada na véspera, aproveita a oportunidade para recolher o barro formado pelo aguaceiro.

Pergunta 025, nomes dados aos cavalos pela cor do pêlo ou devido a algum sinal que tenha no corpo?

(082)...cavalu... manga larga... o pingu... depois tem o burru ...(1MASm)

(083) ...piquininhu... ohm! ... pitiçu... é um animal mistura de burru ... com égua..(2FAIb)

(084)..:manga larga..... tordilho.....pingo (3FAIb)

(085) ...o .bagual...tem o tordilho... pingo.. manga larga..(4FBSm)

(086)... tem o... manga larga... o pilungo... matungu...tem vários ...(7FCEm)

(087).....o ..tordilho... o pingu... o baio (6MBEm)

(088).....manga larga....u bagual... u pingo...(5MBEm)

(089) ixé! ... tem vários animal o alazão.. o tordilho... o malhadu.... o aguachadu...tem...aporeadu...tem....tem o baio...este cavalo é bom cavalo (8MCSm)

(090)..o gaúcho não vive sem u cavalu... ai tem vários tipos..desses animal cavalo manga larga... u pingu... u pitiçu... mistura de burru com égua..chucru...é cavalo ariscu..u bagual dizem u que não foi castrado...haraganu ..cavalu arredio tem o pilungo é cavalu ruim u tordilhu é... bonitu ...cavalo requê que conversemo com ele ai ele fica mansinho... mansinho com u donu...esses cavalos que ficô na minha lembrança (9MCIb)

No que respeita à pergunta 025, que objetivou colher respostas a **-nomes de cavalo**, obtivemos como respostas as variantes: **-aguachado**, resposta (089), segundo o dicionário de Regionalismo significa *animal solto no campo por muito tempo e, portanto, sem trabalhar e que, por isso, engorda. Cansa e transpira facilmente quando tem de trabalhar ou viajar sem ser adelgado (emagrecido)*; **-alazão**, resposta (089), segundo Aurélio, *diz-se do cavalo que tem a pelagem cor de canela, amarelo-avermelhada*; **-aporreado**, resposta (089), o dicionário de Regionalismo registra como *animal que o domador não pode domar ou amansar de todo, acabando por abandoná-lo. Atualmente são disputadíssimos para rodeios, por sua pertinência em corcovear*; **-bagual**, resposta (085) segundo o dicionário de Regionalismo, significa *potro em processo de doma. Diz-se, também do cavalo inteiro - o que não foi castrado. Vem de bago ou testículos*; **-baio**, resposta (087), o dicionário de Regionalismo registra como *animal cujo pêlo tem cor de ouro desmaiado. chama-se baio, também, ao cigarro crioulo, feito com fumo em rama e palha de milho*; **-burro**, resposta (082), segundo o dicionário Houaiss *diz-se do animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento*; **-égua**, resposta (090), Aurélio registra como *a fêmea do cavalo*; **-haragano**, resposta (090), o dicionário de Regionalismo registra como *cavalo de andar que está solto há muito tempo, tornando-se arisco e desconfiado*.

Cavalo que está há muito tempo sem ser encilhado. O gaúcho distingue, muitas vezes, o cavalo pela cor **-malhado**, resposta (089), Houaiss registra como *aquele que tem malhas ou manchas; manchado, pintado*; **-manga larga**, resposta (084), Aurélio registra como *a raça de cavalos marchadores, obtida através do cruzamento de um puro-sangue com égua, e da qual há uma variedade desenvolvida em Minas Gerais (manga-larga marchador) e outra desenvolvida em São Paulo (manga-larga paulista)*; as variantes **-matungo** e **-pilungo**, resposta (086) segundo o dicionário de Regionalismo significa *cavalo velho, ruim, imprestável*; **-petiço**, resposta (083), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *cavalo pequeno, curto, baixo*; **-pingo**, resposta (088), o dicionário de Regionalismo registra como bom *cavalo, fegoso, corredor, bonito, vistoso, fegoso, árdego*; **-tordilho**, resposta (085), segundo o dicionário de Regionalismo diz-se *do cavalo cujo pêlo tem a cor do toldo, ou seja, fundo branco encardido salpicado de pequenas manchas mais ou menos negras*. O cavalo está estreitamente ligado à vida gaúcha. É um complemento do homem e, embora tenha diminuído a sua importância, ele é ainda numeroso no Rio Grande do Sul.

Pergunta 026, cavalo bem novinho, como se chama?

(091) ... o cavalinhu ..(IMASm)

(092)...o potrilhu ...(7FCEm)

Para a pergunta 026 resposta esperada o vocábulo – **potrilho**, o dicionário de Regionalismo registra como *cria da égua, quando tem menos de um ano*. Obtivemos apenas uma variante **-cavalinho**, resposta (091) diminutivo de cavalo.

Pergunta 027, cavalo que puxa uma perna, porque tem um defeito nos quadris?

(093) ... mancu...(IMASm)

(094) ... tá...mancu... rengo...(9MCIb)

No que diz respeito à pergunta 027, resposta esperada o vocábulo **-lunanco**, segundo o dicionário de Regionalismo *diz-se do cavalo que tem um quarto mais baixo do que o outro*. A variante **-manco**, resposta (093), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *aquele que claudica nas mãos (cavalo)*; **-rengo**, resposta (094), segundo o dicionário de Regionalismo diz-se *da pessoa ou animal que manqueja numa perna*.

Pergunta 028, peças que se colocam sobre o cavalo para montar nele?

(095) ... o arreiu...(3FAIb)

Quanto à pergunta 028, a resposta esperada o vocábulo –**arreio** e resposta (095) citada pelo informante que o dicionário de Regionalismo significa *conjunto de peças com que se arreia um cavalo para montar*.

Pergunta 029, peça de couro que é passada por cima do arreio e aperta a barriga do cavalo, para firmar o arreio, como se chama?

(096) ... a cincha...(1MASm)

(097) ... a chinha...cinta..(2FAIb)

(098) ... tem a peitera... tem cincha...(5MBEm)

No que diz respeito à pergunta 029, resposta esperada o vocábulo –**cincha**, segundo o dicionário de Regionalismo significa *peça dos arreios que serve para firmar o lombilho ou o serigote sobre o lombo do animal*. As variantes obtidas foram: –**cinta**, resposta (097), registrada por Aurélio como sendo *faixa para apertar na cintura*; –**peiteira**, resposta (098), o dicionário Aurélio, registra como sendo *peça dos arreios que cinge o peito do cavalo*.

Pergunta 030, qual a peça do arreamento que se coloca embaixo do arreio?

(099) é u baxeru...(4FBSm)

(100) ... são os arreu ...(6MBEm)

Quanto à pergunta 030, resposta esperada o vocábulo –**baixeiro** e resposta (099) citada pelo informante que o dicionário Houaiss registra como sendo *aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta)*, citada 8 (oito) vezes pelas três faixas etárias; –**arreio**, resposta (100), segundo o dicionário de Regionalismo significa *conjunto de peças com que se arreia um cavalo para montar*.

Pergunta 031, qual a peça do arreamento que se usa em cima do arreio para deixá-lo macio?

(101) ... hom ... pelegu...(1MASm)

Quanto a pergunta 031, resposta esperada o vocábulo –**pelego**, resposta (101), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *pele de carneiro ou de ovelha, de forma retangular, com a lã natural, que se coloca sobre os arreios, para tornar macio o assento do cavaleiro*.

Pergunta 032, peça de couro macio usada sobre os pelegos?

(102) ... é ohm ... a cinta né? (9MCIb)

No que respeita à pergunta 032, resposta esperada o vocábulo **-baldana**, significação sem registro nos dicionários consultados; a variante **-cinta**, resposta (102), registrada por Aurélio como sendo *faixa para apertar na cintura*.

Pergunta 033, como se diz do cavalo que está pronto para ser montado?

- (103) ... *arreadu....(1MASm)*
- (104).....*aparelhadu...(7FCEm)*
- (105) ...*é encilhadu.. ...(9MC1b)*

Quanto à pergunta 033, resposta esperada o vocábulo **-arreado**, respostas(103) que Houaiss registra como sendo *provido de arreios*. Obtivemos as variantes: **-aparelhado**, resposta (104), Houaiss registra como sendo *adornado com enfeites, jóias, enfeitado*; **-encilhado**, resposta (105) segundo o dicionário de Regionalismo *diz-se do animal que está com os arreios colocados no lombo*.

Pergunta 034, descer do cavalo é...

- (106) ...*é apeia..(3FA1b)*

No que diz respeito à pergunta 034, resposta esperada o vocábulo **-apear**, resposta (106), segundo o dicionário de Regionalismo significa *apear, descer do cavalo, desmontar*.

Pergunta 035, rês bem novinha, como é chamada?

- (107) ... *bezerru...(1MASm)*
- (108) ...*a novilha....um terneiro (4FBSm)*
- (109) ... *é bezerrinhu ... um ternerinhu mui piqueno (6MBEm)*

Quanto à pergunta 035, que objetivou colher repostas a **-rês bem novinha**, obtivemos como resposta as variantes: **-terneirinho**, resposta (109) segundo o dicionário de Regionalismo significa *a cria da vaca recém nascida*; **-bezerrinho**, resposta (109), segundo o dicionário de regionalismo *a mesma significação de terneirinho*; **-terneiro**, resposta (108), segundo o dicionário de Regionalismo *diz-se da cria da vaca até a idade de um ano, bezerro, novilho*; **-bezerro**, resposta (107), o dicionário de Regionalismo define como *mamão, terneiro grande que ainda mama, de marca: na idade de ser marcado*; **-novilha**, resposta (107) o dicionário de Regionalismo define como *vaca nova que ainda não deu cria*. Sabe-se que os gaúchos fazem distinção quanto a idade do gado.

Pergunta 036, como chamam o animal sem chifre?

- (110) ... *também não sei...(1MASm)*

(111) ...mochu.....(4FBSm)

No que respeita a pergunta 036, resposta esperada o vocábulo **-mocho**, resposta (111) segundo o dicionário de Regionalismo significa *uma raça de gado bovino, sem chifres ou com os chifres atrofiados, rês desprovida de chifres, de qualquer raça.*

Pergunta 037, e aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

(112)... é o búfalu... ele é mais ariscu...(2FAIb)

(113) :.. alongadu... animal ariscu..(7FCEm)

(114) ... é...gado orelhano... animal brabo ohn!.. loco!...(8MCsM)

(115) ... é o xucru...é arçadu...(9MCIb)

Quanto à pergunta 037, resposta esperada o vocábulo **-bagual**, que o dicionário de regionalismo registra como sendo *equino selvagem, isto é, ainda não domado*. Obtivemos as seguintes variantes: **-búfalo**, resposta (112), o dicionário Michaelis registra como *designação comum a vários bois selvagens*; **-alongado**, resposta (113), Aurélio registra como *animal doméstico que foge para o mato e não volta*, **-orelhano**, resposta (114), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *animal sem marca nem sinal*, **-xucro**, resposta (115), o dicionário de Regionalismo registra como sendo *animal ainda não domado, chimarrão, bravio, esquivo, arisco*; **-alçado**, resposta (115) o dicionário de Regionalismo registra como sendo *gado que vive no bravio, no campo ou no mato, esquivando-se ao custeio*.

Pergunta 038, lugar onde o gado se reúne para dormir no campo?

(116) ... matu...(2FAIb)

(117) ... é nos.. .capões... ali os animais se abrigam ...(4FBSm)

(118) ... o gadu se reúne ...nos caponete (9MCIb)

No que respeita à pergunta 038, resposta esperada o vocábulo **-malhador** que o dicionário Dicmaxi Michaelis registra como sendo *lugar habitual onde o gado solto se deita para ruminar e descansar*. Obtivemos as seguintes variantes: **-mato**, resposta (116), Aurélio registra como *terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata*; **-capões**, resposta (117), Aurélio registra como uma *porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato* e **-caponetes**, resposta (118), Aurélio registra como sendo termo usado no Rio Grande do Sul e significa *pequeno capão*.

5 - Características Físicas

Pergunta 039, quem só enxerga com um olho, porque o perdeu o outro olho, como se chama?

- (119) ... *caolhu...*(1MASm)
 (120)...*zarolho...6* (2FAIb)
 (121) ... *chamam de ... birolho ...* (5MBEm)

Com relação à pergunta 039, resposta esperada os vocábulos –**caolho/zarolho**, respostas (119 e 120), Aurélio registra como sendo *estrábico*, *zarolho*. Obtivemos a variante - **birolho**, resposta (121) sem registro em nenhum dos dicionários consultados.

Pergunta 040, a pessoa que só tem uma perna?

- (122) ... *não sei...não ...*(1MASm)
 (123) *hom! ... capenga ...*(6MBEm)
 (124) .. *é pernetá ...*(8MCSm)
 (125) ... *é um alejadu ...*(9MCIb)

Para a pergunta 040, resposta esperada o vocábulo –**pernetá**, que o dicionário Aurélio registra como sendo *perna pequena, pessoa a quem falta uma perna, ou que tem defeito numa das pernas; perna-de-pau*. Obtivemos as variantes: –**capenga**, resposta (123), Aurélio registra como sendo *coxo*; –**alejado**, resposta (125), Aurélio registra como o que *tem algum defeito, deformidade ou mutilação física; defeituoso, estropiado*.

Pergunta 041, pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro?

- (126) *cambota...* (1MASm)

Quanto à pergunta 041, resposta esperada o vocábulo –**cambota**, resposta (126), registrada pelo dicionário Aurélio como sendo o *que tem forma de arco; curvo, arcado, recurvo: pernas arqueadas*.

Pergunta 042, aquele que tem as pernas voltadas para fora, e os dois pés tortos?

- (127) *não sei... não sei...*(1MASm)
 (128) ... *perna arqueada...*(2FAIb)
 (129)... *não sei... não sei...*(3FAIb)
 (130)... *cambota...*(4FBSm)
 (131)... *pé torto.*(7FCEm)
 (132) ... *perna torta.*(6MBEm)
 (133) ... *alejadu...*(5MBEm)
 (134) ... *não sei... não sei.*(9MCIb)

Com respeito à pergunta 042, resposta esperada o vocábulo **-zambeta** que Houaiss registra como *aquele que possui as pernas tortas; cambaio, zambo*. As variantes **-perna** (arqueada), resposta (128), **-pé** (torto), resposta (131) e **-perna** (torta), resposta (132), sem registro em nenhum dos dicionários consultados. A variante **-cambota**, resposta (130), Houaiss registra como sendo *regionalismo no Maranhão e Rio Grande do Sul* e significa *cambaio (de pernas tortas, coxo e a variante -aleijado*, resposta (133), Aurélio registra como *o que tem algum defeito, deformidade ou mutilação física; defeituoso, estropiado*.

Pergunta 043, mulher que tem as pernas finas e compridas?

(135) ... dizem cambitu fino perna de saracura.. ((risos)) (9MC1b)

No que respeita à pergunta 043, resposta esperada o vocábulo **-saracura**, que, o dicionário Houaiss registra como sendo *designação comum às aves gruiformes da família dos ralídeos, representadas no Brasil, que possuem pernas e dedos longos sem membranas natatórias*. Obtivemos a variante **-cambito** (fino), resposta (135), que o dicionário Houaiss descreve como sendo *perna fina, de homem ou mulher*

Pergunta 044, pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado?

(136)... cacunda... (IMASm)

(137) ...corcunda (4FBSm)

Quanto à pergunta 044, resposta esperada o vocábulo **-corcunda**, resposta (137), Aurélio registra como *pessoa que tem corcunda, cacunda, cacundo, dorso, costas*. Para a variante **-cacunda**, resposta (136) Aurélio registra a mesma significação da variante corcunda.

Pergunta 045, pessoa que fala pelo nariz?

(138) ... é o fanha... fanhosu...(7FCEm)

No que diz respeito à pergunta 045, resposta esperada o vocábulo **-fanhoso**, conforme resposta (138), Aurélio registra essa significação, como sendo *o que fala ou parece falar pelo nariz; sinônimo: fanha; fanho*.

6 - Cultura e Convívio

Pergunta 046, as pessoas que têm a pele bem escura, como são chamadas?

(139).. negru...(IMASm)

(140).... eu chamu de morenu ...porque tem uns que se ofendemmais é negru porque é raça...(7FCEm)

(141)... é são ...pessoa de cor..morenu (9MCIb)

Quanto à pergunta 046, resposta esperada o vocábulo **-negro**²⁷, que o dicionário Houaiss registra como sendo *a cor do piche, preto, diz-se de ou indivíduo de etnia negra, que apresenta a cor negra, diz-se dessa cor*. A variante **-moreno**, resposta (140 e 141), Houaiss registra como sendo *aquele cuja cor da pele está entre o branco e o pardo, por natureza ou como resultado de bronzeamento; que ou quem tem a pele azeitonada ou amarronzada, que ou aquele cuja pele é escura, apresentando uma tonalidade entre o pardo e o negro*.

Pergunta 047, pessoas que têm os cabelos bem pretos e lisos e têm a pele escura?

(142) ... índio...(2FAIb)

(143) ... é o bugre que é o índio um dia quando íamos voltando de uma viagem de Riu Brilhante minha avô então numa dessas viagens e a gente sempre que viajava levava a matula.. que levava viradu de galinha, carne frita, doce de abóbora, biscoito de powvilho....(7FCEm)

(144) ...é o índio...quandu cheguei aqui tinha muito índio.muito(9MCIb)

Com relação à pergunta 142, resposta esperada o vocábulo **-índio**²⁸, conforme respostas dos falantes (142, 143 e 144), que o dicionário Aurélio registra como sendo *indivíduo pertencente a qualquer um dos povos aborígenes das*. Para a variante **-bugre**, resposta (143), Aurélio registra como sendo *indivíduo dos bugres, povo indígena do S. do Brasil, que habita entre os rios Iguaçu e Piquiri e a região da cabeceira do rio Uruguai* e o dicionário de Regionalismo complementa o vocábulo **-bugre** com a seguinte acepção *índio, silvícola, nome depreciativo aplicado aos selvagens do Brasil*.

²⁷ Somente para ilustrar, Os primeiros negros chegaram ao Rio Grande do Sul por volta de 1737, com a fundação, por Silva Paes, do Forte Jesus Maria e José, em Rio Grande. Até o surgimento das charqueadas, o negro não entrou em grande número. Em 1780, um cearense de nome José Pinto Martins estabelece uma charqueada às margens do rio São Gonçalo. Esta atividade prospera e multiplica-se, gerando a necessidade de mão-de-obra – o escravo. Africanos em 1814, quando vai começar o movimento de imigração no Rio Grande do Sul, contam-se na Capitania geral do Rio Grande 20.611 escravos e 5.399 negros ou mulatos livres, para 32000 brancos. Era uma população de procedência africana em aumento constante, pouco numerosa nas áreas pastoris, mas aglomerada nos distritos agrícolas e nas cidades. Em 1815 há 100000 escravos na Província. As certidões de batismos de 1751 dão a conhecer pretos de Mina, Cabo Verde, Angola, Guiné e Congo. Também muitos negros nascidos no norte do Brasil eram vendidos para o extremo sul. A entrada dos imigrantes europeus e a baixa mortalidade do branco reduziram aos a porcentagem da população de origem africana. Em 1863, ainda havia 77.419 escravos na Província, e em 1872 o censo ainda computava mais ou menos 67 700, mas em 1887 caía o seu número para o total de 8.500 negros. De outro lado, convém observar que em 1895 havia em Porto Alegre trinta e sete sociedade de homens de cor. A contribuição do elemento africano para o folclore do Rio Grande do Sul pode ser caracterizada em primeiro lugar com a permanência do batuque e do candomblé. Existe no extremo sul do país, numa região de população essencialmente branca, com uma forte densidade de descendentes de alemães, uma ilha de resistência africana. (MEYER, A. 1975).

²⁸ Esse termo era um dos nomes dados aos Kaingang – designação genérica dada a todo o índio não guarani, um dos três grupos de ocupantes primitivos do Rio Grande do Sul, pequenos agricultores coletantes no planalto, onde o pinheiro lhes fornecia abundante alimentação. Pertencem lingüística e culturalmente ao ramo meridional da família Gê. (MEYER, A. 1975).

Pergunta 048, chegar a uma casa estranha o que se grita para chamar alguém?

(145) ... *ó de casa!* ... e bate palmas...(3FAIb)

(146) ...*ó! tem alguém em casa!... batu palmas... também ...*(7FCEm)

(147) ... *ó de casa... tem gente em casa!* ((risos)) bater palma ...(5MBEm)

Para a pergunta 048 que objetivou colher respostas à expressão **-ó de casa**, conforme resposta (145), as respostas dos informantes foram interjeições e locuções com representação de ruídos (sons onomatopáicos²⁹) conforme e respostas (145, 146, 147) *Ó! Tem alguém em casa!* como **-bater palmas**.

Pergunta 049, como se diz para se despedir de alguém?

(148) ... *até logu!*...(2FAIb)

(149) ... *thiau!..... já vô!*...(3FAIb)

(150) *até loguinho!*...(7FCEm)

(151) ... *até logo! até mais ver!*...(6MBEm)

(152) ... *bem, já vô!*...(5MBEm)

(153) ... *até logo!...tchiau!...já me vôih.. ..!*...(8MCsM)

(154) ... *oche!*... *buenas!**inte logu!*...(9MCIb)

Quanto à pergunta 049, observaram-se nas respostas dos informantes a riqueza de palavras, expressões, formas de bordões de usos corrente que remetem a elementos como os gestos, a entonação, etc. São os jeitos do léxico, sua mobilidade e criatividade, ampliando-se, assim muitas expressões, como: interjeições e vocativo, veja-se **-oche!**, resposta (154), *interjeição, expressão usada pelos carreteiros para fazer os bois da carreta pararem ou diminuírem a marcha; buenas!*, resposta (154), para essas formas o dicionário de Regionalismo registra como do espanhol e significa: *está bem, muito bem, perfeitamente*.

Pergunta 050, e quando se dirige a alguém mais próximo, como aos filhos?

(155) *você!*...(1MASm)

(156) ... *tu e você!...tchê!*...((risos)) (4FBSm)

(157) ...*é mais simples... falá ...tu eu falo você!*...(7FCEm)

(158) ...*eu digu tu é mais fácil!.....:...aqui...elis falam mais você!*...(6MBEm)

(159)... *ai diz chê tu e diz . você!...depende...da situação.se é mais íntimo... ai vai!*...(8MCsM)

(160)... *chê ...vancê você.. tu..... tu é prá gente chegada...o senhô ..tamém a sinhora...depende da pessoa se é pessoa estranha...não muito chegada falamu você* (9MCIb)

²⁹ Sobre as onomatopéias o dicionário eletrônico Houaiss registra que embora seja um recurso expressivo associado à linguagem, diferenciam-se das interjeições, pois não traduzem um estado emocional; pode-se legitimamente considerar a representação gráfica ou a imitação das interjeições deste tipo como onomatopáicas, cuja razão de ser está na sonoridade do gesto, que se torna mais importante do que o seu próprio significado. Os termos surgem, senão com a língua falada ou com gestos e, assim vão integrando-se na linguagem humana.

No que diz respeito à pergunta 050, que objetivou colher respostas à forma de tratamento –**você**, observou-se que a imagem presente no senso comum dos informantes deste trabalho é o vocábulo **-tu**³⁰, variante predominante em detrimento a forma –**você**, porém, os jovens tenderiam mais ao uso da inovação lexical – **você**³¹, conforme resposta (155). Chamamos a atenção a resposta (160), o pronome de tratamento –**vancê**, forma inapropriada na língua padrão que pode ser verificada ainda hoje em falantes de nível social mais baixo; nas zonas urbanas e, com maior intensidade, em falantes da zona rural. Quanto à expressão –**chê!**, resposta (160), de acordo com o dicionário de Regionalismo esse termo é mais abrangente e está registrado como interjeição e equivale ao pronome **tu aí** ou **tu**, simplesmente. Usa-se, também, como vocativo: *Como vai, Chê?* Usa-se com o fim de chamar a atenção: **Chê! que mulher bonita!** Pronuncia-se **tchê** à maneira espanhola é o mesmo que **ché**, **tiê** e **tchê**.

Pergunta 051, pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida?

- (161) ...*pessoa chique*..(2FAIb)
- (162) ...*uma pessoa vaidosa*...(3FAIb)
- (163) ...*pirua*..(4FBSm)
- (164) ...*pessoa fina ... enfeitada*...(7FCEm)
- (165) ...*facera...bem arumada*...(8MCSm)
- (166) ... *uma pessoa arrogante*.....(9MC1b)

Para a pergunta 051, a resposta esperada o vocábulo –**faceiro**, conforme resposta (164) que Aurélio registra como sendo *mulher vaidosa e/ou afetada*. A variante **-perua**, resposta (163); Aurélio registra como sendo *mulher de aparência e comportamento exagerados*. Já as variantes: **-pessoa** (chique), resposta (161); **-pessoa** (vaidosa), resposta (162); **-pessoa** (fina) e **-pessoa** (enfeitada), resposta (164); **-arrumada**, resposta (165); **-pessoa** (arrogante), resposta (166), os dicionários consultados não registram essas significações.

Pergunta 052, aquela pessoa que se acha muito bonita e importante?

- (167) ...*convencida...também dizem gavola*...(7FCEm)
- (168) ...*vaidosa*....(6MBEm)
- (169) ...*topetudo... arogante* (8MCSm)

Quanto à pergunta 052 a resposta esperada o vocábulo –**convencida**, resposta (167), Aurélio registra como o *que se convenceu, persuadiu, imodesto; presumido, presunçoso*,

³⁰ Segundo Câmara Jr. (1977), a forma de tratamento tu, está relegada a situações muito especiais, mais ou menos esporádicas.

³¹ Câmara Jr. (1977) diz que o uso do pronome você mais próprio à familiar e a forma de tratamento senhor de uso respeitoso e acrescenta são *pronomes sujeitos do quadro morfológico de terceira pessoa firmou-se no lugar de tu e de vós*.

indivíduo convencido. As variantes: **vaidosa**, resposta (168), Aurélio registra como *o que tem ou denota vaidade, presunçoso*; **-topetudo**, resposta (169), segundo Houaiss *diz-se de ou indivíduo valentão, destemido, arrogante*; **arrogante**, resposta (169) *que demonstra arrogância, soberbo, presunçoso*. Já a variante **-gavola**, resposta (167), não encontramos registro em nenhum dos dicionários consultados.

Pergunta 053, e a mulher de vida fácil, que vende o corpo?

(170).. *prostituta...*(3FAIb)

(171) *biscatera...*(2FAIb)

(172)...*é umabruaca...uma... rapariga... chamam de meretriz...*(7FCEm)

(173) *mulher de programa..*(5MBEm)

(174)...*ohm!... mulher fácil....*(8MCSm)

(175) ..*ixê .é.. muié da vida, ... atirada*(9MCIb)

No que respeita à pergunta 053, resposta esperada o vocábulo –**prostituta**, resposta (170), Houaiss registra como *mulher que exerce a prostituição*. Obtivemos as variantes: – **biscateira**, resposta (171), Aurélio registra como sendo *aquele que faz biscates ou vive deles; biscateador*; **-bruaca**, resposta (172), Houaiss registra como *prostituta mais velha, decadente, feia*; **-rapariga**, resposta (172), *mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta*; **-meretriz**, resposta (172), *mulher que pratica meretrício, que mercadeja o corpo*. Já as variantes: **-mulher** (de programa), resposta (173), **-mulher** (fácil), resposta (174), **-mulher** (da vida), **-mulher** (atirada), resposta (175), não encontramos registro dessas significações nos dicionários consultados .

Pergunta 054, e o homem casado que é enganado pela mulher?

(176) *guampudo... é o guampa....*((risos)) (7FCEm)

(177)... *cornudu.* (6MBEm)

(178)... *.dizem...corno... aspa...* (8MCSm)

(179)... *falam....cornu... homi traidu...*(9MCIb)

Quanto à pergunta 054, resposta esperada o vocábulo – **chifrudo**, Aurélio registra como sendo *o que tem chifres*. Obtivemos as variantes: –**corno**, resposta (178) e **-cornudo**, resposta (177), essas duas acepções Aurélio registra como sendo *chulo, marido de adúltera; cabrão, aspudo, cervo, faz-de-conta, cornudo, chifrudo, galheiro, galhudo, cabrum, mumu*; **-guampa**, resposta (176) Aurélio registra como *corno*; –**guampudo**, resposta (176), o dicionário de Regionalismo registra como *o que tem grandes chifres, chifrudo* e complementa *diz-se também, do homem cuja mulher lhe é infiel*; **-aspa**, resposta (178), o dicionário de

regionalismo registra como *chifre, corno, ponta, guampa* e a variante **-homem** (traído), resposta (179), sem registro nos dicionários consultados.

Pergunta 055, pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?

(180) ... *cainho... mão- de- vaca...*(1MASm)

(181)...*sovina.... pão duro.....*(4FBSm)

(182) ...*pessoa cainha...rói a unha...*(9MC1b)

Com relação à pergunta 055, resposta esperada o vocábulo **-sovina**, resposta (181) que Houaiss registra como sendo *aquele que guarda dinheiro, não gosta de gastá-lo, é seguro nos gastos, avaro, somítico, forreta*. Obtivemos as variações: **-pão-duro** resposta (181), e **-cainho**, resposta (180), Aurélio registra como sendo *avaro*; **-mão de vaca**, (180), Aurélio registra como sendo *indivíduo mesquinho, avaro*. Já as variações: **pessoa** (cainha), resposta (180), **-pessoa** (rói a unha), resposta (182), sem registro nos dicionários consultados.

Pergunta 056, pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age muito diferente?

(183):... *é a pessoa falsa...*(2FA1b)

(184)... *é a pessoa fingida....*(4FBSm)

(185) *é pessoa mentirosa*(8MC5m)

Quanto à pergunta 056, resposta esperada **-mentirosa**, resposta (185), Houaiss registra como sendo *quem é dado a dizer, a contar mentiras*. Obtivemos as variantes: **-pessoa** (falsa), resposta (183) e **-pessoa** (fingida), resposta (184) essas duas acepções Aurélio registra como sendo *indivíduo falso, que simula, enganoso, fementido; falso, que parece mas não é, aparente*.

Pergunta 057, o que a gente precisa ter para fazer compras e quais outros nomes dados ao dinheiro?

(186)...*reais...*(1MASm)

(187)...*tostão... cruzero... contu....*(3FA1b)

(188)...*dinheiro..cruzeiro... real.*(4FBSm)

(189):.*conheçu...por.....cruzeru.. e conheci muito a libra esterlina ..nesse tempu da libra Dorados pertencia praticamente a Companhia Erva-Mate Laranjeira* (7FCEm)

(190)...*dinhero... cruzero...conto....* (5MBEm)

(191)...*dizem pila ...cruzeiro....contos.....*(8MC5m)

(192)...*conheço tostão.... a gente diz merréis... eu gostu de dizer assi.. contos... de reis a minha patroa me diz : - me dá o faz me ri* (9MC1b)

No que respeita à pergunta 057, que objetivou buscar respostas ao vocábulo – **dinheiro**, resposta (189), Aurélio registra como sendo *moeda*. Obtivemos como respostas as variantes: **-reais**, resposta (186), Aurélio registra como *antiga unidade do sistema monetário de Portugal e do Brasil*; **-tostão**, resposta (187), Houaiss registra como sendo *moeda de níquel (no Brasil) ou de prata (em Portugal) equivalente a 100 réis*; **-cruzeiro**, resposta (188), Aurélio registra como sendo *unidade monetária brasileira (símbolo: Cr\$) nos seguintes períodos: de 1.11.1942 até 12.2.1967, quando foi substituída pelo cruzeiro novo (1.000 cruzeiros = 1 cruzeiro novo); de 15.5.1970 até 27.2.1986, quando foi substituída pelo cruzado (1.000 cruzeiros = 1 cruzado); e de 16.3.1990 a 31.7.1993, quando foi substituída pelo cruzeiro real (1.000 cruzeiros = 1 cruzeiro real)*; **-conto**, resposta (190), Aurélio registra como sendo *conto de réis*; **-pila**, resposta (191), Aurélio registra como dinheiro; **-libra esterlina**, resposta (189) Houaiss registra como sendo *unidade de massa utilizada no sistema inglês de pesos e medidas equivalente a 0,4535923 quilogramas; libra-massa*. A propósito, muitos negócios em nosso País, ainda hoje, são pagos com essa moeda, porém a razão de ser dessa variante está na informação dada pela informante na resposta (189) que se torna mais importante do que o seu próprio significado, porque é a partir dessas informações que resgatamos um pouco do processo político-histórico da criação do município de Dourados. Já a variante **-faz-me-rir**, resposta (192), não encontramos registro nos dicionários consultados.

Pergunta 058, como se diz para a pessoa que mora e trabalha em terras alheias, sem licença do dono?

(193) ... *invasor* ... (IMASm)

(194) ... *é u..... posseru* ... (5MBEm)

Quanto à pergunta 058, resposta esperada o vocábulo – **-posseiro**, resposta (194), Aurélio registra como sendo *que ou aquele que está na posse legal de imóvel ou imóveis indivisos*. Obtivemos a variante **-invasor**, resposta (193), Houaiss registra como sendo *o que invade; que ou quem penetra, através de força, de violência, espaços, propriedades, terras etc. particulares*.

7 - Trabalho e Atividade Agropastoris

Pergunta 059, existem terras de várias cores. Que nome se dá a esses diferentes tipos de terras?

(195)....*terra preta*.....(6MBEm)

(196)...ai ..depende.. tem tera de várias cores...tera roxa é tera boa vermelha...(8MCSm)

No que respeita a pergunta 059 que objetivou buscar respostas a –**tipos de terra**. Obtivemos como respostas a variante – **terra roxa**, resposta (196) e a variante –**terra preta**, resposta (195). **Terra preta** é encontrada em todo o planalto do Rio Grande do Sul, que chega a 1.200m de altitude,e é coberto por rochas melafíricas (basalto). Na serra, onde o efeito final da água corrente são os valos, aparece o fundamento de arenito e os topos formados por efusões melafíricas. E nos valos fluviais encontram-se as chamadas -**terras rochas**, oriundas do meláfiro, típicas para a fralda da serra, sendo as melhores do Estado. (MENDES, 1997).

Sabe-se que, no sul do Estado de Mato Grosso do Sul, ou seja, em território do município de Dourados, também aparecem as -**terras rochas** de origem vulcânica que, após a decomposição, produzem um solo de cor avermelhada, muito fértil, conhecido como **terra roxa**, boa para a agricultura Esta constatação, ao que tudo indica, reforça a tese de que muitos gaúchos procuraram o sul de Mato Grosso do Sul para viverem, porque o tipo de terra que encontraram na região da grande Dourados é semelhante ao tipo de terra em que habitavam no sul (MENDES, 1997).

Pergunta 060, como se chama a pessoa que lida com a agricultura?

(197)... é agricultor...(1MASm)

(198) ... agricultô ... o.. lavradô....(7FCEm)

Quanto à pergunta 060, resposta esperada o vocábulo –**gricultor**, respostas (197 e 198). Obtivemos a variante –**lavrador**, resposta (198), registrada no dicionário Aurélio como sendo *aquele que trabalha na lavoura; agricultor; aquele que possui propriedades lavradas; agricultor*.

Pergunta 061, nome do instrumento puxado por boi ou cavalo, é usado para quê?

(199) ... aradu ...serve para arar....(1MASm)

(200) ...rasgar a terra ...arar lavrar.....(3FAIb)

(201) ...geralmente fala sulcá a terra..lavrage..(5MBEm)

(202) ...é u aradu de pau... ainda existe isso. ai... em algum rincão... é puxadu por um par de boi... e vai rangando a terra ...com aradu (9MCIb)

Quanto a pergunta 061, resposta esperada o vocábulo –**arar** que o dicionário Aurélio registra como sendo *lavar, sulcar (a terra)*. Obtivemos como respostas as variantes: -**rasgar** (a terra) resposta (200), Aurélio registra essa acepção como *cavar, lavar*; -**lavar**, resposta (200), Aurélio registra como *sulcar (a terra) com arado ou charrua; arar, amanho, cultivar*;

-sulcar (a terra), resposta (201), Aurélio registra como *fazer sulcos em*. Já a variante **-rancando** (a terra), resposta (202) não foi encontrada em nenhum dos dicionários consultados.

Pergunta 062, como se chama o lugar onde se planta milho, arroz, soja?

(203) ...*geralmente é na .. roça...* (2FAIb)

(204) ...*na lavora...*(5MBEm)

No que respeita à pergunta 062, resposta esperada o vocábulo **-roça**, conforme resposta (203), Houaiss registra como sendo *terreno de lavoura, grande ou pequeno; plantação, plantio*. Obtivemos apenas uma variante: **-lavoura**, resposta (204), Aurélio registra como *terreno lavrado e cultivado; lavra, lavrada*.

Pergunta 063, quando se vai limpar o matinho com a enxada diz-se que vai se fazer o quê?

(205)*capinar....*(1MASm)

(206) *carpi .. o mato...*(3FAIb)

(207)*limpar o matu ...se ...carpir a plantação.....*(6MBEm)

(208).....*capiná a terra....*(5MBEm)

(209) ..*ai.. tem... a capina...o capim.. com a enxada...mãis issu é lá naqueles tempus...porque hoji ansi...não tem nada disso .né?...*(9MCIb)

Quanto à pergunta 063, resposta esperada o vocábulo **-carpir**, a resposta (206), Aurélio registra como sendo *palavra de origem tupi, carpir= kopira e significa cortar o mato, limpar do mato (uma roça); capina*. Obtivemos como resposta a variante: **-capinar**, resposta (205), Aurélio registra como *limpar (as plantas, uma plantação, um terreno) de capim ou de qualquer erva má que entre elas ou nele cresça; mondar, sachar*. Já as variantes: **-carpi** (o mato), resposta (206); **-limpar** (o mato), resposta (207); **-carpir** (a plantação), resposta (207); **-capiná** (a terra), resposta (208), **-capina** (capim), resposta (209), não encontramos registros dessas significações nos dicionários consultados.

Pergunta 064, que se faz com a enxada para plantar a semente?

(210) ...*se faz um buraco... uma cova...*(4FBSm)

(211) ..*geralmente se cava a terra né?...*(7FCEm)

(212)....*a gente cavafaz um sulco...* (5MBEm)

No que respeita à pergunta 064, resposta esperada o vocábulo **-cova**, que Aurélio registra como sendo *abertura que se faz na terra para plantar um vegetal ou lançar uma semente*. Obtivemos a variante: **sulco** resposta (212) Aurélio registra como *rego aberto pelo*

arado ou pela charrua. Já as variantes: **-buraco**, resposta (210), **-cava** (a terra), resposta (211), não encontramos registros dessas significações nos dicionários consultados.

Pergunta 065, como se chama o depósito onde se guarda a colheita?

(213)... *geralmente nos silos das cooperativas ...*(1MASm)

(214) ... *se guarda nos silos de armazenagem....*(2FAIb)

(215)... *depósito... no.... paiol....*(3FAIb)

(216)...*no armazém no galpon.... hoje já é entregue nas coperativas..*(8MCSm)

Quanto à pergunta (065), resposta esperada o vocábulo **-paiol**, que o dicionário Aurélio registra como sendo *armazém para depósito de gêneros da lavoura, depósito ou tulha de milho ou de outros cereais*. Obtivemos as variantes: **-silos** (das cooperativas), resposta (213); **silos** (de armazenagem), resposta (216), já a acepção **-silo** Aurélio registra como sendo *depósito para o armazenamento de cereais, em geral dotado de aparelhamento para carga e descarga*; **-depósito**, resposta (215), Aurélio registra como *lugar em que se deposita alguma coisa*; **-galpão**, resposta (216), no dicionário, Aurélio o termo galpão designa uma *edificação aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc*. Para um dicionário regional gaúcho, no entanto, o termo³², é mais abrangente.

Pergunta 066, dentro de que se guardam os grãos?

(217) ...*os grãos são guardados soltus nas coperativas* (1MASm)

(218)...*se guardava em cestos... balaios..isso no meu tempu ... hoje solto... mãs tamém se guardava em ... sacu..*.(8MCSm)

³² Galpão fica próxima à casa do estancieiro, não raro em anexo, o galpão constitui peça característica da estância, zona de pecuária, no Rio Grande do Sul. Quando anexo, não passa de um apêndice da casa do proprietário, às vezes simples varanda ou alpendre. Na maioria das vezes, porém, e hoje quase como regra, é constituído em separado, assinalando não só uma divisão de trabalho como uma nítida repartição de grupo social, marcando distância. Antigamente, destinava-se também ao abrigo de animais do trabalho com o gado. Está longe de ser um depósito, embora sirva ao abrigo do material de lide diária dos peões. Sua finalidade principal e característica, entretanto, é a de abrigar o pessoal. Construção de rústica entaipada, quase sempre aberta para o norte, é a morada comum dos peões. Não só dormem eles no galpão, mas nele se reúnem em todas as horas de folga e ali se alimentam. Deve ser espaçoso, de forma a permitir o repouso do pessoal, à guarda do arreamento e dos instrumentos de trabalho. Uma de suas peças essenciais é o fogão central, em torno do qual se ajuntam os homens da estância Reunindo-se em redor do fogo, aproveitam as folgas para tomar o mate, para comer, para as longas conversas que constituem a diversão costumeira. Ai em torno do fogo, enquanto a cuia passa de mão em mão, os peões contam os casos do dia, episódios do trabalho, os acontecimentos miúdos. Nessas reuniões surgem as histórias do passado, transmitem-se as lendas e as crendices, tudo o que, em suas jornadas, eles viram ou ouvirem, os perigos, as novidades, as façanhas. No galpão aparecem os contos, conservam-se as tradições. Enquanto espicaçam o fogo, avivando-o, e chupam vagarosamente o chimarrão, os peões ouvem e falam de sua vida, combinam as suas impressões. No galpão vive, ainda hoje, entretanto, o peão das estâncias sulinas, o melhor de sua vida. Elemento essencial da paisagem da região, seu interesse geográfico, está em que é a morada coletiva e típica, uma das dependências que caracterizam o meio, refletindo não só condições materiais, como relações humanas que representam alguns dos traços principais do tipo da atividade que se adaptou ao ambiente físico da região.(MEYER, A. 1975).

(219)... *antigamente se usava a borça de estopa.. era melhô...hoje é sortu nus silos....(9MCIb)*

No que diz respeito à pergunta 066, resposta esperada o vocábulo –**bolsa de estopa**. Obtivemos como respostas as variantes:–**cestos**³³, resposta (218), Aurélio registra como sendo cesta *receptáculo feito de verga, fibra, etc., entrançada, o qual pode ser ou não provido de asas ou alças, e de tampa, e serve para guardar ou transportar roupa, alimentos, pequenas mercadorias e objetos*; – **balaios**, resposta (218), *cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; patuá*. Já as variantes: -**soltus** (nas cooperativas), resposta (217), **soltus** (nos silos), resposta (219), não encontramos registros dessas significações nos dicionários consultados.

Pergunta 067, como se chama a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está?

(220) ... *capatais...(3FAIb)*

(221) ...*o capataz...de campu...(6MBEm)*

(222)...*capatais...ou o gerente da fazenda....(8MCSm)*

(223). *geralmente é o capatais...(9MCIb)*

Quanto à pergunta 067, resposta esperada o vocábulo -**capataz**, conforme respostas (220, 222 e 223), que o dicionário de Regionalismo registra como sendo o *administrador de uma estância ou de uma charqueada ou ainda o responsável pela condução de uma tropa*. Já a variantes: -**capataz** (de campo)³⁴, resposta (221) e **gerente** (de fazenda), resposta (222), não encontramos registros dessas significações nos dicionários consultados.

Pergunta 068, como se chama a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar?

(224) ...*é o arrendatário...(IMASm)*

No que se refere à pergunta 068, resposta esperada o vocábulo -**arrendatário**, conforme a resposta (224), Houaiss registra como sendo o *indivíduo que toma alguma coisa em arrendamento; inquilino, rendeiro*.

Pergunta 069, como chama a pessoa que compra e vende gado?

³³ Das indústrias humanas é a cestaria uma das mais antigas. Técnica primitiva de trabalho que não requer senão instrumental simples, de fácil locomoção e arranjo, encontrou larga área de difusão, caracterizando-se como indústria doméstica. Atualmente, a cestaria abandonou o âmbito artesão, mas pode ainda ser encontrada com alguns aspectos de sua primitiva simplicidade em certas comunidades rurais, onde está ligada às várias atividades agrícolas. O cesteiro, mesmo na execução de produzir cestos e balaios rústicos para as diversas colheitas, faz também numerosas outras peças artesanais. (MEYER,1975)

³⁴ Para a acepção -**gerente** (de fazenda) Nogueira (1989: 275) em sua pesquisa complementa essa acepção como sendo *chefe dos peões de campo: o que recebe as ordens do fazendeiro ou do gerente e passa para os peões de campo*.

(225) ... eu não lembrou... (1MASm)

(226) ... normalmente o dono do gado. ... (3FAIb)

(227) ... é o fazendeiro ou o capataz (4FBSm)

(228).. é o boiaderu... (5MBEm)

(229) ... esse que compra e vende o gadu.. geralmente .. intermediário.... eles compra o que fô melhô e vende barbaridade...prós frigoríficu (9MC1b)

No que respeita à pergunta 069, resposta esperada o vocábulo **-boiadeiro**, conforme resposta (228) Aurélio registra como *tocador de boiada, capataz de gado*. Obtivemos as variantes: **-fazendeiro**, resposta (227), Aurélio registra como sendo o *dono de fazenda*; **-capataz**, resposta (227), que o dicionário de Regionalismo registra como sendo o *administrador de uma estância ou de uma charqueada ou ainda o responsável pela condução de uma tropa*; **-intermediário**, resposta (229), Aurélio registra como sendo o *negociante que exerce suas atividades colocando-se entre o produtor e o consumidor; atravessado*. Já a variante **-dono** (do gado), resposta (226) não encontramos registro dessa significação nos dicionários consultados.

Pergunta 070, como é chamada a pessoa que é paga para realizar o trabalho de campo nas fazendas?

(230) ... é o pião.... (10MSMA)

(231) ... pião. de fazenda..... (7FCEm)

(232) ...ooche é o pião gaúcho..que são da lida... (9MC1b)

Quanto à pergunta 070, que objetivou colher respostas a **-peão campeiro**. Obtivemos a variante: **-pião**, resposta (230), segundo o dicionário de Regionalismo essa acepção significa *homem ajustado para o trabalho rural; conchavado; empregado para condução de tropa*. Já as variantes: **-pião** (de fazenda), resposta (231) e **-pião** (gaúcho), resposta (232), os dicionários consultados não registram essas significações.

Pergunta 071, a pessoa que não tem trabalho fixo, realiza um serviço aqui, outro ali?

(233) é o pião... (4FBSm)

No que se refere à pergunta 071, cuja resposta esperada – **changueiro**. Obtivemos apenas uma variante **-pião**, resposta (233) que o dicionário de Regionalismo registra como sendo *homem ajustado para o trabalho rural; conchavado; empregado para condução de tropa*.

Pergunta 072, quando se reúne o gado no mangueiro para vaciná-lo, para separá-lo, diz-se que se vai fazer o quê?

(234) ... *separá...ou apartá ... u gadu ... (3FAIb)*

(235) ... *apartar o gadu ... (4FBSm)*

(236) ... *apartação ... do gadu... (7FCEm)*

(237) ... *separá... a rês que vai pró matadoru ... (6MBEm)*

Para a pergunta 072, resposta esperada o vocábulo –**apartação**. Obtivemos a variante -**apartá** (ogadu), respostas (235), segundo o dicionário de regionalismo essa acepção significa *escolher, separar, animais que se encontram juntos e que terão destinos diferentes*. Já as variantes: -**separá** (o gadu), resposta (234); -**apartação** (do gadu), resposta (236); -**separá** (a rês), resposta (237) não encontramos registros dessas significações nos dicionários consultados.

Pergunta 073, quando se vai matar a rês gorda para consumo da fazenda, diz-se que se vai fazer o quê?

(238) ..*carniar...o gadu...(1MASm)*

(239) .. *eu era piá dia de festa ... a gente fazia a carnição vinha gente de careta .. de longe ...todos ajudavam ... matava umas reses já preparada ... depois se fazia um churasco..mui bom... coisa de louco...charque..bõ. muito .. toresmu...a gauchada se reunia era uma festa.. essas coisas... eu me lembrou bem...(8MCSm)*

No que diz respeito à pergunta 073, resposta esperada o vocábulo – **carnear**, conforme a resposta (238), segundo o dicionário de Regionalismo essa acepção significa *matar, esfolar e esquartejar a rês destinada a consumo imediato ou ao preparo do charque*. Obtivemos a variante –**carneação**, resposta (239) que o dicionário Aurélio registra como *ato de carnear*.

4.2 Análise e discussão dos resultados da variação lexical

Do que mencionamos na seção anterior, ficou claro que uma variável de natureza não lingüística se revelou pertinente para que a presente investigação alcançasse os objetivos propostos, obteve mais influência na conservação do vocabulário o fator faixa etária dos informantes.

O critério usado para o levantamento das variantes lingüísticas teve como base o questionário lingüístico e vem confirmar o que já está evidenciado nos pressupostos teóricos e em toda uma vasta bibliografia que trata do assunto da variação lingüística. Observou-se que o vocabulário regional falado pela comunidade gaúcha está relacionado a certos vocábulos ligados às atividades exclusivas da comunidade gaúcha que representam bem sua cultura, bem

como sua história refletida no seu próprio léxico e muitas dessas palavras são lexias de um português remoto ou em franco processo de arcaizamento, ou seja, são palavras que, pouco a pouco, vão desaparecendo, conforme o progresso e a modernidade impelem o homem ao contato inevitável com elementos novos, sejam objetos, instrumentos, atitudes, gesto, ou abstrações vão eliminando palavras que nomeiam os mais diversos componentes de seu universo cotidiano, permanecendo vivos seus nomes, somente, na memória dos mais velhos. Embora, muitas palavras tradicionais, ainda se mantenham perfeitamente integradas na comunicação diária dessa comunidade.

Entre outros fatos observados na transcrição dos dados deste trabalho encontra-se a presença de indivíduos descendentes de europeus, principalmente, alemães e italianos, não obstante, fazendo ambos uso de duas línguas daí é forte a presença de lexias ora de origem italiana, ora de origem alemã, nesta última situação, observamos fenômenos na ordem da vogal posterior, média fechada, nasal como no fragmento, a seguir: *...bon ... ali nós não temos... quase lá no **Riu Grande** lugar coberto de **vegetaçõn** assim... lá tem... o que dá geralmente... isso igarapés é nas lagoas... às vezes tem assim... na bera .. a **vegetaçõn** a bera de um lagoa ... de um açude... de um breju... a gente chama de banhadu.... nos banhadu tem capim... essas coisa toda ... o lugar tem bastante água e **tereno** que afunda... e a gente até afunda ... afunda até os joelhos..(8MCSm), o informante trocou a variante *bom* por (bõn) e *vegetação* por (vegetaçõn). E fenômenos na ordem vibrante múltipla substituída pela vibrante simples *terreno* por (tereno), entre as duas origens.*

Segundo Naro (2003: 80), os gaúchos têm consciência das particularidades de seu dialeto. E acrescenta:

Em geral, é muito difícil encontrar uma sociedade que não esteja sujeita a algum tipo de contato sociocultural e lingüístico. Os tipos de variações lingüísticas requerem a reunião de certas condições sociolingüísticas específicas para a realização de uma comunicação de mais de uma língua. O estado do Rio Grande do Sul apresenta um sério desafio aos métodos clássicos de investigação relativamente homogênea – alemã e italiana – ensanduichadas entre áreas de colonização portuguesa anterior e a duas repúblicas hispânicas limítrofes – Uruguai e Argentina. De modo, que podemos estar numa situação de multilingüismo, em geral, e de bilingüismo, em partícula.

Sabe-se que o aparecimento de alterações e acréscimos lexicais no vocabulário e expressões regionais são resultantes do convívio dos falantes com outros idiomas que se deixaram influenciar pelos seus colonizadores e as diferenças mais comuns são as que

encontramos no plano da pronúncia e no uso de palavras distintas para designar o mesmo referente.

Isto evidencia e confirma que língua é inseparável da sociedade, da cultura e da história, juntas trazem de volta uma realidade imaginária, dão vida às coisas inertes e nos permitem, muitas vezes, ver o que ainda não existe, bem como nos possibilitam trazer de volta o que desapareceu, e até mesmo algo que está prestes a se extinguir.

Trata-se de um léxico básico, ou, de acordo com Borba (1987:30), de um:

Conjunto de termos que designam coisas ou situações correntes e, por isso, fundamentais para o grupo. Todas as comunidades têm coisas, conceitos, situações, onipresentes, para as quais sempre têm palavras: as relações familiares, coisas indispensáveis à vida (alimentos, água, etc).

Nas tabelas, a seguir, a distribuição das variantes lingüísticas nos 7 campos semânticos que correspondem aos resultados de uma amostra do vocabulário de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função de faixa etária

TABELA 5 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Acidentes Geográficos uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função de faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
PLANÍCIE	chatão	chatão, pampa, terreno planu, planície	chatão	Chatão	Chatão	chatão	chatão	chatão	pampa, campanha, campina
VALE	vale	furnas, vale, fundo de vale	vale	vale	Vale	vale	vale	vale	canhada, canhadão
ALAGADIÇO	banhado	Sanga	banhadu	banhado	Banhado	banhadu	terreno úmido, banhadão	banhadal	banhadu
BANHADO/CORIXO	banhado	bera de riu, charcu, riu de frontera	varjão	banhado	Banhado	banhadu	banhadu	banhadu	banhadu
CÓRREGO	córregu	Córregu	corregú, riozinho	riuzinho, riuzito	Córregu	riacho, ribeiro	córregu	riachu, sanguinha	sanga, arroiu
MARGEM	margem	Marge	morru	margem	Marge	marge	marge	barancu	barranca du riu
AÇUDE	açude	Açude	açude	açude	Açude	açude, represa	açude	açude	represa, taipa
CORDILHEIRA	mata ciliar	Mata	mata fraquinha, cerradu	restinga	Mata	mata de proteção	mata baixa, faxe de mata	capôn, caponete, capãozinho	matu da berada do riu
NASCENTE	vertente	Minas	vertente	vertente	Vertente	vertente	vertente	vertente, fonte	vertente

Analisando-se os contextos do léxico regional do campo semântico Acidentes Geográficos da tabela 5 verificamos que os falantes de faixa etária 18 a 35 anos citaram 36 vocábulos, dos quais 15 foram repetidos e eliminados restando 21 ocorrências. Os falantes de faixa etária, 36 a 55 anos, citaram 30 vocábulos, dos quais 15 foram repetidos e eliminados restando 15 ocorrências. E os falantes de faixa etária 56 anos em diante citaram 38 vocábulos, dos quais 7 foram repetidos e eliminados restando 31 ocorrências. Assim, os resultados amostrados nessa tabela apontam que a conservação do léxico regional é mais preponderante para os falantes com mais de 56 anos de idade.

TABELA 6 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFIORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
VENTO PREDOMINANTE	Brisa	Brisa	minuanu, ventu friu	Brisa	brisa	brisa	brisa	ventu norte, ventu sul	brisa
MANCHAS NA LUA	não sabia	não sabia	Não sabia	não disse	não disse	rocha	nossa senhora, santo	cavalo de são jorge, adõn e eva, montanhas	não sabia
NUBLADO	nubladu	Nubladu	nubladu	nubladoi	nubladu	nubladu	nubladu, enuviadu	céu fechadu	tempo carregadu, nuviadu
ARCO-IRIS	arco íris	arcu íris	arcu íris	arco íris	arcu íris	arcu iris	arco iris	indica paiz, tempo bõn	arcu iris
MORMAÇO	abafado	Abafadu	abafadu	abafado	abafadu	abafadu	abafadu	abafadu, mormacentu	abafadu
ESTIO	Chuva acalmou	tempo acalmô	tempo acalmô	bom tempo	tempo acalmo	tempo acalmô	chuva acalmô	tempu abriu	bom tempo
TROMBA D'AGUA	tempestade	Tempestade	tempestade	enchente, tempestade	enxurrada	tempestade	tempestade	tempestade	tempestade
GEADA	Geada	Geada	geada	Geada	giada preta, giada branca	geada	geada	geadona, geada preta, geada branca	geadona

A tabela 6 registra a seguinte conformação: os informantes de faixa etária 18 a 35 anos citaram 22 vocábulos, dos quais 12 foram repetidos e eliminados restando 10 ocorrências; os informantes de faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 24 vocábulos, dos quais 11 foram repetidos e eliminados, restando 13 ocorrências; os informantes de faixa etária de 56 anos em diante citaram 33 vocábulos, dos quais 7 foram repetidos e eliminados, restando 26 ocorrências. Pode-se inferir, a partir dos dados analisados, que a conservação do léxico regional é mais preponderante na faixa etária dos informantes com mais de 56 anos.

TABELA 7 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Flora uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
PARTES DA ÁRVORE	raiz, caule, folha	raiz, folha	raiz, folha	raiz, folha,caule,	raiz, folha	raiz, caule, folha	raiz, folha	ramada, galhus, tronco, raiz	foia,gaiu, troncu
ÁRVORES COMUNS	ipê, cedru	cerejera, ipê roxu, cedru	ipê, aruera	eucaliptu, cedru, ipê, aruera	aruera, cedru, ervatera	cedru, angicu, aruera, peroba	angico, cedru, aroera, ipê roxu, peroba	açoita-cavalu, cambuim,angico, cuajuvira, cedru, ipê	cedru, guajuvira, peroba, pinheru, aruera
CAPÃO	não sabia	capão, caponete	caponete, reserva de mato	Capão	capão	Capão	capão	capõn	capãozitu, caponete
MATO	inço	Inço	inço	Inço	tiririca, capuera	Inço	inço, macega, terreno sujo	inço	capuera, capim
MEXERICA	bergamota, mexerica, pouca	Pouca	mixirica	bergamota	bergamota	Bergamota	poucã	bergamota	vergamota, mixirica
ERVAS MEDICINAIS	cidreira, puejo	cidrera, marcela	hortelã, cidrera, marcela	Marcela, cidrera, hortelã, boldo	marcela, hortelã, quebra pedra	marcela, cidrera, grindelia, guaco, pega-pega, ervamate, cauda de sorro, orelha de gato, aipo, alecrim	marcela, losna, vassourinha, raiz de tiu,	cardo santo, carapicho, cidrera, carqueja, marcela, erva de bugre, quebra pedra, picõn, língua de vaca	cidrera, hortelã, marcela, barba de pau, sete sangria, salsa mora, losna, azedinha, sussua

Para a tabela 7 são os seguintes os contextos do léxico regional: os falantes de faixa etária 18 a 35 anos citaram 33 vocábulos, dos quais 13 vocábulos foram repetidos e eliminados restando 20 ocorrências; os falantes de faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 46 vocábulos, dos quais 18 foram repetidos e eliminados, restando 28 ocorrências; os falantes de faixa etária de 56 anos em diante citaram 62 vocábulos, dos quais 16 foram repetidos e eliminados, restando 46 ocorrências. Os resultados amostrados nessa tabela apontam que o desempenho do léxico regional é mais predominante na faixa etária de falantes com mais de 56 anos.

TABELA 8 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Fauna a uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
JOÃO-DE-BARRO	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro	joão de barro, joão barrero
NOMES DE CAVALOS	manga larga, pingu, burru	Pitiçu	manga larga, tordilho, pingo	bagual, tordilho, pingo, manga larga	manga larga, bagual, pingo	tordilho, pingu, baio	manga larga, pilungo, matungo	alazõn, tordilho, malhadu, aguachadu, aporeadu, baio	manga larga, pingu, pitiçu, bagual, haraganu, tordilhu
POTRILHO	cavalinhu	Potriu	potrilhu	potrilho	potrilho	Potrilhu	potrilhu	potrilho	potriu
LONANCO	mancu	Mancu	mancu	manco	mancu	Mancu	mancu	manco	mancu, rengo
ARREIO	arreiu	Arreo	arreiu	arreiu	arreiu	Arreiu	arreiu	arreiu	arreo
CINCHA	cincha	cincha, cinta	cincha	cincha	peitera, cincha	Cincha	cincha	cincha	chinchá
BAIXEIRO	baxeru	Baxeru	baxeru	baxeru	baxeru	Arreu	baxeru	baixeiro	baxeru
PELEGO	pelegu	Pelegu	pelegu	pelego	pelegu	Pelego	pelegu	pelego	pelegu
BALDANA	cinta	Cinta	cinta	cinta	cinta	Cinta	cinta	cinta	cinto
ARREADO	arreadu	Encilhadu	encilhadu	encilhadu	encilhadu	Encilhadu	aparelhadu	encilhadu	encilhadu
APEAR	apeia	Apiá	apiá	apear	apear	Apear	apiá	apear	apiá
BEZERRO	bezeru	Terneru	ternero	novilha, terneiro	ternero	bezerrinho, ternerinho	ternerinho	terneiro	terneru
MOCHO	não sabia	Mochu	mochu	mochu	mochu	Mochu	mochu	mochu	mochu
BAGUAL	xucro	Búfalu	ariscu	xucro	ariscu	Xucru	alogadu, animal ariscu	orelhanu, animal brabo	xucro, arçadu
MALHADOR	mato	Matu	mato	capões	mato	Mato	mato	mato	caponete

A configuração da tabela 8 descreve a seguinte conformação: os informantes de faixa etária 18 a 35 anos citaram 49 vocábulos, dos quais 22 foram repetidos e eliminados restando 27 ocorrências; os informantes de faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 55 vocábulos, dos quais 7 foram repetidos e eliminados, restando 31 ocorrências; os informantes de faixa etária de 56 anos em diante citaram 38 vocábulos, dos quais 7 foram repetidos e eliminados, restando 46 ocorrências. Os resultados amostrados na tabela 8 apontam que a conservação do léxico regional é mais preponderante na faixa etária de informantes com mais de 56 anos.

TABELA 9 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Características Físicas a uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
CAOLHO/ZAROLHO	caolhu	Caolhu	caolhu	caolho	birolho	Zarolho	caolho	caolho	caolho
COCHO/RENGO	Não sabia	Rengo	rengo	rengo	rengo	Capenga	rengo	perнета	alejadu
CAMBOTA	cambota	cambota	cambota	cambota	cambota	Cambota	cambota	cambota	cambota
ZAMBETA	Não sabia	perna arqueada	não sabia	cambota	alejadu	perna torta	pé torto	cambota	não sabia
SARACURA	saracura	saracura	saracura	saracura	saracura	Saracura	saracura	saracura	cambito fino, saracura
CORCUNDA	cacunda	cacunda	cacunda	corcunda	cacunda	Cacunda	cacunda	cacunda	cacunda
FANHOSO	fanhoso	fanhosu	fanhosu	fanhoso	fanhosu	Fanhosu	fanha, fanhosu	fanhoso	fanhosu

A tabela 9 apresenta a seguinte configuração: os informantes de faixa etária 18 a 35 anos citaram 18 vocábulos, dos quais 11 foram repetidos e eliminados restando 7 ocorrências; os informantes de faixa etária 36 a 55 anos, mencionaram 21 vocábulos, dos quais 8 foram repetidos e eliminados, restando 13 ocorrências; os informantes de faixa etária de 56 anos em diante citaram 23 vocábulos, dos quais 10 foram repetidos e eliminados, restando 13 ocorrências. Os resultados amostrados da tabela 9 apontam que a conservação do léxico regional é mais relevante na faixa etária de informantes com mais de 56 anos.

TABELA 10 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Cultura e Convívio uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
NEGRO	negru	negru	negru	negro	negru	negru	morenu	negro	peessoas de cor, moreno
ÍNDIO	índio	Índio	índiu	índio	índiu	índiu	bugre, índio	índio	índio
Ô DE CASA	oh de casa	oh de casa	oh de casa, bate palmas	oh de casa	oh de casa, bater palmas	oh de casa	oh! tem alguém em casa, batu palmas	oh de casa	oh de casa
DESPEDIDA	até logo	até logu	thiau, já vou	até logo	bem já vô	até logo, até mais ver	até loguinho	até logo, thiau, já me vôih	oche!, buenas, inté logu
TRATAMENTO VOCE	você	Tu	tu	tu,você, tchê	tu	tu, você	tu, você	che,tu, você	vancê, você, tu, senhô, sinhora
FACEIRA	chique	chique	vaidosa	piruá	chique	faceira	pessoa fina, enfeitada	faceira, bem arrumada	aarrogante
CONVENCIDA	convencida	convencida	convencida	convencida	convencida	vaidosa	convencida, gavola	topetudo, arrogante	vaidosa
PROSTITUTA	prostituta	biscatera	prostituta	prostituta	mulher de programa	prostituta	prostituta	mulher fácil	muié da vida, atirada
CHIFRUDO	corno	Corno	corno	corno	corno	cornudo	guampudo, guampa	corno, aspa	cornu, homem traído
SOVINA	cainho, mão de vaca	sovina	sovina	sovina, pão duro	sovina	sovina	sovina	sovina	cainha, roi a unha
DISSIMULADA	falsa	Falsa	falsa	fingida	falsa	falsa	falsa	mentirosa	falsa
DINHEIRO	reais	Reais	tostão, cruzero, contu	dinheiro, cruzero, real	dinhero	dinhero	cruzeru, libra, dinheru,	pila, cruzero, conto	tostão, merréis, contos de réis, faz- me rir
POSSEIRO	invasor	posseru	posseru	posseiro	posseru	posseru	posseru	posseiro	posseru

No contexto da tabela 10, os informantes de faixa etária 18 a 35 anos, citaram 44 vocábulos, dos quais 20 foram repetidos e eliminados restando 24 ocorrências; os informantes de faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 47 vocábulos, dos quais 20 foram repetidos e eliminados, restando 39 ocorrências; os informantes de faixa etária 56 anos em diante citaram 53 vocábulos, dos quais 14 foram repetidos e eliminados, restando 39 ocorrências. Os resultados amostrados na tabela 10 apontam que a conservação do léxico regional é mais preponderante na faixa etária de informantes com mais de 56 anos.

TABELA 11 - Distribuição de variantes do Campo Semântico Trabalho e Atividade Agropastoril uma amostra de 5 informantes masculinos e 4 femininos em função faixa etária

RESPOSTA ESPERADA	RESPOSTAS DOS INFORMANTES								
	Faixa etária 18 a 35 anos			Faixa etária 36 a 55 anos			Faixa etária acima de 55 anos		
	01	02	03	04	05	06	07	08	09
TIPOS DE TERRA	não sabia	terra preta	terra preta	terra preta	terra preta	terra preta	Terra preta	terá roxa, terá vermelha	terra preta
AGRICULTOR	Agrucultor	agricultô	agricultô	agricultor	agricultor	agricultor	agricultô, lavrado	agricultor	agricultô
ARAR	Arar	ará	Rasgar a terra, arar, lavrar	Arar	sulcar a terra, lavrage	arar	Arar	arar	rancando a terra
ROÇA	Roça	roça	roça	Roça	lavora	roça	Roça	roça	roça
CARPIR	Capinar	carpiná	carpi	Capinar	capiná	capinar	Capinar	capinar	capina
SULCO	Buraco	buraco	buraco	buraco, cova	sulco	buraco	Cava	buraco	buraco
PAIOL	Silos	silos	païol	Silos	silos	silos	Silos	galpõn	silos
BOLSA DE ESTOPA	soltus nas cooperativas	soltu	soltu	Soltu	soltu	soltu	Solto	cestos, balaios, solto, sacu	borça de estopa, sortu nos silos
CAPATAZ	Capataz	capataz	capatais	Capataz	capataz	capataz	Capataz	capatais, gerente de fazenda	capatais
ARRENDATÁRIO	Arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário	arrendatário
BOIADEIRO	não sabia	boiaderu	dono do gado	fazendero, capataz	boiadero	boiadero	boiadero	boiadero	intermediário
PEAO	Pião	pião	pião	Peão	pião	pião	Pião de fazenda	pião	pião gaúcho
CHANGUEIRO	Pião	pião	pião	Pião	pião	pião	Pião	pião	pião
APARTAÇÃO	Separar	separá	separá, apartá	Apartar	separar	separá	Separá	separá	separá
CARNEAR	Carniar	carniá	carniá	carneação	carniá	carniá	Carniá	carniaçõn	carniá

A tabela 11 traz a seguinte configuração: os informantes de 18-35 anos citaram 46 vocábulos, dos quais 24 repetidos e eliminados restaram 22 ocorrências. Os informantes de faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 48 vocábulos, dos quais 24 repetidos e eliminados restaram 35 ocorrências. Os informantes de faixa etária 56 anos em diante citaram 52 vocábulos, dos quais 17 foram repetidos e eliminados, restaram 39 ocorrências. Assim o desempenho lingüístico de informantes acima de 56 anos sobrepõe-se de maneira significativa ao desempenho lingüístico de falantes mais jovens.

4.3. Discussão dos resultados da variação lexical

Ao término da análise sincrônica do vocabulário regional da comunidade gaúcha no contexto de sete tabelas (5,6,7,8,9,10,11) e de três faixas etárias totalizou 818 vocábulos, dos quais 320 (39,1%) vocábulos foram repetidos e eliminados, permanecendo 498 (60,9%) vocábulos permaneceram.

A configuração do desempenho lingüístico de cada faixa etária no contexto de sete tabelas permite confirmar que a primeira faixa etária 18 a 35 anos favorecem menor número de vocábulos regionais 248, dos quais 117 (47,2%) vocábulos foram repetidos e eliminados restando 131 (52,8%) vocábulos. Já os falantes da segunda faixa etária, 36 a 55 anos, mencionaram 271 vocábulos, dos quais 103 (38%) foram repetidos e eliminados restando 174 (62%) vocábulos. Os falantes da terceira faixa etária, mais de 56 anos, falaram 299 vocábulos, dos quais 78 (26,1%) foram repetidos e eliminados restando 240 (73,9%) vocábulos. Esse resultados estão ilustrados na figura 1 a seguir:

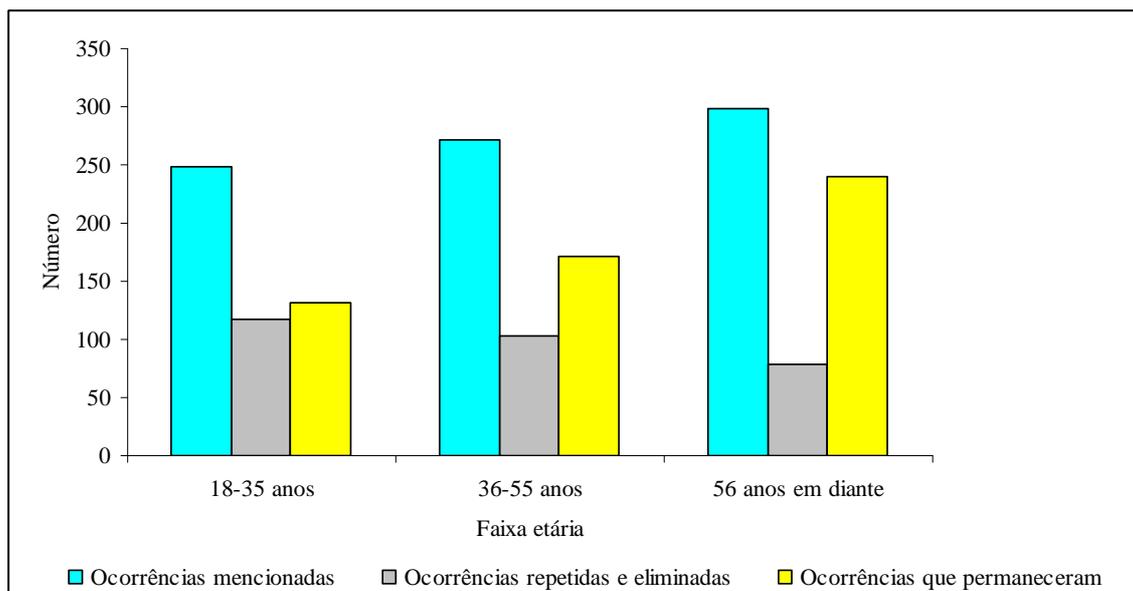


Figura 1. Resultado do léxico regional no contexto de sete tabelas (5,6,7,8,9,10,11) e três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos, 56 anos em diante).

Analisando-se os dados ilustrados na figura 1, fica claro que os falantes de faixa etária acima de 56 anos mostraram-se importantes para a manutenção do léxico regional ao passo que os falantes mais jovens (18-35 anos) perderam de certa forma o uso de termos regionais de sua origem. Com essas observações uma de nossas hipóteses pode ser confirmada, a de que a fala dos gaúchos é mais preservada nos adultos, os jovens devido a escolaridade perderam de certo modo, as marcas do vocabulário e/ou a forma de expressar do Rio Grande do Sul.

Monteiro (2000), mencionou que existem diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos e dos adolescentes. É possível, ainda, realizar um estudo da mudança lingüística, mediante a observação do comportamento lingüístico de falantes em diversas faixas etárias. Desse modo, a ordem do tempo aparente nos mostra uma tendência entre os jovens de preferirem a realização inovadora e de os idosos optarem pela conservação do léxico, logo, esta averiguação aponta um recorte sincrônico do falar da comunidade pesquisada.

Sabe-se, também, que alguns traços lingüísticos deixam de existir ou são inovados devido ao aumento da cultura de massa que incide diretamente sobre a linguagem. Por exemplo, a internet, a televisão e outros, objetivam atingir o receptor, sempre que possível, de uma maneira semelhante, criando temas acessíveis a todas as classes sociais, o que, conseqüentemente, muda o jeito de as pessoas se expressarem. Assim, a linguagem urbana, transportada via rádio e televisão a todo lugar, acabam substituindo a fala regional.

Os atributos de todas essas cargas de informações recebidas, por intermédio da mídia pelos falantes, criam uma junção de hábitos orais e escritos contínuos, alterando a maneira mais original ou expressiva de se dizer as coisas.

Embora o progresso e a modernidade impulsionam o homem ao contato inevitável com elementos novos, porém adoção de outras variantes características da *nova terra*, o que implica na hipótese de reelaboração das concepções culturais de sua origem, visto que a linguagem da comunidade gaúcha continuará sendo modificada, o que é uma coisa lamentável e inevitável, a partir do contato com os diversos linguajares regionais existentes no município de Dourados.

Na seção a seguir tratamos dos aspectos fonéticos uma análise sincrônica dos fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam a variação lingüística no uso do falar da comunidade gaúcha.

CAPITULO V

DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS FONÉTICOS

5.1 Aspectos Fonéticos

No século XVIII, a teoria mecanicista da linguagem preconizava um sistema de equivalências entre sons e estados de alma. Observando-se o componente sonoro e mecanicista da fonética omitindo o seu aspecto meramente servil e, dessa maneira, as particularidades da fonética eram supervalorizadas. Todavia, é possível traduzir e sugerir, por verdadeiras correspondências fonéticas, os efeitos desejados numa linguagem, quando eles são realmente pertinentes, uma vez que cada região tem um potencial fonético muito rico.

As variações geográficas do Português do Brasil correspondem mais a variações fonéticas e lexicais, correspondendo a modos diversos de pronunciar as mesmas palavras ou escolhas lexicais diversas para designar o mesmo objeto. De acordo com a teoria de São Tomás de Aquino e, posteriormente, com a dos materialistas mecanicistas do século XVIII (Gomes; Souza, 2003), entendem que a fonética é um obstáculo fundamental, no que respeita a fala, por isso é preciso ter em conta que as línguas não surgiram por uma espécie de expressividade fonética generalizada, como se os sons originais tivessem descrito musicalmente as coisas que nomeavam. Acontece que os raciocínios fundados sobre a expressividade fonética de certas palavras não consideram que há um acordo que se estabelece entre o sentido da palavra e os sons que o compõem. As relações, aparentemente harmoniosas, entre a imagem acústica e a visual, derivam de uma associação condicionada por um psicologismo habituado a observar os dois componentes juntos. Trata-se de um processo associativo *a posteriori* e não *a priori*, como ilusoriamente se pensa.

No entanto, é verdade que esteticamente a associação do som e do sentido tem sido explorada na poesia, mas trata-se, essencialmente, de um processo originado por exigências mnemotécnicas, pois a interpretação fônica de um poema é sempre subjetiva. Se houvesse uma verdadeira relação entre o som e o sentido, a interpretação teria que ser universal e, por conseguinte, objetiva, porém, isso existe no falar gaúcho, na pronúncia rítmica das palavras que dão uma entonação especial até aos termos mais pesados, como: **morrer** ... fulano *bateu com a cola na cerca ... bateu as botas ... esticou as canelas*.

Esses são aspectos que se observaram na fala da comunidade gaúcha, no som das palavras pronunciadas que, muitas vezes, encanta pela sua sonoridade. Assim, nossos ouvidos se amaciam quando o gaúcho, ao se referir a **vento** pronuncia que ... *ái vem um ar fresquinho ... uma arage fresca...* ou *um vento brando*; ao **trovão** ele se refere como ... *uma fuzilada*; já o **cavalo** é representado por ... *pingo...potro ... tordilho*; a pessoas com defeito na perna referem-se com o termo ... *cambalhante*.

5.2 Definição das variáveis

Entende-se por variável os nomes usados em ciência para definir conceitos, propriedades, dimensões e funções de um objeto que está sendo estudado. A investigação, de modo geral, tem por objetivo descobrir de que maneira um ou vários fatores mudam quando outros são alterados.

Tarallo (1986:8) diz que ao *conjunto de variantes, dá-se o nome de variável lingüística*. E essas variáveis podem ser classificadas em variáveis lingüísticas dependentes e variáveis lingüísticas independentes.

Na presente pesquisa foram controladas quatro variáveis lingüísticas e quatro variáveis sociais. As variáveis lingüísticas selecionadas foram: a) apagamento do /r/ final do infinitivo; b) monotongação dos ditongos tônicos /ej/ em /e/; c) ditongação das vogais /a/, /o/, /u/ e /e/; d) elevação de /o/ átona final a /u/. E as variáveis extralingüísticas selecionadas foram: sexo, faixa etária e escolaridade, classe social.

A variável dependente identificada no presente estudo é constituída por duas variantes, a saber: o uso da (**R**) - Realização fonética regular padrão e a (**D**) - Diversidade de realização fonética não-padrão.

Grupo 1: Variável Dependente

R - Realização fonética regular padrão

D - Diversidade de realização fonética não-padrão

O processo de codificação dos fatores lingüísticos ficou assim:

Grupo 2: Variáveis independentes

r - apagamento do /r/ final do infinitivo,

e - monotongação dos ditongos tônicos /ej/ em /e/,

d - ditongação das vogais /a/,/o/,/u/ e /e/,

o - elevação de /o/ átona final a /u/.

O processo de codificação das variáveis extralingüísticas ficou assim:

Grupo 3: Sexo

M – masculino

F – Feminino

Grupo 4: Faixa etária

A - 18 a 35 anos

B - 36 a 55 anos

C - 56 anos em diante

Grupo 5: Escolaridade

I – 1º grau Incompleto

E – 2º grau Completo

S – 3º grau

Grupo 6: Classe Social

b – renda baixa

m – renda média

Grupo 7: Informantes

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

5. 3. O córpus

O *córpus* que integra esta seção consta de 892 ocorrências, incluindo todos os fatores lingüísticos descritos no grupo 2 de fatores lingüísticos: **r**, **e**, **d** e **o**. Cabe ressaltar que verificaremos todas as ocorrências, mesmo àquelas repetidas, considerando o fator que desejamos estudar, ou seja, as variáveis com realização fonética regular padrão e as variáveis

com diversidade de realização fonética não-padrão dos 9 informantes foram selecionadas e consideradas.

5.4. Resultados

a) apagamento do /r/ final do infinitivo

A preocupação em estudar o fenômeno de apagamento do **r** em final em final de vocábulo, em posição de coda externa, já não é um fenômeno tão recente no português do Brasil. O processo surgiu com o estigma de demarcador social da classe dos iletrados. Callou (1998:61) diz que *o processo, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos.*

E, um pouco adiante, Callou (1998: 72) comenta que *o: apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social.*

Votre (1978) afirma que essas variações já se manifestavam nas peças de Gil Vicente durante o século XI e depois do período do português arcaico, o fenômeno do cancelamento do /r/ final de vocábulos estende-se a diferentes classes de palavras e estratos sociais, visto que era inicialmente comum, principalmente nos infinitivos.

Sobre o apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil (Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis); baseado no projeto Variação do Sul-VARSUL, Monaretto (2000) ressalta que *é no infinitivo e em final de palavra onde mais ocorre o apagamento do /r/ final. E complementa dizendo que nos verbos, a queda do /r/ final se dá principalmente entre os jovens, o que pode caracterizar uma mudança lingüística em progresso.* (MONARETTO 2000: 276).

Tasca (2000), ao estudar o português e o espanhol como línguas em contato, verificou que a elisão /r/, dentre outros elementos que sofrem supressão, é o fenômeno que lidera o apagamento em final de palavra.

Elizaincin, A.L.Behares; G. Barrios (1987: 72-73) ressalta que *no espanhol rural subestándar do Uruguai, não é comum a elisão do /r/ no mesmo sentido em que funciona no Brasil*³⁵

³⁵ en el español rural subestándar del Uruguay, no es común la elisión del /r/ en el sentido en que funciona el Brasil.

Sabe-se que a elisão do /r/ em final de palavra é fenômeno comum no português do Brasil o que não se sucede com tanta intensidade no espanhol, já que os espanhóis preferem as formas verbais simples, mas não a elisão total do /r/ final, visto que na língua espanhola, o /r/ final aparece aspirado.

Câmara Jr. (1977b) entende que só quatro consoantes podem se realizar em posição posvocálica na Língua Portuguesa. Dentre os fonemas possíveis de se realizar nessa posição está a variável /r/, mesmo que o /r/ apresente diversos comportamentos em posição posvocálica. E Câmara Jr. (1977b:49) complementa:

... nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para o /r/ brando, quer para o /r/ forte em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção.

Assim, podemos inferir que a realização do r em posição final de palavra na fala da comunidade gaúcha corresponde ao descrito por dialetólogos, filólogos, gramáticos e os que seguem a orientação variacionista quantitativa laboviana. Vejamos esse fenômeno variacionista em alguns exemplos do *cópus* da pesquisa.

(01) *...geadona...é anunciada com dia muito friu..pode se arumá com lenha que vem friu..e gia.....giada preta a senhora. já viu?... tem e geadada preta e branca...essa é mais fraca e cumum... (resposta 053, 8MCSm).*

(02) *...fica num lugá só e o gadu vai ali descansá.. dormi...(resposta 067, 3FAIb).*

(03) *...é mais simples... falá ...tu eu falo você...(resposta 157, 7FCEm).*

(04) *...eles compra o que fô melhô e vende barbaridade...prós frigurifcu...(resposta 229, 9MCIB).*

(05) *... separá... a rês que vai pró matadoru ... (resposta 237, 6MBEm).*

A realização do (r) em final do infinitivo, parece constituir-se num fenômeno relevante à diversidade lingüística na fala da comunidade gaúcha do município de Dourados. Os resultados desse fenômeno podem ser vistos nas tabelas 12, 13, 14, 15, 16, 17, a seguir:

TABELA 12 – Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função do apagamento do /r/ final do infinitivo.

apagamento do /r/ final do infinitivo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	F	%		
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

De 69 ocorrências colhidas na pesquisa somente 28 (40,6%) ocorrências foram usadas de forma regular e 41 (59,4%) ocorrências foram atualizadas. Sobre a realização do (r) em final do infinitivo a pesquisadora Bisol (1989), em seus estudos, diz que esse fenômeno data desde o fim do século passado e têm se estendido por diversas áreas brasileiras, ocorrendo independentemente de classe social, ou grau de escolaridade, pois, mesmo na língua culta se verifica tal fenômeno.

TABELA 13 – Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo sexo.

Sexo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	F	%		
Masculino	16	23,2	19	27,5	35	100,0
Feminino	12	17,4	22	32	34	100,0
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

A tabela 13 ilustra a freqüência e o percentual de fatores lingüísticos da variável apagamento do /r/ final do infinitivo e o grupo sexo. Os resultados da análise evidenciaram que as mulheres apagaram 22.(32%) ocorrências do /r/ final e os homens apagaram 19 (27,55%) ocorrências.

Estudiosos, apregoam que, em geral, são mulheres que mantêm mais a regra da norma culta padrão, mas em nosso estudo deu-se o inverso, foram as mulheres que apagaram mais o /r/ final. Aqui se faz necessária a ressalva de que as mulheres da nossa pesquisa (três delas) residem na zona rural e o contato delas se restringe aos afazeres da casa e as idas ao CTG e, também, elas assistem pouco à programas de TV. O contato dessas mulheres se restringe à encontros familiares. Já os homens participam ativamente da vida social e política da cidade, talvez, seja essa a forma deles imporem-se mais diante da linguagem e conseqüentemente os falares acabam aproximando-se mais da norma culta padrão.

TABELA 14 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo uma amostra em função do grupo faixa etária.

Faixa Etária	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
18-35 anos	9	13	15	22	24	100,0
36-55 anos	11	16	7	10,1	18	100,0
56 anos em diante	8	11,6	19	27,5	27	100,0
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

A tabela 14 mostra os resultados do cruzamento faixa etária e o apagamento do /r/ final do infinitivo entre os falantes de faixa etária 18-35 anos que obtiveram 9 (13%) ocorrências com uso da fala usando a norma regular e 15 (22%) ocorrências com desvios da norma regular e os falantes de faixa 36-55 anos obtiveram 11 (16%) ocorrências de regularidade da regra e 7 (10,1%) coerências com desvios da norma culta padrão. Já os falantes de faixa etária acima de 56 anos tiveram 8 (11,5%) ocorrências com uso regular da norma e 19 (27,5%) ocorrências com diversidade da norma culta. Percebe-se nesta tabela pouca discrepância no que concerne ao uso regular da norma culta e aos desvios lingüísticos entre as três faixas etárias.

Sobre a ordem do apagamento do /r/ final Callou (1990), em suas pesquisas confirma a faixa etária 26 a 45 anos como a mais propícia às inovações. De acordo com a pesquisadora, esse fenômeno acontece devido aos indivíduos, nesta idade, estarem mais fora de casa e envolvem-se com linguagem mais descontraída da vida profissional. Geralmente, esses

indivíduos ficam mais expostos aos meios de comunicação de massa e freqüentam festas, bares, preocupando-se pouco com as normas formais da língua.

TABELA 15 - Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo escolaridade.

Escolaridade	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
1ºGrau Incomp.	4	5,8	21	30,4	25	100,0
2ºGrau Comp.	9	13	12	17,4	21	100,0
Superior	15	21,7	8	11,6	23	100,0
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

A tabela 15 mostra o cruzamento entre a variante apagamento do /r/ final do infinitivo e o grupo escolaridade a tabela acima mostra que o 1º Grau Incompleto apresentou 4 (5,8%) ocorrências com uso da regra padrão e suprimiram 21 (30,4%) ocorrências; os falantes com grau médio de instrução apagaram 12 (17,4%) ocorrências e usaram a regra em 9 (13%) ocorrências; os falantes do terceiro grau cancelaram o /r/ em 8 (11,6%) ocorrências e usaram a regra padrão em 15 (21,7%) ocorrências. Nota-se um número reduzido de desvios da regra nos grupos de falantes do terceiro grau, os que cometeram mais cancelamento do /r/ final do infinitivo foram os falantes do primeiro grau incompleto. Estudos sobre o apagamento do /r/ final do infinitivo realizados no Brasil têm apontado que quanto maior a escolaridade dos falantes menos desvios à regra eles cometem e quanto menor a escolaridade mais transgride a regra.

TABELA 16 - Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo classe social

Classe Social	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
Baixa	4	5,8	21	30,4	25	100,0
Média	24	34,8	20	29	44	100,0
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

A tabela 16 configura o cruzamento entre a variante apagamento do /r/ final do infinitivo e o grupo classe social. A classe social de renda baixa ilustra em 4 (5,8%) ocorrências usaram a norma culta padrão ao passo os falantes de renda média refletem mais a regra da norma culta da língua e aplicaram 24 (34,8%) ocorrências com uso regular da norma culta. Quanto aos desvios do uso da norma culta não houve discrepâncias entre as duas classes sociais. Pesquisadores têm dito que a linguagem também oferece pistas que permitem classificar o indivíduo de acordo com sua condição econômica ou social e é frequentemente usado para discriminar e estigmatizar o falante.

TABELA 17 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável apagamento do /r/ final do infinitivo, uma amostra em função do grupo informantes.

Informantes	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1	5	7,2	2	2,9	7	100,0
2	2	2,9	7	10,1	9	100,0
3	2	2,9	6	8,7	8	100,0
4	5	7,2	2	2,9	7	100,0
5	3	4,3	2	2,9	5	100,0
6	3	4,3	3	4,3	6	100,0
7	3	4,3	7	10,1	10	100,0
8	5	7,2	4	5,8	9	100,0
9	0	0,0	8	11,6	8	100,0
Total	28	40,6	41	59,4	69	100,0

A tabela 17 então se pode inferir através dos dados analisados, que não há diferença marcante no comportamento lingüístico dos falantes, no que diz respeito, aos desvios lingüísticos e os falantes que usam, em seu falar a norma considerada culta. Mas chama a nossa atenção o informante 9 que não realizou ocorrências com o uso da regra da norma culta, desse informante obtivemos 8 (11,6) ocorrências com desvios da norma regular. Segundo o pesquisador Bagno (2000: 201), há certa tendência da língua portuguesa em terminar toda palavra sempre com uma vogal e, por isso, a grande maioria não pronuncia o /r/ em final de palavra.

Podemos constatar que o **r** em final de vocábulo está muito mais condicionado às restrições estruturais do que às sociais e que, tomando por base o falar da comunidade gaúcha, observamos que há certo número de realizações fonéticas mais ou menos comuns às de outras pesquisas já concluídas em outras regiões do Brasil, as quais constituem, de certo, o núcleo comum da nossa língua.

b) A monotongação de /ej/ em /e/

Monotongação dos ditongos: trata-se de fato ainda discutível como inovação, posto que tal fenômeno já ocorria no português do século XVI, haja vista os registros documentais de *baxa* e *pexe* em Os Lusíadas: *[_bašu]* por baixo; *[peši]* por peixe; *[kežu]* por queijo; *[pe´dreru]* por pedreiro; *[janeru]* por janeiro.

Sobre a monotongação de [ej], Teyssier (2001: 78) escreve:

Difícil é precisar quando se produziu, no Sul de Portugal, a monotongação de ei. No teatro da segunda metade do século XVIII, e por ei caracteriza o falar das personagens populares do Alentejo. A monotongação era, pois, um fato consumado naquela data. É de crer, no entanto, que as suas primeiras manifestações fossem mais antigas.

No Brasil, o fenômeno da monotongação vem chamando a atenção de vários pesquisadores na área da linguagem. Talvez, isso ocorra porque a representação desse fenômeno na escrita afasta-se cada vez mais de sua configuração na fala, o que causa uma série de problemas na identificação deles por parte de indivíduos que não têm a língua portuguesa como materna ou daqueles que estão passando por um processo de alfabetização.

A queda dessa vogal causa uma leve reorganização temporal na estrutura da palavra. Sincronicamente alguns ditongos decrescentes podem ser reduzidos. A redução de ditongos, geralmente, se dá nos substantivos, adjetivos e formas verbais (caixa, baixa, abaixar e feira, faceira, cheirar). Amaral A. do (1976: 50) ressalta que a monotongação³⁶ de /ei/ em /e/, especialmente, no português popular brasileiro, diante de j, r, x: *beijo > bejo*, *boiadeiro > boiadero*, *cheiro > chero*, *deixa > dexa*, *peixe > pexe* Nascentes (1953). O mesmo autor complementa que essa assimilação, foneticamente explicando, é muito provável que tenha

³⁶ NASCENTES (1953) em seus estudos sobre o linguajar carioca, também considerou os fenômenos da monotongação.

ocorrido pelo alongamento compensatório das vogais restantes e se explica pelo fato de a semivogal palatal /y/ do ditongo *ei* assimilar-se às consoantes *j*, *x*, reunindo-as em único som. Na verdade, trata-se, não de uma redução de “*ei*” para “*e*”, mas de uma redução de “*ij*” e “*ix*” para “*j*” e “*x*”.

Do anteriormente exposto, pode-se afirmar que, em sua grande maioria, as pessoas reduzem cada vez mais as palavras, talvez em função de um princípio de economia lingüística.

A monotongação dos ditongos /*ey*/ em /*e*/ constitui-se, portanto, em fenômeno dos metaplasmos por subtração³⁷, que resulta o fenômeno da monotongação. Em nossa pesquisa encontramos farta exemplificação de monotongação no falar da comunidade gaúcha de Dourados, principalmente, em palavras paroxítonas tônicas: *eiro*, *eira*, *baxeru*, *aroera*, *ervatera*, *cidrera*, *boiadero*, *fazendero*, *cruzero*, *janeiro*, *plantadera*, *cachuera*, *ceifadera*. Vejamos alguns exemplos da monotongação de /*ej*/ em /*e*/ retirados do inquérito lingüístico da pesquisa:

(06) ...*erva cidrera... puejo*...(resposta 074, 1MASm).

(07)*biscatera*...(resposta 171, 2FAIb).

(08).*é...ipê...aruera*...(resposta 059, 3FAIb).

(09)...*é u baxeru*...(resposta 099, 4FBSm).

(10)...*tem a...peitera...tem.....a cincha*...(resposta 098, 5MBEm).

(11) ...*cedru....angicu....aruera....peroba*...(resposta 062, 6MBEm).

(12) ...*qui tinha muitas árvores....árvores...nativas de todo jeito....tinha angico...cedru....aroera...ipê...roxu...peroba tinha muita laranja azeda também...como tinha laranja azeda nativa*...(resposta 061, 7FCEm).

(13) ...*facera...bem arrumada*...(resposta 165, 8MCSm).

(14) ...*é..matu...da berada du riu*...(resposta 028, 9MCIb).

As tabelas 18, 19, 20, 21, 22 e 23, a seguir, trazem os resultados da análise da variável monotongação de /*ej*/ em /*e*/.

³⁷ Metaplasmos por subtração é o processo que acontece por queda ou diminuição de fonemas em uma palavra.

TABELA 18 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da monotongação de /ej/ em /e/.

monotongação de /ej/ em /e	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio			
	f	%	F	%	f	%
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

A tabela 18 ilustra as 182 ocorrências de monotongação de /ej/ em /e/ colhidas do *cópus* da pesquisa, das quais 62 (34,6%) ocorrências operaram com (R) realização fonética regular padrão e N 120 (66) ocorrências resultaram às construções em que houve (D) diversidade de realização fonética não-padrão.

TABELA 19 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo sexo.

Sexo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio			
	f	%	F	%	f	%
Masculino	42	23,1	68	37,4	110	100,0
Feminino	20	11	52	28,6	72	100,0
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

A tabela 19 registra o cruzamento da variável monotongação do ditongo /ej/ em /e/ em posição medial e o grupo sexualidade. Na configuração dessas variáveis as mulheres usaram 20 (11%) ocorrências com realização fonética regular e cancelaram 52 (28,6%) ocorrências da norma culta. Os homens conservaram a regra em 42 (23,1%) ocorrências e em 68 (37,4) ocorrências desviaram da regras da norma culta. A pesquisadora Mollica (1996), relata ter verificado em seus estudos, que as mulheres são detentoras de variantes inovadoras, sendo favorecedoras de nova forma; entretanto, outros lingüistas concluem pela liderança masculina no que concerne à inovação. Porém em nossa estudo os resultados apontaram os homens como detentores do uso da regra não estigmatizada.

TABELA 20 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis monotongação de /ej/ em /e/ da uma amostra em função do grupo faixa etária.

Faixa Etária	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
18-35 anos	18	9,9	41	22,5	59	100,0
36-55 anos	26	14,3	28	15,4	54	100,0
56 anos em diante	18	9,9	51	28	69	100,0
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

A tabela 20, de acordo com os resultados amostrados, verifica-se que a faixa etária 36 a 55 anos manteve-se equilibrada quanto ao número de ocorrências entre o uso regular da regra e os desvios da norma culta. Porém, a faixa etária 18 a 35 anos realizou 41 (22,5%) ocorrências com atualizações e a faixa etária acima de 56 anos realizaram 51 (28%) ocorrências com desvios da regra da norma culta.

TABELA 21 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo escolaridade.

Escolaridade	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	F	%		
1ºGrau Incomp.	7	3,8	59	32,4	66	100,0
2ºGrau Comp.	13	7,1	33	18,1	112	100,0
Superior	42	23,1	28	15,4	70	100,0
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

Na tabela 21 apresenta os resultados do contexto monotongação de /ej/ em /e/ e o grupo escolaridade. Os percentuais mais expressivos observados estão com o grupo dos falantes do Ensino Fundamental Incompleto que em 59 (32,4%) ocorrências cometeram mais desvios da regra e, o grupo dos falantes do Ensino Superior que realizaram 42 (23,1%) ocorrências usadas em construções de usos regular da norma padrão. Pelos dados amostrados nessa tabela infere-se que quanto menor escolaridade tiver o indivíduo menos aplicação à

regra da norma culta e quanto mais escolarizada maior o favorecimento na aplicação da regra da norma culta.

TABELA 22 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo classe social

Classe Social	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
Baixa	7	3,8	59	32,4	66	100,0
Média	55	30,2	61	33,5	116	100,0
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

Na tabela 22 verifica-se a configuração dos resultados entre o cruzamento da variante do ditongo /ey/ em /e/ e o grupo classe social. A análise realizada aponta os resultados mais expressivos pertencentes à classe social de renda baixa que praticou maior desvios da regra da norma culta em 59 (32,4%) ocorrências e as construções com aplicação da regularidade da norma culta pertencem à classe social de renda média com 7 (3,8%) ocorrências.

TABELA 23 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável da monotongação de /ej/ em /e/ uma amostra em função do grupo informantes.

Informantes	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1	11	6,0	6	3,3	17	100,0
2	1	0,5	20	11	21	100,0
3	2	1,1	15	8,2	17	100,0
4	15	8,2	6	3,3	21	100,0
5	8	4,4	17	9,3	25	100,0
6	9	4,9	5	2,7	14	100,0
7	2	1,1	11	6,0	13	100,0
8	10	5,5	16	8,8	26	100,0
9	4	2,2	24	13,3	28	100,0
Total	62	34,1	120	66	182	100,0

A tabela 23 o resultado dos dados amostrados mais significantes do cruzamento da variante do ditongo /ey/ em /e/ e o grupo informantes indicaram os informantes 2, 3, 7 e 9 como os que praticaram maior número de construções com desvios da norma culta e as construções com maior realizações da norma culta pertencem aos informantes 1 e 4. Diante do exposto, também não há diferença marcante entre os informantes que praticam desvios da norma culta e os falantes que praticam a realização da norma culta, tida como a norma de prestígio.

c) Ditongação das vogais /a/,/o/,/u/ e /e/ seguidos de sibilante (s ou z).

A formação dos ditongos terá resultado de determinados fenômenos fonéticos, entre esses está a ditongação, um fato fonético muito difundido nas linguagens populares do Brasil. A ditongação se caracteriza como a denominação correspondente à passagem de um *hiato*, ou de uma vogal, a ditongo. Na verdade, a ditongação são alterações fonéticas na palavra. Embora essas alterações não levem à alteração no significado, apesar de algumas vezes serem tão profundas que chegam a alterar a um feixe de fonemas, parecendo não haver nenhuma relação entre a nova forma e o vocábulo primitivo.

Sobre a ditongação, Amaral (1976: 8-13) diz:

as vogais tônicas, em regra, não sofrem alteração. o único fato importante a assinalar com relação a estas é que, quando seguidas de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nós, láiz.

Alguns estudiosos afirmam que as mudanças na língua são naturais, e pode mesmo ser que, um dia, não se restringiram apenas ao vocabulário, apontam algumas mudanças fonéticas, iniciadas na fala dos escravos, que ainda se mantêm em algumas variedades do português do Brasil, como por exemplo, na comunidade gaúcha de Dourados, as vogais tônicas de palavras oxítonas terminadas em "s", mesmo as grafadas com "z", se tornam ditongos: *cruz* > [ˈkruys], *paz* > [pays]; *faz* > [ˈfaiz]; *fez* > [ˈfeiz]; *mãs* > *más* > [ˈmais]; *nós* > [ˈnóis]; *vez* > [ˈveiz]; *mês* [ˈméis]; *dez* > [ˈdeiz]; *três* > [ˈtreis]. Vejamos alguns exemplos do *córpus*:

(15) ...*não sei de que ladu elis sopram mais éumabrisa..*(resposta 031, 1MASm).

(16) ...*quando eli pôs o pé nu estribu...que fez menção de monta...o arriou virou....e eu cai.....então elis mandavam durante o meus uma orde pra pagá o Paraguai era uma capinha azul, cabia treis filera de libra de pezinhu encostadinhu...*(resposta 143, 7FCEm).

Examinemos os resultados da pesquisa das variantes ditongação das vogais /a/, /o/, /u/ e /e/ seguidos de sibilante (s ou z) nas tabelas: 24, 25, 26, 27, 28, 29 que se seguem.

TABELA 24 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z).

Vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z).	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	F	%		
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

A tabela 24, cruzamento da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/ e /e/ seguidas de sibilante (s ou z) obtiveram 26 ocorrências, desse total, 7 (27%) ocorrências operaram com (**R**) realização fonética regular padrão e 19 (73,1%) ocorrências resultaram às construções em que houve (**D**) diversidade de realização fonética não-padrão.

TABELA 25 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo sexo.

Sexo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	F	%		
Masculino	6	23,1	8	30,8	14	100,0
Feminino	1	3,8	11	42,3	12	100,0
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

A tabela 25 apresenta o cruzamento da variável ditongação das vogais /a/, /o/,/u/ e /e/ seguidas de sibilante (s ou z) e o grupo sexualidade. Pelos resultados indicados nessa tabela, foram as mulheres que preferiram as construções, tidas pela norma culta, como estigmatizadas em 11 (42,3%) ocorrências e usaram da regra de norma culta em apenas 1 (3,8%). No contexto demonstrado pela tabela 25 nota-se que os homens atualizam menos ocorrências do que as mulheres.

TABELA 26 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo faixa etária.

Faixa Etária	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio			
	F	%	F	%	f	%
18-35 anos	1	3,8	3	11,5	4	100,0
36-55 anos	3	11,5	1	3,8	4	100,0
56 anos em diante	3	11,5	15	57,7	18	100,0
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

A tabela 26 traz os resultados do cruzamento da variável ditongação das vogais /a/, /o/,/u/ e /e/ seguidas de sibilante (s ou z), e o grupo faixa etária. A análise apontou que as atualizações mais expressivas encontram-se na faixa etária dos falantes com mais 56 anos. As demais faixas etárias não apresentaram diferenças marcantes no que respeita ao uso da regra de norma culta e para os desvios da regra da norma culta.

TABELA 27 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo escolaridade.

Escolaridade	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio			
	F	%	f	%	f	%
1ºGrau Incomp.	0	00	4	15,4	4	100,0
2ºGrau Comp.	2	7,7	10	38,5	12	100,0
Superior	5	19,2	5	19,2	10	100,0
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

Quanto à tabela 27 e o contexto do cruzamento da variável ditongação das vogais /a/, /o/,/u/ e /e/ seguidas de sibilante (s ou z) e o grupo escolaridade. Os dados analisados não mostram diferença marcante entre as construções de uso da regra da norma culto padrão e as formas estigmatizadas. Porém, chama a nossa atenção a configuração dos falantes do Ensino Fundamental Incompleto que cometeram maior desvios e nenhuma construção com uso da regra da norma culto padrão.

TABELA 28 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo classe social

Classe Social	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
Baixa	0	00	4	15,4	4	100,0
Média	7	27	15	57,7	22	100,0
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

A tabela 28 os resultados da análise mostra a configuração do cruzamento da variável ditongação das vogais /a/, /o/,/u/ e /e/ seguidas de sibilante (s ou z) e o grupo classe social. A análise da variável da categoria renda baixa obtiveram 4 (15,4) ocorrências atualizadas e nenhuma construção no uso regular da regra. Já a classe social de renda média tiveram 7 (27%) ocorrências com uso da regra regular e 15 (57,7%) ocorrências de com construções atualizadas. Já a classe social de renda média prefere mais a construções com desvios da regra da norma culto padrão.

TABELA 29 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variável da ditongação das vogais /a/, /o/, /u/, /e/ seguidos de sibilante (s ou z) uma amostra em função do grupo informantes.

Informantes	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1	1	3,8	1	3,8	2	100,0
2	0	00	1	3,8	1	100,0
3	0	00	1	3,8	1	100,0
4	1	3,8	0	00	1	100,0
5	1	3,8	1	3,8	2	100,0
6	1	3,8	0	00	1	100,0
7	0	00	9	34,6	9	100,0
8	3	11,5	4	15,4	7	100,0
9	0	00	2	7,7	2	100,0
Total	7	27	19	73,1	26	100,0

Na tabela 29 o informante 7 obteve maior número de ocorrências com desvios da norma em detrimento aos informantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 que não apresentaram diferenças marcantes entre os desvios lingüísticos e o uso regular da norma culto padrão.

Sobre as sibilantes, som ciciante para o autor Amaral (1976: 55), diz que:

- a) *Nos vocábulos átonos, conserva-se: os, as, nos (contração e pronome), nas, aliás, há pronunciada tendência para tornar tônicos esses vocábulos; pela ditongação: ois, ais, etc. a conjunção, mas tornou-se mais.*
- b) *Nos oxítonos, conserva-se, - salvo quando mero sinal de pluralidade: crúz, retróis, nós (nós), nuz (nóz), juiz, ingrêis, vêiz, (vez), dois, três, déiz, fáiz, fiz, diz, páiz (paz).*

A explicação dada pelo pesquisador induz a outra reflexão para esse fenômeno, a de que é impossível separar o que se passa com o s final, tomado como sinal de pluralidade, do que sucede com ele em outras circunstâncias; e também não é fácil saber até aonde vão e onde cessa a ação puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a ação analógica, do domínio das formas gramaticais.

Na pesquisa do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul, que sondou o falar da área rural em 100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e 80 de Santa Catarina também foi encontrado com alta frequência o fenômeno da ditongação. Desses pontos, uma estreita faixa ao longo do litoral colonizada em meados do século XVIII por numerosas famílias açorianas, porém, não se sabe definitivamente até que ponto o dialeto dos ilhéus efetivamente contribuíram para as características da alta frequência da ditongação naquela região.

Por serem poucos os dados, esta variável não apresenta resultados tão significativos, mas os números estão de acordo com as perspectivas.

d) A elevação de /o/ átona final a /u/

Outro fato lingüístico examinado no falar em geral da comunidade gaúcha de Dourados é a elevação do /o/ átona final a /u/. Esse fenômeno é explicado pela abertura da vogal /o/, tônica ou pretônica oral fechada, e a tônica ou pretônica oral aberta, muitas vezes tem timbres idênticos à /u/. Elevada frequência desse fenômeno foi observado no falar carioca e no português padrão de Portugal, em que a elevação dessa vogal independe muitas vezes do ambiente fonético em que se encontra. Em posição final, é comum a átona /o/ aparecer com timbre mais elevado, assemelhando-se à vogal nasal /u/. Amaral (1976: 13-24) diz que:

Na sílaba postônica dos vocábulos graves, conservam o seu valor típico. Não se operou aqui a permuta de e final por i, que se observa em outras regiões do país (oquêli, êsti), como não se operou a de o por u (povu, dígu), fenômeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do séc. XVI-XVIII.

Assim, entende-se que a átona, em posição final de palavra, fecha-se em sílaba aberta.

Vejamos alguns exemplos, abaixo, retirados do *córpus* da pesquisa:

(17) ...piquininihu... ohm! ... pitiçu... é um animal mistura de burru ... com égua...(seqüência 083, informante 2).

(18) ...ventu....minuanu, ventu friu u que traiz as frente fria...(seqüência 032, informante 3),

(19) ...sovina.... pão duru...(seqüência 181, informante 4).

(20) ...a gente cavafaz um sulcu... (seqüência 212, informante5).

(21) ...u ..tordilhu... u pingu... u baiu... (seqüência 087, informante6).

(22) ...é ...barranca du riu...(seqüência 019, informante 9).

As tabelas, 30, 31, 32, 33, 34, 35, abaixo, trazem os resultados da análise da elevação de /o/ átona final a /u/.

TABELA 30 – Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos realização da variável dependente uma amostra em função da elevação de /o/ átona final a /u/.

elevação de /o/ átona final a /u/	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		com desvio		f	%
	f	%	f	%		
Total	58	9,4	557	90,6	615	100,0

A tabela 30 traz o total de 615 ocorrências elevação de /o/ átona final a /u/. Vê-se que em termos percentuais 58 (9,4%) ocorrências operaram com (**R**) realização fonética regular padrão e 557 (90,6%) ocorrências resultaram de (**D**) diversidade de realização fonética não-padrão.

TABELA 31 – Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo sexo.

Sexo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
Masculino	19	3,1	236	38,4	255	100,0
Feminino	39	6,3	321	52,2	360	100,0
Total	58	9,4	557	90,6	615	100,0

A tabela 31 traz os resultados em percentuais da variável sexualidade. A análise da variável elevação de /o/ átona final a /u/ apontou, novamente, o sexo feminino como

detentoras dos desvios da regra da norma culta em 321 (52,2%) ocorrências em detrimento aos homens que cometeram 236 (38,4%) ocorrências com desvios da norma culta padrão.

TABELA 32 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u uma amostra em função do grupo faixa etária.

Faixa Etária	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
18-35 anos	7	1,1	72	11,7	79	100,0
36-55 anos	11	1,8	45	7,3	56	100,0
56 anos em diante	40	6,5	440	71,5	480	100,0
Total	58	9,4	557	90,6	615	100,0

A tabela 32 traz os resultados da variável faixa etária. Chama a nossa atenção os desvios dos informantes acima de 56 anos que apresentaram 440 (71,5%) ocorrências com desvios da norma culta e em 40 (6,5%) ocorrências falaram usando a regularidade da regra padrão. Já as faixas etárias 18 a 35 anos e 36 a 55 anos obtiveram ocorrências de construções com menor desvios da regra da norma culta.

TABELA 33 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u uma amostra em função do grupo escolaridade.

Escolaridade	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1ºGrau Incomp.	6	1,0	123	20	129	100,0
2ºGrau Comp.	35	5,7	292	47,5	327	100,0
Superior	17	2,8	142	23,1	159	100,0
Total	58	9,4	557	90,6	615	100,0

A tabela 33 mostra a configuração do cruzamento da variante elevação do /o/ átona final a /u/ e o fator escolaridade. Os dados depreendidos dessa análise apresentam os falantes dos três níveis de escolaridade como detentores das construções com desvios da regra da

norma culto padrão. Porém, merece destaque, os falantes de Ensino Fundamental Incompleto como os que menos realizam a norma culta da língua.

TABELA 34 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo classe social

Classe Social	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
Baixa	6	1,0	123	20	129	100,0
Média	52	8,5	434	70,6	486	100,0
Total	58	9,4	557	90,6	615	100,0

A tabela 34 o cruzamento da variante elevação do /o/ átona final a /u/ e o fator classe social, apresentam-se significativas as duas classes sociais, selecionadas para este estudo, como detentores das construções em que há diversidade de realização fonética.

TABELA 35 - Distribuição do fator lingüístico, de acordo com o cruzamento entre a variante e o grupo informante. Tabela 23 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) de fatores lingüísticos variáveis elevação de /o/ átona final a /u/ uma amostra em função do grupo informante.

Informantes	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1	4	0,7	22	3,6	26	100,0
2	2	0,3	25	4,1	27	100,0
3	1	0,2	25	4,1	26	100,0
4	6	1,0	12	1,9	18	100,0
5	1	0,2	11	1,8	12	100,0
6	4	0,7	22	3,6	26	100,0
7	30	4,9	259	42,1	285	100,0
8	7	1,1	108	17,6	115	100,0
9	3	0,5	73	11,9	76	100,0
Total	58	94,3	557	90,6	615	100,0

A tabela 35 apresenta o cruzamento da variante elevação do /o/ átona final a /u/ e o grupo dos informantes, os resultados mais significativos dessa tabela apontam os informantes: 7 com 259 (42,1%) ocorrências; o informante 8 apresentou 108 (17,6) ocorrências e o informante 9 obteve 73 (11,9%) ocorrências como conservadores de maior desvios da regra estigmatizada em detrimento aos informantes 1,2,3,4,5,6, respectivamente. Com bases em evidências diacrônicas de estudos sobre mudanças Coutinho (1976:136-137), argumenta que é *muito comum nas linguagens populares, dado que pode se relacionar a outros fatores ligados a princípios lingüísticos, que acaba interferindo nas leis fonéticas, tais como: menor esforço, economia lingüística, analogia e variação.*

5.5. Discussão dos resultados absolutos e percentuais totais

Apresentamos a seguir a análise o entrecruzamento das variáveis sociolingüísticas: **r** - apagamento do /r/ final do infinitivo, **e** - monotongação dos ditongos tônicos /ej/ em /e/, **d** - ditongação das vogais /a/,/o/,/u/ e /e/, **o** - elevação de /o/ átona final a /u/ e os contextos dos fatores extralingüísticos: sexo, faixa etária, escolaridade, classe social e informantes uma amostra em função de variáveis dependentes: **(R)**- Realização fonética regular padrão e **(D)** - Diversidade de realização fonética não-padrão. O presente estudo procurou investigar também se havia uma diferença de frequência entre essas variáveis conforme se apresentam as tabelas e figuras a seguir.

TABELA 36 – Distribuição de frequência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o**, uma amostra em função da realização da variável dependente.

Fatores Fonéticos r, e, d, o	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		F	%
	f	%	F	%		
Total	155	17,4	737	83	892	100,0

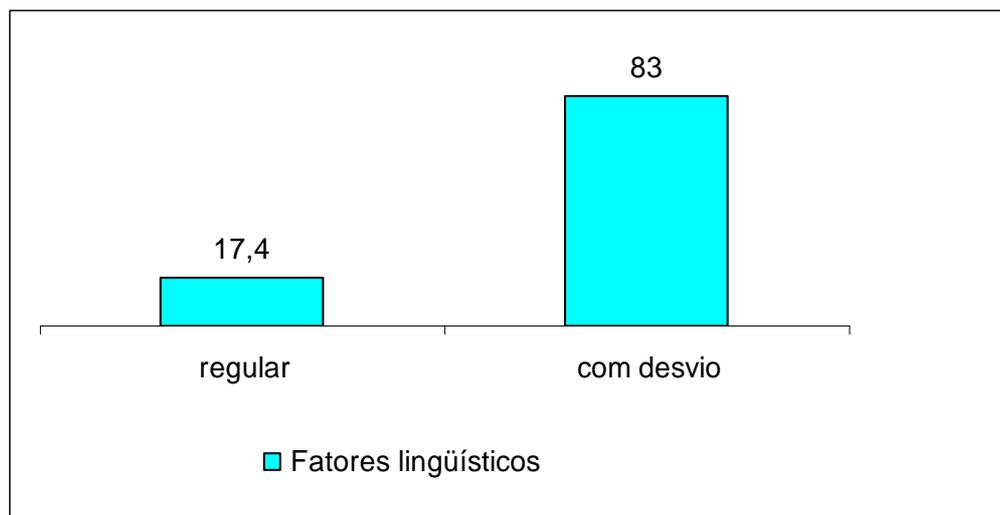


FIGURA 2 – Distribuição de percentual de fatores lingüísticos **r, e, d, o** de acordo com a variável dependente em uma amostra de 5 indivíduos masculinos e 4 femininos.

Analisando-se os dados amostrados na tabela 36 nos contextos das variáveis independentes **r, e, d, o**, verificamos que prevaleceram no falar da comunidade gaúcha 737 (83%) ocorrências, cuja pronúncia mostra diversidade de realização fonética e, em 155 (17,4%) ocorrências, correspondendo a construções com realizações fonéticas regulares.

TABELA 37 – Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo sexo, uma amostra em função da realização da variável dependente.

Sexo	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		F	%
	f	%	F	%		
Masculino	83	9,3	331	37,1	414	100,0
Feminino	72	8,1	406	45,5	478	100,0
Total	155	17,4	737	82,6	892	100,0

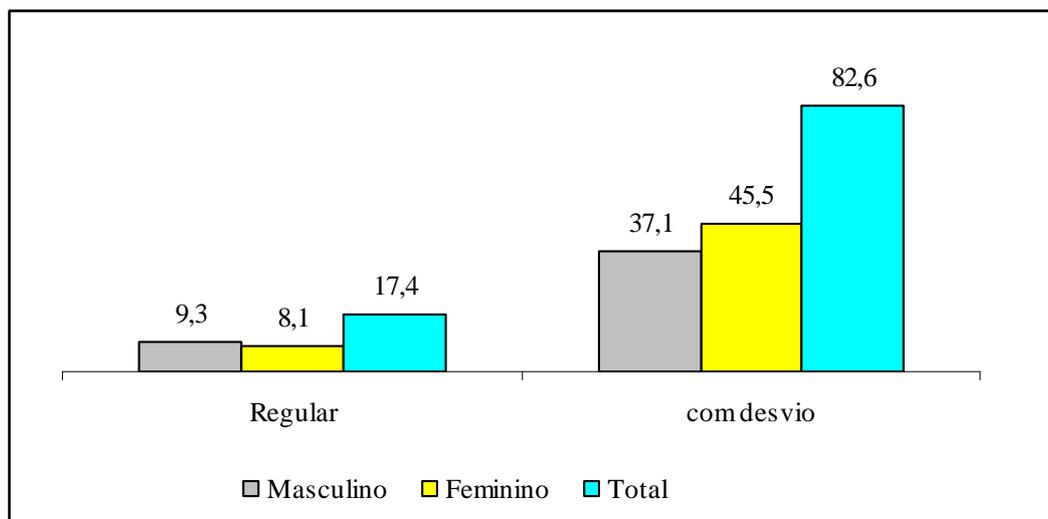


FIGURA 3 - Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo sexualidade, considerando a variável dependente.

Quanto aos resultados totais do entrecruzamento das quatro variáveis independentes da tabela 37 e do gráfico 2, pode-se perceber que a regularidade de pronúncia dos homens foi de 9,3% e as mulheres tiveram 8,1% de pronúncias regulares. No que respeita à diversidade de realização fonética e o grupo sexualidade os homens correspondentes a 37,1% e as mulheres 45,5% desvios da regra culta padrão. Observando os resultados absolutos e percentuais totais, averiguamos que tanto os homens como as mulheres tiveram índices altos de atualizações, isto significa dizer que, a diversidade de realização fonética de ambos os sexos da comunidade gaúcha é mais significativa do que a pronúncia da regularidade.

TABELA 38 - Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo faixa etária, uma amostra em função da realização da variável dependente.

Faixa Etária	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		F	%
	f	%	f	%		
18-35 anos	35	3,9	131	14,7	166	100,0
36-55 anos	51	5,7	81	9,1	132	100,0
56 anos em diante	69	7,7	525	58,9	594	100,0
Total	155	17,4	737	82,6	892	100,0

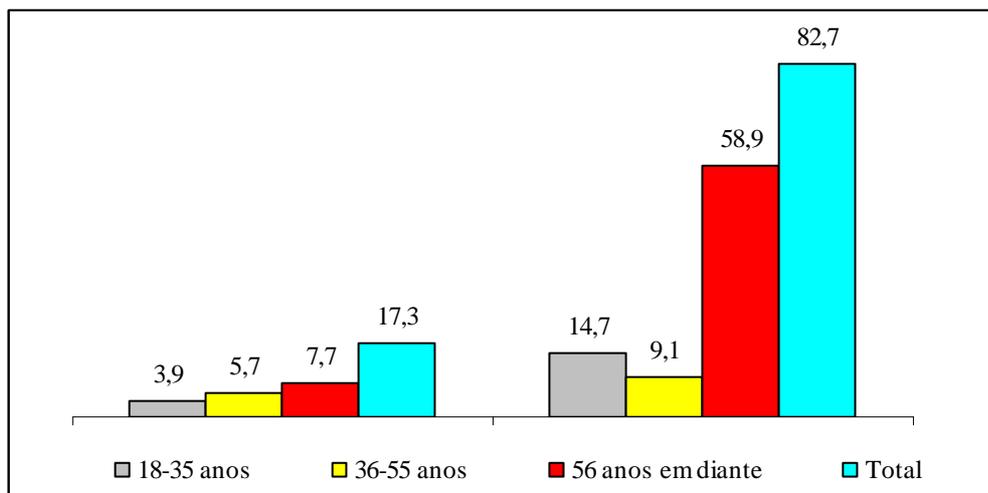


FIGURA 4 -- Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo faixa etária, considerando a variável dependente.

A tabela 38 e o gráfico 3 trazem a configuração dos resultados da faixa etária que aponta o percentual de 3,9% de ocorrências usadas com regularidade da regra da norma culta padrão dos falantes de 18 a 35 anos e 14,7% de ocorrências em que optaram pelas atualizações lingüísticas. Já os falantes de 36 a 55 anos em 5,7% realizaram construções com a norma culta padrão e 9,1% de ocorrências optaram pelas atualizações lingüísticas. Já os falantes acima de 56 anos usaram a regra da norma culta em 7,7% de ocorrências e cometeram desvios em 58,9% de ocorrências. Tais resultados indicam que no falar da comunidade gaúcha, os informantes acima de 56 anos, mostram índices elevados de pronúncia com diversidade de realização fonética irregular da fala.

TABELA 39 - Distribuição de freqüência (f) e percentual (%) entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo escolaridade, uma amostra em função da realização da variável dependente.

Escolaridade	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		F	%
	F	%	F	%		
1ºGrau Incomp.	17	1,9	207	23,2	224	100,0
2ºGrau Comp.	59	6,6	347	38,9	406	100,0
Superior	79	8,9	183	20,5	262	100,0
Total	155	17,4	737	82,6	892	100,0

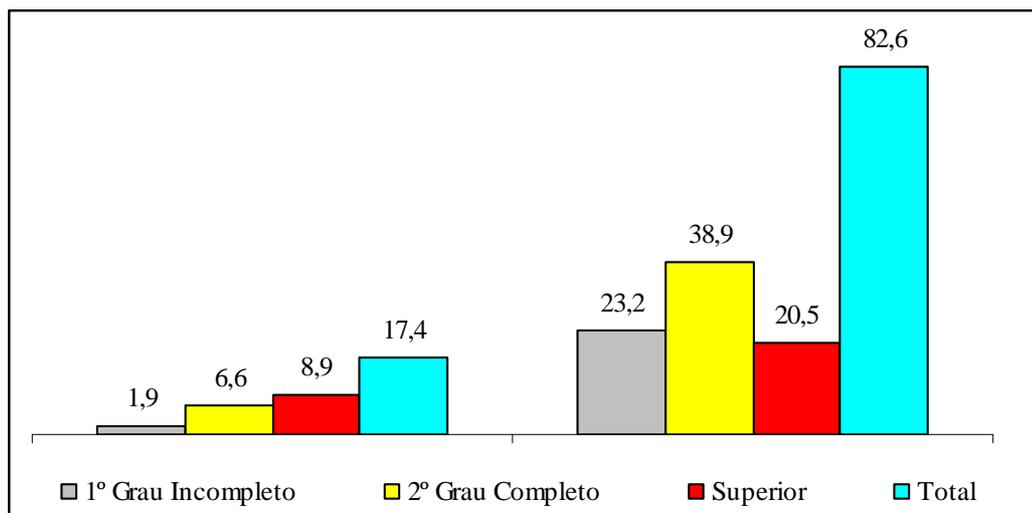


FIGURA 5: Distribuição dos dados de acordo com o entrecruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo escolaridade, considerando a variável dependente.

Quanto à tabela 39 e o gráfico 4, na totalidade dos resultados, encontra-se a seguinte configuração: os falantes do 1º Grau incompleto realizam 1,9% de realização da regra regular e para a diversidade de realização fonética 23,2%; os falantes do Ensino Médio completo apresentam 6,6%) com pronúncia da regra da norma culta e 38,9% com pronúncias de desvios da regra. Já os falantes com Ensino Superior apresentaram 6,9% com a realização da norma culta e 20,5% com realizam a regra da norma culta. Esta variável foi testada a fim de verificar se o grau de escolaridade influencia na apropriação da norma culto padrão.

Sabe-se que pela observação do cotidiano a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas. Estudiosos têm afirmado que a escola atua como preservadora das formas de prestígio. É escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.

Nos resultados percentuais averiguados, a escolaridade baixa (tabela 39), juntamente com o fator idade mais elevada (tabela 38), parecem ser os responsáveis pela variação lingüística, ou melhor, a faixa etária abaixo de 55 anos e em termos de escolarização, se não for de nível superior, indicam a existência da forma associada à diversidade regular da regra da norma culta.

TABELA 40 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) do entrecruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo classe social, uma amostra em função da variável dependente.

Classe Social	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	f	%	f	%		
Baixa	17	1,9	207	23,2	224	100,0
Média	138	15,5	530	59,4	668	100,0
Total	155	17,4	737	82,6	892	100,0

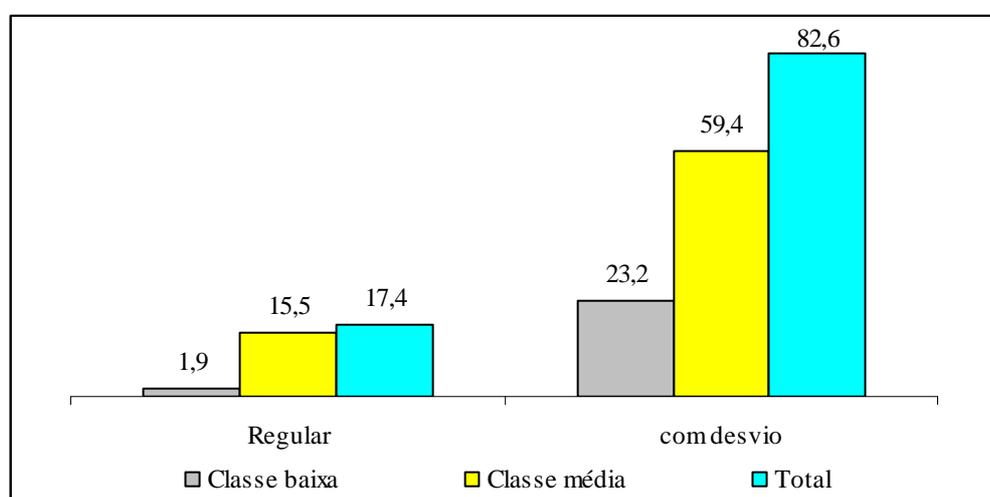


FIGURA 6 - Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo classe social, considerando a variável dependente.

O que se vê neste estudo, na tabela 40, é uma configuração dos resultados do trabalho citado acima. Tem-se, na configuração dos dados, um favorecimento a forma associada à diversidade da regra regular da norma culta padrão ao se tratar do entrecruzamento das quatro variáveis **r, e, d, o**, no que se refere à realização fonética regular padrão e a diversidade de realização fonética não-padrão e o grupo classe social.

A classe social de renda baixa realizou 1,9% da norma culta padrão e 23,2% desviaram da norma culta padrão. Já a classe social de renda média realizou 15,5% nas construções com a norma culta padrão e cometeu desvios da norma culta em 59,4% de ocorrências. Pelos dados levantados, pode-se inferir que a classe social é um fator preponderante e pode afetar o comportamento lingüístico do informante. A esse respeito Labov (1976: 111) ressalta que:

A variação no comportamento lingüístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento lingüístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante.

Entende-se que a mudança lingüística pode ocorrer em função de pressões sociais, mas a fala das pessoas, se não têm o poder de influenciar os padrões sociais, mas, pode sim, ser afetada por estes, pois a linguagem reflete não apenas a classe social do indivíduo, mas também aonde mora e trabalha.

A variação lingüística representada pela variedade de pronúncia /entonação, ou seja, pela variação fônica dá-se o nome de sotaque, de acordo com Lyons (1987: 249):

O que torna a noção de sotaque tão importante sociolingüísticamente, é que os membros de uma comunidade lingüística reagem freqüentemente a diferenças de pronúncia subfonêmicas e fonêmicas da mesma maneira, como indicadores da proveniência regional ou social do falante.

E, um pouco abaixo, Lyons (1987: 250) explica que as diferenças fonéticas entre sotaques:

Podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são. Pais e professores tentam freqüentemente eliminar o que consideram como marcas de status social inferior ou como regionalismos. Mesmo se não são bem-sucedidos, eles terão desempenhado a sua função no perpetuamento na crença geral na comunidade lingüística de que a pronúncia tal é indicadora de inferioridade social ou de educação [...].

Lyons (1987: 250) complementa dizendo ainda que *há mais variação regional na fala dos que se situam mais baixo na escala social do que na fala dos que estão mais alto.* Estudiosos da sociolingüística também confirmam que quanto mais baixo a pessoa estiver na escala social (em termos de educação, renda, profissão etc) mais o seu sotaque vai diferir do português culto e mais será marcado regionalmente.

TABELA 41 - Distribuição de frequência (f) e percentual (%) cruzamento de fatores lingüísticos variáveis independentes **r, e, d, o** e o grupo informante, uma amostra em função da variável dependente.

Informantes	Fatores lingüísticos				Total	
	Regular		Com desvio		f	%
	F	%	f	%		
1	25	2,8	31	3,4	56	100,0
2	5	0,6	53	5,9	58	100,0
3	5	0,6	47	5,3	52	100,0
4	27	3,0	20	2,2	47	100,0
5	14	1,6	31	3,5	45	100,0
6	10	1,1	30	3,4	40	100,0
7	35	3,9	286	32,1	321	100,0
8	27	3,0	132	14,8	159	100,0
9	7	0,8	107	12	114	100,0
Total	155	17,4	737	83	892	100,0

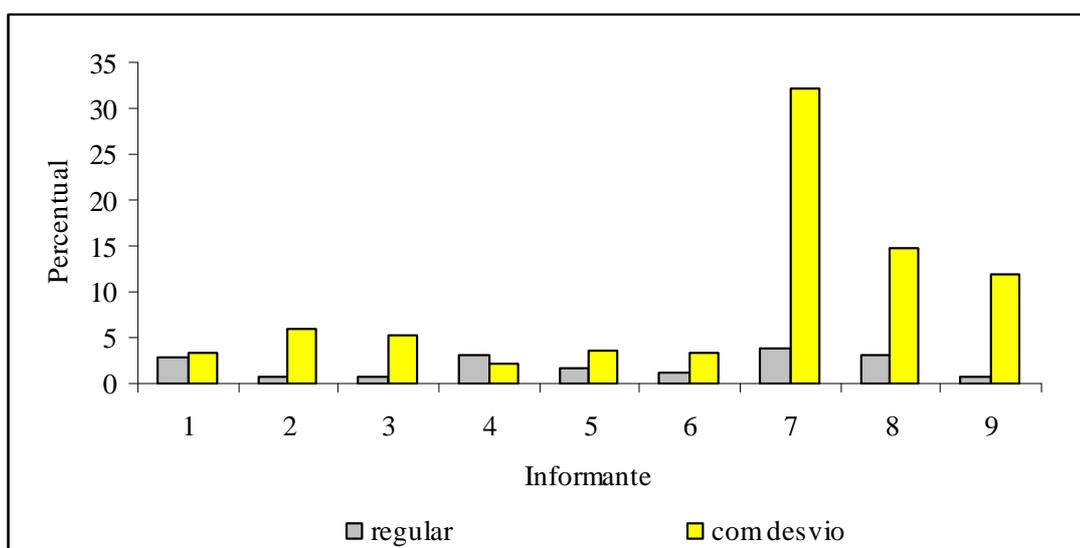


FIGURA 7 - Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento entre o grupo de fatores lingüísticos **r, e, d, o** e o grupo informante, considerando a variável dependente.

Na totalidade dos resultados apresentados na tabela 41, encontram-se as seguintes configurações: a de que prevaleceu o emprego de construções diversas à regularidade em todos os informantes: **1** 3,4%; **2** 5,9; **3** 5,3; **4** 2,2%; **5** 3,5%; **6** 3,4%; **7** 32,1%; **8** 14,8%; **9** 12). Embora, os informantes 2, 3, 5, 6 e 9 não representem um favorecimento significativo a forma associada à norma culta padrão, estatisticamente, porém do ponto de vista lingüístico são importantes.

Do mesmo modo, ao analisarmos o total da tabela 41, observamos o número significativo das 737 (83%) ocorrências correspondentes aos desvios lingüísticos em detrimento das 155 (17,4%) ocorrências de construções usadas com regularidade da norma culta da língua padrão, considerando o total geral das 892 ocorrências que constitui o *cópus* do presente capítulo.

Assim, os resultados da pesquisa revelaram que dentre as variáveis extralingüísticas, a faixa etária apresentou maior relevância, uma vez que indicou que os jovens – com idade entre 18 a 35 anos – tendem a aplicar a regra das inovações lingüísticas, enquanto os adultos – com idade acima de 56 anos – se revelaram preservadores da manutenção do vocabulário regional. Já os fatores extralingüísticos sexo, escolaridade e classe social tiveram menos relevância na aplicação da regra nas interações lingüísticas, o que permitiu conduzir as hipóteses formalizadas a uma averiguação empírica da teoria da linguagem na comunidade investigada.

Bright e Ramannujan (apud TASCA, 2000: 332) explicam que *as línguas apresentam diversidade de usos em todos os níveis de sua estrutura e sob várias dimensões, mas principalmente sob o ponto de vista social*. Disso deduz-se que existe uma variabilidade na produção da fala muitas vezes determinada por fatores sociais o que não é exclusiva de uma única comunidade de fala, mas é universal e inerente a todas as comunidades de fala.

No que respeita às análises relativas ao aspecto progressivo e das formas mais simples que, por analogia, se deduzem de outras, observamos, em nosso estudo, que as variantes lingüísticas se relacionaram tanto a fatores lingüísticos como a fatores extralingüísticos, e/ou na combinação de ambos.

Isso se confirma no que Trudgill (apud Tasca 2000: 332) diz:

... estudar uma língua sem qualquer referência ao seu contexto social significa omitir alguns dos mais complexos e interessantes aspectos da linguagem, impedindo o surgimento de novos enfoques teóricos. As pesquisas sociolingüísticas revelaram que toda a língua constitui um sistema heterogêneo cuja complexidade precisa ser explicada.

Ao término dos resultados de uma análise sincrônica de uma amostra de língua oral do apagamento do /r/ final do infinitivo, monotongação dos ditongos tônicos /ej/ em /e/, ditongação das vogais /a/,/o/,/u/ e /e/, elevação de /o/ átona final a /u/ do português brasileiro, utilizado por informantes da comunidade gaúcha de Dourados e distribuídos com o cruzamento das variáveis sociolingüísticas segundo o sexo, a faixa etária, a escolaridade e a classe social. Observa-se que o condicionamento da variação da língua em uso, aqui apresentado, pode estar condicionado por fatores lingüísticos e extralingüísticos, pelas transformações efetuadas marcada pelas inovações contínuas demonstradas, o que constitui um enriquecimento lingüístico, para o status do vocabulário regional, porém reveste-se de uma complexidade que merece ser estudada com mais profundidade em um estudo específico.

A seguir, partimos para as considerações finais, bibliografia e anexos do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer as considerações finais de um estudo que tem como tema a fala regional gaúcha não constitui um ponto final, mas é sempre um propósito incerto, mesmo se ainda com muitas falhas, e é o que pretendemos fazer, uma vez que se trata, em muitos aspectos, do inatingível.

Contudo, o que constitui impor um ponto final significa, também, deixá-lo em aberto para uma série de reflexões a respeito da variação. Significa, ainda, carregar conosco nossa história de moléstias, aborrecimentos, ansiedades, certa libertação, uma diminuição de peso, mas, de igual modo, a sensação de prazer, por conseguirmos finalizar mais esta etapa. O lucro consistiu em termos adquirido experiência. Por outro lado, porém, suscitou mais interrogações, mais dúvidas do que certezas e, acima de tudo, um desafio, visto que sentimos ser apenas o começo, que se poderá estender como um desafio maior, qual seja, chegar à compreensão ampla das muitas variáveis que determinam um falar.

Dessa forma, o estudo partiu do pressuposto que a influência na variação lexical da fala dos gaúchos é mais preservada nos adultos. Os jovens, devido à escola e à comunidade, perderam, de certo modo, as marcas do vocabulário³⁸ e/ou a forma de expressar do Rio Grande do Sul. Desse modo, indaga-se aqui se a mudança é implementada lexicalmente ou há motivação, de cunho estrutural e social na implementação da mudança? Quem conserva mais o vocabulário, homens, mulheres, jovens, velhos, falantes escolarizados ou não escolarizados, falantes pertencentes a qual faixa social? A afirmação da hipótese, certamente, reforça-se ao longo da discussão teórica e análises realizadas, bem como na teoria que tratou o assunto.

As ocorrências foram correlacionadas a duas escolhas, a saber: realização fonética regular padrão e diversidade de realização fonética não-padrão, centrou-se nas questões do apagamento do /r/ final do verbo infinitivo, monotongação dos ditongos tônicos /ej/ em /e/, ditongação das vogais /a/,/o/,e /e/ seguidos de sibilante (s ou z), elevação de /o/ átona final a /u/, a partir de um *córpus* de 1908 respostas dadas por 9 informantes da comunidade gaúcha.

Constituiu-se, como objetivo deste estudo, averiguar e levantar as variações lingüísticas nos aspectos fonéticos e lexicais, por parte de um grupo de pessoas naturais do Estado do Rio Grande do Sul e vivendo no município de Dourados (MS).

³⁸ ALVES, (1990: 9) define vocabulário como (...) *parte organizada do léxico, suscetível de inventário e de descrição.*

Dentre as principais constatações e descobertas, os resultados apresentados revelam a inexistência de uma heterogeneidade na realização fonética regular padrão apontado pelas variáveis: a faixa etária, o sexo, o nível de escolaridade e a situação sócio-econômica dos informantes deste estudo. Esses fatores foram determinantes à compreensão do que causa as variações lingüísticas, baseadas na visão vigente da teoria variacionista da Sociolingüística fundamentada nos diversos estudos sobre fenômenos de variação e/ou mudança lingüística.

A configuração dos resultados das análises nos permite chegar a algumas conclusões levando-se em consideração os quatro fatores, mencionados acima.

No contexto do fator sexualidade, a configuração dos dados obtidos evidencia que foram as mulheres que praticaram mais desvios da norma culto padrão em detrimento ao sexo masculino.

No contexto do fator escolaridade, os resultados obtidos confirmam o predomínio de formas estigmatizadas aos falantes do Ensino Fundamental incompleto em detrimento aos falantes do Ensino Superior que tendem mais ao uso padrão culto (não-estigmatizado).

No contexto do fator faixa etária, vê-se que os informantes da comunidade gaúcha com idade mais elevada refletiram mais o léxico de sua origem, demonstrando a sua expressão de lealdade com sua identidade étnica/ cultural da língua materna, e os falantes mais jovens tenderam mais as inovações lingüísticas.

No contexto do fator classe social de renda baixa e de renda média, a configuração dos resultados mostrou a preferência da classe renda baixa, pelos desvios da realização fonética regular e, os falantes de renda média realizaram mais a forma padrão culto.

Observamos que as diferenças mais comuns encontradas na fala dos gaúchos, figurantes deste estudo, encontram-se no plano fonético (pronúncia, entonação). O estudo mostrou que os gaúchos revelam um *falar cantado*, a sua pronúncia bem marcada devido à forte influência de outras culturas: da língua hispano-luso-indígena e, também, das línguas dos imigrantes alemães, italianos. E no plano lexical no uso de vocabulário distinto para designar o mesmo referente.

Á guisa de conclusão, talvez caiba colocar aqui que, hoje, percorrendo o município de Dourados, é possível observar as marcas da forte colonização gaúcha. O status do gaúcho operante na comunidade onde vivem atualmente conserva sentimentos de etnicidade, por meio da fala, pois é por intermédio desta que os valores culturais são reafirmados, identificando-os e mantendo-os integrados à cultura gaúcha. Esses migrantes, pioneiros, criaram uma nova paisagem que revela sua origem e seu modo de viver. E podemos dizer que Dourados deve, àqueles bravos migrantes gaúchos, não somente fortes impulsos de progresso

como, também, boa parte de sua originalidade, tanto pelo fato de habitarem aqui há muitas décadas, como por assumirem deveres na sociedade, tornando-se, assim, parte integrante de Mato Grosso do Sul. Nas entrevistas que realizamos, os migrantes gaúchos tiveram dificuldades em dizer se se consideravam gaúchos ou sul-mato-grossenses, e a resposta vinha rápida...*matuchos!*

Conforme já mencionamos, os fatos lingüísticos relatados, as diferenças lingüísticas, em geral, vão-se completando com os diversos linguajares regionais que utilizam o português como língua, porém, com pronúncias, vocabulários e particularidades tão variadas constituindo verdadeiros dialetos. São, entretanto, passíveis de modificações e incorporam inovações. De acordo com Marcuschi (1975: 39), *um gaúcho pode até adotar novos termos, mas dificilmente perderá o sotaque característico*, analisa o professor.

Nada mais do que necessário tomarmos consciência dessa verdade, pois, há que se dizer que o sotaque também funciona como elemento capaz de preservar a identidade do falante. O sotaque, na verdade, não deixa de ser um regionalismo.

Diante do exposto, avalia-se que, historicamente, os reflexos de uma língua sempre se fazem presentes nas gerações vindouras. Isso se aplica a tudo e, principalmente, à língua que fala, à cultura que vivencia. Assim, o povo gaúcho, como todo falante de uma língua natural, traz consigo uma heterogeneidade que acumulou de gerações passadas e a preserva nas diversas situações socioculturais. Essas características são encontradas sincronicamente e as que se reconhecem, de imediato, como sendo as de um falar próprio de migrante gaúcho mais do que de outro falar. Observamos, finalmente, que os indivíduos que integram este estudo, pela sua maneira de ser e de viver, são representantes de uma cultura que, embora sob pressões exteriores, quando saem de sua querência, sentem-se unidos e se identificam por um patrimônio comum – a sua maneira de falar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ATLAS Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: *Cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: UFRS, 2002.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BÄRNERT-FÜRST, U. Manutenção e mudança lingüística no Município de Panambi: Um estudo qualitativo e quantitativo. *Dissertação de Mestrado* inédita. Unicamp, 1989.
- BRIGHT, Wiliam. *As dimensões da Sociolingüística* In: FONSECA, M. S. V. & NEVES M. F. (orgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. (título original, 1960)
- BIANCHINI, A. *Conceptos y definiciones de hipertexto*. Venezuela: Universidad de Caracas, 2000.
- BISOL, L. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. D.E.L.T.A., VOL. 5, n. 2, 1989: 185-224.
- BOLETIM CTG, *Querência do Sul*. n. 2, 1976: 1.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- BRAGA, M. L. Variáveis discursivas sob perspectiva da Teoria da Variação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 1987.
- _____; MORAES, J.; LEITE, Y. *Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. D.E.L.T.A., v. 14, n. esp. 1998: 61-72.
- _____. LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.
- CAMACHO, R. G. Sociolingüística – Parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001: 49-75.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de fatos gramaticais*. MEC, Casa de Rui Barbosa, (Coleção Estudos Filológicos), 1956a.
- _____. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1977a.

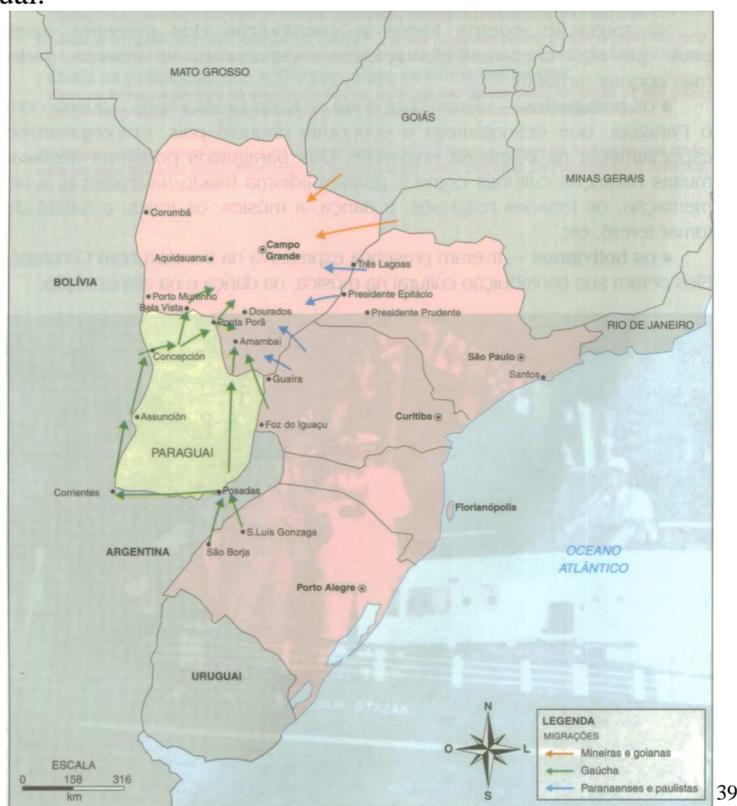
- _____. *Princípios de lingüística geral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1977b.
- CARMELO, A. da S. *Dourados: terra prometida*. Campo Grande, Gráfica Alvorada, 1973.
- COSERIO, E. *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DUBOIS. *Introduction à la lexicographie*. Paris: Larousse, 1978.
- ELIA, S. A unificação ortográfica em debate. *Revista Brasileira de Língua e Literatura*. 1987: 15-47.
- ELIZAINCIN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro*. Dialeto em Uruguai. Montevideo: Amesur, 1987.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004. CD ROOM
- FOWERAKER, J. *A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.
- GOMES, C.A.; SOUZA, C.N.R. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GRESSLER, L. A. *Memória de Dourados: ruas, edifícios e logradouros públicos*. Prefeitura Municipal de Dourados (MS), 1996.
- GUIMARÃES, E. *A Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Excertos da *Revista Brasileira de Geografia*. 9. ed. Tipos e aspectos do Brasil Rio de Janeiro: 1970: 410-411.
- LABOV, William. *Sociolinguistique*. Trad. KIHM, Alain. Paris: Les Éditions des Minuit, 1976.
- LYONS, John. *Linguagem e lingüística, uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. *Da Fala para a Escrita: atividade de retextualização*. 3º ed, São Paulo: Cortez, 2001
- MEYER, A. *Guia do folclore gaúcho*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1975.
- MENDES, G. C. F. *Conhecendo o Mato Grosso do Sul: conhecimentos históricos e geográficos*. São Paulo: Ática, 1997.
- MOLLICA, M. C. M. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MONARETTO, V. N. de O. *O pagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.35, n 1, 2000: 275 – 284.

- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Editora Simões, 1953.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NOGUEIRA, A. X. A linguagem do homem pantaneiro. São Paulo. *Tese (doutorado)* 1989: 34.
- NUNES, Z. C; NUNES, R. C. *Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul*. Apres. De Hugo Ramirez. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- OLIVEIRA B. C. & JUSTINO V. O projeto colonizador na região da grande Dourados: encontros e desencontros na malha fundiária. *Rev. geografia – UFMS, Campo Grande – MS*, 1997: 10-14 jan/jun.
- OLIVEIRA, D. P. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho. In: AGRILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998:238-239.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e (é) Identidade*. Tese doutorado. Campinas: PUC, 2001.
- SAPIR, E. *A linguagem*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1969:11.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHAFF, A. *Introdução à semântica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SILVA, V. L. P. da. A relevância dos fatores internos. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Introdução à sociolinguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- TARALLO & ALKMIN. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1997.
- TASCA, M. *A preservação da lateral alveolar na coda: uma explicação*. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2000: 332.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.
- VOTRE, S. J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 1978.
- WAGNER, C. *O Brasil de bombachas*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- WEINREICH, U. *Languages in contact. Findings and problems*. Mouton: The Hague, 1968.

ANEXOS - I

MAPAS

Mapa 1: Percurso dos migrantes gaúchos vindos para Dourados em 1870 ao final da Guerra do Paraguai.



³⁹ GRESSLER, L. A. ; SWENSON, L.J. *Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: DAG Gráfica e Editorial, 1988.

Mapa 2: Município de Dourados



Mapa 3: Rio Grande do Sul. Todas as pessoas entrevistadas são naturais das respectivas localidades marcadas no mapa.



Localidades de onde vieram os informantes da presente pesquisa:

Cruz Alta-RS

Porto Alegre-RS

Horizontina-RS

São Borja-RS

Ijuí-RS

Uruguaiana-RS

Palmeira das Missões-RS

Vacaria-RS

Passo Fundo-RS

ANEXOS - II

FICHA DOS DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

Nº do Informante:

01. Nome:

02. Alcunha:

03. Data de nascimento:..../.../.... 04. Idade 05. Sexo: M () F ()

06. Endereço:

07. Estado civil: a. () solteiro b. () casado c. () viúvo d. () outros:

08. Naturalidade:

09. Com que idade chegou a esta cidade? (caso não seja natural da localidade):

10. Domicílios e tempo de permanência fora da localidade:

11. Escolaridade:

a) Analfabeto ()

b) Mobral ()

c) Primeiro grau incompleto ()

d) Primário Completo ()

e) Segundo grau incompleto ()

f) Segundo grau completo ()

g) 3º grau incompleto ()

h) 3º grau completo ()

12. Outros cursos: a) () especialização b) () profissionalizante c) () outros:

13. Naturalidade: a) da mãe:

b) do pai:

c) do cônjuge:

14. Foi criado pelos pais?

a. () sim

b. () não

15. Em caso negativo, por quem foi criado?

16. Naturalidade da: a) mãe adotiva:

b) pai adotivo:

17. Onde exerce sua profissão (características sócio-econômicas sumárias do bairro, cidade):

17. Outras profissões/ocupações:

18. Profissão: a) do pai:

b) da mãe:

c) do cônjuge:

19. Tipo de renda: a. () individual b. () familiar

37. Que religião ou culto pratica?

38. Características psicológicas do informante: a) () tímido b)

() vivo c) () perspicaz d) () sarcástico

39. Espontaneidade da elocução: a) () total b) () grande

c) () média d) () fraca

40. Postura do informante durante o inquérito: a. () cooperativa b. () não cooperativa

c. () agressiva d. () indiferente

41. Categoria social do informante: a. () alta b. () média. () c baixa ()

43. Interferência ocasional de circunstâncias: a. () sim b. () não

44. Caracterização sumária do(s) circunstância(s)

45. Ambiente do inquérito:

46. Observações:

47. Nome do entrevistador:

48. Local da entrevista: cidade:

UF:

49. Data da entrevista:

50. Duração:

ANEXOS - III**FICHA DOS DADOS MUNICÍPIO DE DOURADOS (MS)**

01. Informações obtidas:
02. Nome oficial:
03. Nome regional
04. Nomes anteriores.
05. Nome (s) dado (s) aos habitantes: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:
06. Nome (s) dado (s) ao falar local:
 - a) pelos próprios habitantes:
 - b) pelos habitantes de outras localidades:
07. Número de habitantes: a) oficial: b) cálculo do informante:
08. Atividades econômicas predominantes:
09. Indústrias caseiras.
10. Sublocalidades (subúrbio, sub-distritos, povoações, etc.).
11. Comunicações (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.).
12. Dados sobre infraestrutura da localidade (alojamentos, escolas, hospitais, etc).
13. Dados sobre emigração.
14. Características demográficas da localidade.
15. Histórico sucinto da localidade (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes)
16. Observações gerais:

ANEXOS - IV**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL ATLAS LINGUISTICO
DE MATO GROSSO DO SUL/ALMS****QUESTIONÁRIO LINGUISTICO****1. Campo semântico: Acidentes Geográficos**

001 - PLANÍCIE

Inq.: - Como se chama aquele terreno bem plano?

002 - MORRO

Inq.: - Como se chama uma elevação de terreno não muito alta?

003 - BAIXADA

Inq.: - Terreno baixo, próximo a um rio?

004 - VALE

Inq.: - Nome que se dá a um terreno plano entre dois morros?

005 - ALAGADIÇO

Inq.: - E o terreno que permanece coberto de água cada vez que o rio sobe demais?

006 - BANHADO/CORIXO

Inq.: - Lugar que está sempre cheio de água e coberto de vegetação, como aguapés, etc.

007 - RIO

Inq.: - Nome que se dá a uma grande quantidade de água em movimento, correndo em um leito.

008 - CÓRREGO

Inq.: - Rio pequeno e estreito, como se chama?

009 - CORRENTEZA/CORREDEIRA

Inq.: - Nome que se dá aqui ao lugar onde a água corre com mais força, às vezes sobre pedras, forma o quê?

010 - MARGEM

Inq.: - E o terreno situado de um lado e de outro de um rio?

011 - VAU

Inq.: - O lugar onde se pode atravessar um rio a pé ou a cavalo?

012 - REMANSO

Inq.: - Como se chama o trecho em que o rio fica mais largo e cessa a correnteza?

013 - VAZANTE

Inq.: - Como se chama o campo quando alagado por águas de chuva?

014 - AFLUENTE

Inq.: - Rio que deságua suas águas num rio maior.

015 - BAIA

Inq.: - Extensão de água que se forma arredondada, que nunca seca e pode ter uma parte enorme recoberta por vegetação bem verde, uma pequena prainha.

016 - AÇUDE

Inq.: - Extensão de água que se forma nas baixadas, tanto naturalmente como construída pelo homem.

017 - CORDILHEIRA

Inq.: - Mata fraca que se forma ao longo das barrancas dos rios?

018 - ATOLEIRO/PINDAÍBA/BREJO

Inq.: - Terra muito macia e lodosa em que se afunda os pés ao passar nela?

019 - LAGOA

Inq.: - E nome de uma grande quantidade de água parada cercada de terra por todos os lados?

020 - POÇAS D'ÁGUA

Inq.: - Água parada, acumulada em vários lugares após a chuva?

021 - NASCENTES

Inq.: - O lugar onde a água sai da terra, como se chama?

022 - BARRANCO

Inq.: - Partes altas em cada lado das estradas?

2. Campo semântico: Fenômenos Atmosféricos

023 - VENTO PREDOMINANTE

Inq.: - O vento aqui sopra normalmente de um lado? Que outros ventos você conhece? Como são esses ventos?

024 - BRISA

Inq.: - Como se chama o vento brando e fresco que sopra à tarde?

025 - ASSOPIO DO VENTO

Inq.: - E o som que o vento faz, como se chama?

026 - TIPOS DE NUVEM

Inq.: - Quais os tipos de nuvens que conhece?

27 - FASES DA LUA

Inq.: - Quais as fases que a Lua tem?

028 - CÍRCULO NA LUA

Inq.: - a) Como se chama aquela roda que fica em volta da Lua? b) Ela indica alguma coisa?

c) Quais as fases que a lua tem?

029 - MANCHAS NA LUA

Inq.: - a) Na lua cheia, o que as pessoas dizem enxergar na Lua? b) - O que representam essas manchas?

030 - NUBLADO

Inq.: - Quando o céu está coberto de nuvens, diz-se que ele está o quê?

031 - NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

Inq.: - E aquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância?

032 - ESTRELA CADENTE

Inq.: - Nas noites estreladas como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu?

033 - ESTRÊLA D'ALVA

Inq.: - Como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu?

034 - TRÊS MARIAS

Inq.: - E aquelas estrelas que estão sempre juntinhas?

035 - VIA LÁCTEA

Inq.: - Em noites estreladas, aquela faixa esbranquiçada, que fica bem no meio do céu?

036 - ARCO-IRIS

Inq.: - a) E as listas coloridas que aparecem no céu depois da chuva? b) - Outros nomes dados a isso? E quais são as cores do aro-iris?

037 - MORMAÇO

Inq.: - Quando o tempo está abafado e úmido, diz-se que faz um...

038 - GAROA

Inq.: - Que nome se dá à chuvinha miúda, demorada?

039 - CHUVA DE PEDRA

Inq.: - E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva?

040 – TEMPORAL

Inq.: - E aquela chuva com vento forte, com vento, que pode até derrubar casas?

041 – TROMBA D'ÁGUA

Inq.: - E a chuva com vento forte, derramada, que alaga tudo e cai de repente.

042 – TROVÃO

Inq.: - Como se chama aquele barulho que se escuta após um raio em dia de chuva?

043 – RELÂMPAGO

Inq.: - E a claridade breve e rápida que aparece no céu antes do trovão?

044 – REDEMOINHO

Inq.: - Como se chama aquele vento forte que vai girando, girando e levanta poeira, folhas e outras coisas leves para o ar?

046 – ORVALHO

Inq.: - E aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?

047 – GEADA

Inq.: - Que nome se dá àquele frio tão intenso que cai uma nevasca e queima as plantações?

048 – ENXURRADA

Inq.: - Água que fica correndo depois da chuva, enche as ruas, as calçadas/

3. Campo semântico: Flora

049 - ÁRVORE

Inq.: - - E o nome que se dá às plantas altas, que têm tronco grosso e muitos galhos. (apontar uma árvore).

050 - POMAR

Inq.: - Que nome se dá a uma plantação de árvores frutíferas, geralmente perto de casa e cercada?

051 - ÁRVORES COMUNS

Inq.: - Diga o nome das árvores mais comuns aqui na região. Frutíferas.

052 - MADEIRA DE LEI

Inq.: - As árvores que dão madeira de lei?

053 - ÁRVORES MEDICINAIS

Inq.: - a) Quais as árvores medicinais que conhece? b) Quais partes servem de remédio?

054 - CAPÃO

Inq.: - Lugar no campo, não muito extenso, onde existem muitas árvores juntas, formando uma área mais ou menos arredondada?

055 - MEXERICA

Inq.: - E o nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão?

056 - GOIABA

Inq.: - E aquela fruta que se come com casca e tudo e que pode ter bicho dentro dela?

057 - ESPÉCIES DE BANANAS

Inq.: - a) Quais as espécies de banana que conhece? b) Para colher as bananas o que se corta?

058 - GÊMEAS

Inq.: - Que nome se dá àquela bananas que nascem grudadas?

059 - COGUMELOS

Inq.: - E aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres?

060 - ERVAS MEDICINAIS

Inq.: - - Quais as ervas medicinais que conhece?

Inf.: - O BOLDO, A ERVA CIDREA, A MARCELA.

061 - PLANTAS QUE DÃO SORTE

Inq.: - Quais as plantas que dão sorte e que as pessoas costumam plantá-las na frente da casa ou no quintal?

4. Campo Semântico: Fauna

062 - PÁSSAROS SELVAGENS

Inq.: - Quais os pássaros do mato, do banhado, que conhece por aqui?

063 - AVES CASEIRAS

Inq.: - E as aves criadas no quintal da casa?

064 - EMA

Inq.: - De todas as aves que conhece, qual é a maior?

065 - JOÃO-DE-BARRO

Inq.: - E aquele pássaro que faz sua casinha de barro?

066 - GARÇA

Inq. - Como se chama àquela ave, geralmente branca, de pescoço fino, muito comum, principalmente nos campos, no meio do gado?

067 - ESPÉCIE DE GALINHAS

Inq.: - Quais as espécies de galinhas que conhece?

068 - INDEZ

Inq.: - E aquele ovo que se deixa no ninho para que a galinha venha botar ali outra vez?

069 - ANIMAIS SELVAGENS

Inq.: - Quais os animais selvagens mais comuns na região?

070 - ANIMAIS DE GRANDE PORTE

Inq.: - E os animais de grande porte, criados pelo homem no campo?

071 - NOME DOS CAVALOS

Inq.: - Quais os nomes dados aos cavalos pela cor do pêlo ou devido a algum sinal que tenha no corpo?

072 - POTRILHO

Inq.: - O cavalo bem novinho, como se chama?

073 - NAMBI

Inq.: - E o cavalo que tem uma orelha caída, como se chama?

074 - LONANCO

Inq.- Cavalo que puxa uma perna, porque tem um defeito nos quadris?

075 - ARREIO

Inq. - Peças que se colocam sobre o cavalo para montar nele?

076 - CINCHA

Inq.: - Peça de couro que é passada por cima do arreio e aperta a barriga do cavalo, para firmar o arreio, como se chama?

077 - BAIXEIRO

Inq.: - Qual a peça do arreamento que se coloca embaixo do arreio?

078 - PELEGO

Inq.: - Qual a peça do arreamento que se usa em cima do arreio para deixá-lo macio?

079 - BALDANA

Inq.: - Peça de couro macio usada sobre os pelegos?

Inf.: - A BALDANA

080 - ARREADO

Inq.: - Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado?

081 - APEAR

Inq.: - Descer do cavalo é...

082 - TOURO

Inq.: - Como é chamada a rês reprodutora não castrada?

083 - BEZERRO

Inq.: - E a rês bem novinha, como é chamada?

084 - SOBREANO

Inq.: - E o bezerro com mais de um ano e menos de dois?

085 – UM SÓ CHIFRE/TRONCHO

Inq.: - Como se chama o animal que só tem um chifre?

086 - MOCHO

Inq.: - E o animal sem chifre?

087 - BAGUAL

Inq.: - E aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

088 - MALHADOR

- Lugar onde o gado se reúne para dormir no campo?

089 - ESPÉCIES DE PEIXES

- Que tipo de peixes são comuns nos rios daqui?

090 - ESPÉCIES DE COBRAS

- Quais as cobras que são mais conhecidas por aqui?

091 - ESPÉCIES DE TATU

- Quais as espécies de tatu?

092 - LAGARTO

- Como se chama aquele bicho que se parece com o jacaré, mas é bem menor e gosta de comer ovos?

093 - LAGARTIXA

- E aquele bichinho que parece um lagarto e que anda pelas paredes e teto das casas?

094 - CARRAPATO

- E aquele que gruda na pele da gente e vai chupando o sangue e gruda também nos animais?

095 - VAGA-LUME

- E o inseto que voa à noite, ascende e apaga uma luz?

096 - BESOURO

- Bichinho preto, de casca dura, que fica voando em volta da luz?

097 - BORBOLETA

- Inseto de asas coloridas que voa de flor em flor?

098 - ABELHA

- Insetos que dão o mel?

099 - TIPOS DE ABELHAS

- Quais os tipos de abelhas que conhece?

100 - CASA DE MARIMBONDOS E SIMILARES

a) - Como se chama a casa, o lugar onde moram os marimbondos?

b) - E as abelhas?

102 - ESPÉCIES DE FORMIGAS

a) - Quais as espécies de formigas mais conhecidas por aqui?

b) - Como se chama o caminho que essas formigas fazem?

102 - MOSQUITO

- Nome daquele inseto que, à noite, fica cantando no ouvido da gente e pica doído?

5. Campo semântico: Características Físicas

103 – CAOLHO/ZAROLHO

- E quem só enxerga com um olho, porque perdeu o outro?

104 – VESGO (OLHO TORTO)

- E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?

105 - CANHOTO/CANHOTA

- a) - O homem que usa a mão esquerda para pegar as coisas?
- b) - E se dor mulher?
- 106 – DESTRO
- E o que usa a mão direita?
- 107 – COXO/RENGO
- E a pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade?
- 108 – PERNETA
- E a pessoa que só tem uma perna?
- 109 – CAMBOTA
- E a pessoa que tem as pernas arqueadas para dentro?
- 110 – ZAMBETA
- E aquele que tem as pernas voltadas para fora, e os dois pés tortos?
- 111 – SARACURA
- Mulher, que tem as pernas finas e compridas?
- 112 – CORCUNDA
- E a pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado?
- 113 – NARIGUDO
- E quem tem o nariz muito grande?
- 114 – GRISALHOS
- Como ficam os cabelos quando a pessoa começa a envelhecer?
- 115 – GAGO
- E quem tem dificuldade de falar o que é?
- 116 – FANHOSO
- E a pessoa que fala pelo nariz?
- 117 – PELUDO
- E quem tem muito pêlo no corpo?

6. Campo Semântico: Cultura e Convívio

- 118 - Ó DE CASA
- Ao chegar a uma casa estranha o que se grita para chamar alguém?
- 119 – PEDIR A BENÇÃO
- Como se diz para pedir a benção dos pais, padrinhos, Papa?
- 120 – DEUS TE ABENÇÕE
- o que eles respondem?
- 121 – SENHOR/SENHORA
- Qual é o tratamento que se usa para se dirigir ao pai, mãe, pessoas estranhas?
- 122 – VOCÊ
- E quando se dirige a alguém mais próximo, como aos filhos?
- 123 – MAL-EDUCADA
- Uma pessoa que não tem educação é...
- 124 – RANZINZA
- E a pessoa que parece estar sempre irritada?
- 125 – BURRO
- E aquele indivíduo pouco inteligente, que não entende nada?
- 126 – FACEIRA
- A pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida?
- 127 – CONVENCIDA
- E aquela pessoa que se acha muito bonita e importante?
- 128 – BENZEDEIRA
- E a pessoa que algumas mães levam as crianças quando estão minguadas?

129 – CURANDEIRO

- A pessoa que faz remédios caseiros, garrafadas?

130 – BAJULADOR

- Pessoa que vive adulando os outros?

131 – SOVINA

- Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?

132 – PARTEIRA

- A mulher que ajudava, antigamente, as crianças a nascerem?

133 – RASTEIRA

- Como se diz quando uma pessoa procura derrubar a outra usando a perna?

134 – CADEIA

- O lugar onde são trancados os criminosos, ladrões?

135 – DINHEIRO

- O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?

136 – POSSEIRO

- Como se diz para a pessoa que mora e trabalha em terras alheias, sem licença do dono?

137 - USUCAPIÃO

- E quando uma pessoa ocupa terra de outra por muito tempo, e se torna dono dela, que nome se dá a isso?

7. Campo Semântico: Trabalho e Atividades Agropastoris

138 - TIPOS DE TERRA

- Existem terras de várias cores. Que nome se dá a esses diferentes tipos de terras?

139 - FÉRTIL

- Que nome se dá a terra onde tudo que se planta cresce bem?

140 - ESTÉRIL

- E a terra ruim, onde é difícil crescer alguma coisa?

141 - PRODUTOS MAIS CULTIVADOS

- Quais os produtos agrícolas mais cultivados por aqui?

142 - AGRICULTOR

- Como se chama a pessoa que planta e colhe esses produtos?

143 - INSTRUMENTOS USADOS

- Quais os instrumentos agrícolas mais usados?

144 - ARAR

- Aquele instrumento puxado por boi ou cavalo, é usado para quê?

145 - GRADEAR

- Para quebrar esses torrões de terra e aplainar a terra o que é preciso se fazer?

146 - GRADE

- Qual o instrumento usado para isso?

147 - ROÇAR

- Como se diz quando se vai preparar a terra, derrubando o mato baixo?

148 - ROÇA

- Como se chama o lugar onde se planta milho, arroz, soja?

149 - CARPIR

- Quando se vai limpar o matinho com a enxada diz-se que vai se fazer o quê?

160 - COVA

- O que se faz com a enxada para plantar a semente?

161 - SULCO

- Lugar onde se larga a semente ou se muda depois de lavrada a terra?

162 - MILHO

- E aquelas plantas que dão em espigas?
163 - TIPOS DE MILHO
- Quais os tipos de milho que conhece?
164 - ESPIGA
- Como se chama àquelas partes do milho onde ficam os grãos?
165 - CABELOS DE MILHO
- E aqueles fios que ficam na ponta da espiga de milho?
166 - RESTOLHO
- Como se chama aquela espiga que quase não tem grãos?
167 - BANDEIRA
- Como se chamam aqueles montes de milho colhido que o roceiro vai formando na própria lavoura?
168 - DEBULHAR
- Quando se vão separar os grãos da espiga, diz-se que se vai fazer o quê?
169 - MÃO DE MILHO
- Como se mede a quantia de espigas colhidas?
170 - ESPÉCIES DE MANDIOCA
- Quais as espécies de mandioca que conhece?
171 - TIPOS DE FEIJÃO
- Quais os tipos de feijão que conhece?
172 - VAGEM
- Os grãos de feijão ficam dentro de quê?
173 - COLHER
- Quando o milho, o feijão, estão maduros, estão prontos para se...
174 - PAIOL
- Como se chama o depósito onde se guarda a colheita?
175 - BOLSA DE ESTOPA
- Dentro de que se guardam os grãos?
176 - MEIOS DE TRANSPORTES
- Em que se transporta a colheita da roça para casa ou para a cidade?
177 - REBOQUE/CARRETINHA
- Como se chama o veículo de carga puxado por outro veículo?
178 - FELPA
- E aquele pedacinho fino e pontudo de madeira que finca nos dedos?
179 - RODA D'ÁGUA
- Como se chama àquela armação bem alta, com uma roda de hélice na ponta, tocada pelo vento e que serve para tirar água de poço?
180 - CAPATAZ
- como se chama a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar?
181 - ARRENDATÁRIO
- Como se chama a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar?
182 - DE À MEIA
- E o trabalho em sociedade, metade para um, metade para outro com se chama?
183 - BOIADEIRO
- E a pessoa que compra e vende gado?
184 - PEÃO CAMPEIRO
- Pessoa que é paga para realizar o trabalho de campo nas fazendas?
185 - PEÃO PRAIERO/CASEIRO
- Pessoa que é paga para realizar o trabalho em volta da sede de uma propriedade rural?
186 - CHANGUEIRO

- E a pessoa que não tem trabalho fixo, realiza um serviço aqui, outro ali?

187 - APARTAÇÃO

- Quando se reúne o gado no mangueiro para vaciná-lo, para separá-lo, diz-se que se vai fazer o quê?

188 - CARNEAR

- Quando se vai matar a rês gorda para consumo da fazenda, diz-se que se vai fazer o quê?

189 - MATULA

- Essa rês como é chamada?